

Ivanize Valéria dos Santos Lima Moreno

**PROJETO DE VIDA E ESCOLHA PROFISSIONAL:
Fenomenologia da Vocação**

**Juiz de Fora
2005**

Ivanize Valéria dos Santos Lima Moreno

PROJETO DE VIDA E ESCOLHA PROFISSIONAL:
Fenomenologia da Vocação

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito
à obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Conhecimento e Linguagem

Orientador: Prof. Dr. Adlai Ralph Detoni
Universidade Federal de Juiz de Fora

Juiz de Fora
Faculdade de Educação da UFJF
2005

Folha de Aprovação

Dedico este trabalho ao meu Deus Todo Poderoso, Autor da vida, fonte de sabedoria e de paz e a Jesus, meu bem supremo, sentido maior da minha existência.

Agradecimentos

Ao meu orientador Adlai, que apostou em mim de forma tão generosa. Com ele vivenciei a possibilidade de realizar um trabalho com liberdade e seriedade. Obrigada também por respeitar-me como profissional.

Ao meu marido Reinaldo, que com sua inigualável paciência, soube me incentivar em meus momentos de angústia.

À minha filha Carolina e ao meu filho Filipe, que enchem a minha vida de alegria.

Ao meu pai querido, por sua disposição constante em me conduzir nas idas e vindas a Juiz de Fora e me proporcionar o prazer de sua companhia.

À minha mãe, que me ensinou com seu exemplo de vida a ser determinada e persistente.

À Ângela, minha amada irmã, por sua disponibilidade constante.

Ao Giovanetti, meu professor estimado, que se tornou uma importante referência no exercício de minha docência.

Ao João Bosco, pelo apoio e incentivo e por suas valiosas contribuições intelectuais.

À Diva, que com suas sugestões, possibilitou o enriquecimento deste trabalho.

À professora Sandra e à Mirtes, que me ajudaram a viabilizar o percurso para a realização deste projeto..

À Lúcia, secretária do Departamento de Psicologia da UFSJ, por socorrer-me, sempre que necessário, nas questões burocráticas.

Sumário

Resumo	06
Abstract.....	07
Epígrafe.....	08
Introdução.....	09
Cap. 1 – Pós-Modernidade: Um horizonte de significações	15
Cap. 2 – Vocação: destino ou escolha?	22
2.1 Teorias da Escolha Profissional	23
Cap. 3 – Fenomenologia Existencial	36
3.1 Principais Idéias da Fenomenologia.....	40
3.2 Intencionalidade da Consciência	41
3.3 Análise Intencional	42
Cap. 4 – A Concepção de Projeto e de Liberdade em Sartre.....	44
Cap. 5 – A Concepção de Tempo e de Angústia em Heidegger.....	47
5.1 A hermenêutica de Heidegger.....	50
Cap. 6 - Procedimentos Metodológicos.....	52
6.1 Coleta de Dados.....	54
6.2 A Técnica Utilizada.....	55
Cap. 7 – Indo ao encontro da expressão do vivido	57
7.1 A Sistematização das Entrevistas.....	57
7.1.1 Sujeito 1	59
7.1.2 Sujeito 2	71
7.1.3 Sujeito 3	85
7.1.4 Sujeito 4	98
7.2 Apresentação Descritiva das Vivências	111
7.3 Estrutura Geral das Vivências	119
Cap. 8 – Articulando Um Diálogo Final	121
Considerações Finais	128
Referências Bibliográficas.....	132

Resumo

Moreno, Ivanize Valéria dos Santos Lima. *Projeto de vida e escolha profissional - Fenomenologia da vocação*, Programa de Pós graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, 2004

Quais fatores influenciam a decisão profissional? Quais sentidos emergem da vivência da escolha da profissão? Quais significados e elaborações estão relacionados com essa vivência? Compreender esse universo que envolve a escolha profissional e sua relação com o projeto de vida pessoal é o objetivo dessa pesquisa. Para atingi-lo, foi necessário estabelecer um percurso que permitisse alcançar a questão central e também possibilitasse extrair respostas para a prática da orientação profissional. Esse percurso foi elaborado a partir de quatro referências centrais: a explicitação das Teorias da Escolha Profissional; as conceituações da Fenomenologia; Projeto e Liberdade em Sartre; Angústia e Temporalidade em Heidegger. O trabalho é iniciado com reflexões sobre o contexto atual da pós-modernidade, considerando-o como horizonte possível de significações. Sobre as teorias da escolha profissional, à luz de uma análise crítica, explicita o enfoque dado em cada uma delas para, assim, clarificar a intenção em abordar o fenômeno da escolha profissional, numa perspectiva fenomenológico existencial. As principais contribuições da Fenomenologia são citadas numa tentativa de superar a dicotomia entre os determinismos, ora psicológicos, ora sociais e econômicos, predominantes nas teorias da escolha profissional. A partir do desenvolvimento teórico das noções de projeto e liberdade, e de temporalidade e angústia, foi possível ampliar os horizontes do processo da escolha profissional, levando à compreensão o horizonte sobre o qual se esboça a decisão profissional dos sujeitos entrevistados. A metodologia escolhida para a condução do trabalho tem sua fundamentação na fenomenologia. São apresentadas quatro entrevistas, sendo duas de profissionais ex-alunos de escolas públicas e duas de estudantes do ensino médio, também da rede pública. Os conteúdos das entrevistas organizam-se em três grandes temas e algumas subdivisões: a escolha profissional (interesses, motivações e dificuldades); o projeto de vida (objetivos de vida, os conflitos, a influência do ambiente familiar); as identificações (responsabilidade pessoal, enfrentamento da realidade e referenciais de apoio). Essa organização e posterior análise permitiram verificar e compreender a estrutura geral comum a todas as vivências, destacando-se como elemento central os sentimentos de responsabilidade pessoal, desejo de reconhecimento e desejo de superação do ambiente familiar, como principais fatores relacionados à vivência da decisão profissional. A experiência da escolha profissional, portanto, revela um significado que transcende o sentido da tarefa a ser exercida na profissão para um sentido amplo dado à existência.

Palavras-chave: Escolha profissional, Projeto de vida e Fenomenologia.

Abstract

Moreno, Ivanize Valéria of Santos Lima. **Life project and professional choice - Phenomenology of the vocation**, Program of Post-graduation and Education of the University Federal of Juiz de Fora, MG, 2004

Which factors do influence the professional decision? Which senses emerge from the existence of the choice of the profession? Which meanings and elaborations are related with this existence? To understand this universe that involves the professional choice and its relationship with the project of personal life it is the objective of this research. To reach it, it was necessary to establish a course to allow to get to the central subject and it also made possible to extract answers for the practice of the professional orientation. This course was elaborated starting from four central references: the explicitness of the Theories of the Professional Choice; the concepts of Phenomenology; Project and Freedom in Sartre; Anguish and Temporality in Heidegger. The work begins with reflections on the current context of the post-modernity, considering it as possible horizon of significances. On the theories of the professional choice, to the light of a critical analysis, explicit the focus given in each one of them for clarifying the intention in approaching the phenomenon of the professional choice, in a phenomenological existential perspective. The main contributions of Phenomenology are mentioned in an attempt of overcoming the dichotomy among the determinisms, sometimes psychological and other times social and economical, predominant in the theories of the professional choice. Starting from the theoretical development of the notions of project and freedom, and of temporality and anguish, it was possible to enlarge the horizons of the process of the professional choice, taking to the understanding the horizon on which it is sketched the professional decision of the interviewees. The chosen methodology for the transport of the work has its fundamental principles in the phenomenology. Four interviews are presented, being two of professional, former-students of public schools and two of students from the secondary level, also of public schools. The contents of the interviews are organized in three great themes and some subdivisions: the professional choice (interests, motivations and difficulties); the life project (life objectives, the conflicts, the influence of the family atmosphere); the identifications (personal responsibility, facing the reality and reference support). This organization and subsequent analysis allowed to verify and to understand the general structure common to all of the existences, standing out as central element the feelings of personal responsibility, recognition desire and desire of overcoming the family atmosphere, as main factors related to the existence of the professional decision. The experience of the professional choice, therefore, reveals a meaning that transcends the sense of the task to be exercised in the profession for a wide sense given to the existence.

Keywords: Life project, Professional decision and Phenomenology

“Não que já a tenha alcançado , ou que seja perfeito, mas prossigo para alcançar aquilo para o que fui chamado. Prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus” (Apóstolo Paulo)

Introdução

Merleau-Ponty (1994), no prefácio à Fenomenologia da Percepção, ao introduzir o pensamento de Husserl, faz a seguinte afirmação:

“Eu não sou o resultado de múltiplas causalidades que determinam meu corpo ou meu psiquismo, eu não posso pensar-me como uma parte do mundo, como o simples objeto da biologia, da psicologia e da sociologia, nem fechar sobre mim o universo da ciência”. (Merleau-Ponty, 1994, p. 6)

Essas palavras traduzem, em boa parte, o motivo da minha inquietação como estudante de Psicologia, ao deparar-me com a diversidade das teorias apresentadas. Durante o curso de Psicologia, que realizei no período de 1980 a 1984, convivi com a angústia da minha indeterminação teórica.

Tantos autores, tantas dúvidas a serem esclarecidas, tantas discordâncias. Embora a Psicanálise fosse imperativa em suas formulações tão bem elaboradas e estruturadas sobre a psique humana, descontentava-me o naturalismo freudiano, reduzindo toda motivação humana à atividade instintiva e pulsional. Da mesma maneira, a objetivação do homem e sua concepção como produto de processos de condicionamento e aprendizagem afastavam-me do behaviorismo.

Descontente pela impossibilidade, ou talvez incapacidade pessoal de compreender como a dimensão existencial do homem poderia integrar-se à compreensão da personalidade humana e sobre até que ponto a liberdade, a fé, a responsabilidade seriam consideradas como aspectos relevantes no processo de estruturação dessa personalidade, estudei mantendo uma postura crítica e severa ao naturalismo e ceticismo de determinadas teorias.

Já cursando o quinto ano, fui surpreendida pelas idéias de Rogers e sua concepção sobre um homem que “parecia ser mais humano”. A ênfase nos atributos positivos do homem, a importância dada às relações interpessoais e seu enfoque na subjetividade humana atraíram-me entusiasticamente.

Dedicando-me à leitura das obras desse autor, acabei por adotá-lo como referência para a prática da psicoterapia.

Ainda nessa época, logo após me graduar, num esforço de associar as idéias da Psicanálise com os pressupostos rogerianos, fiz um curso de formação que apresentava tal proposta. Nesse mesmo período, tornei-me professora do curso de Psicologia da Faculdade Dom

Bosco, atual Universidade Federal de São João del-Rei. Como psicóloga e professora de nível superior e convivendo com a angústia de ser uma profissional principiante, realizei minha primeira especialização. Meu objetivo era buscar um aprofundamento de meus conhecimentos e maior consistência em minha orientação teórica até então definida como humanista. Tive oportunidade, então, de entrar em contato com teóricos da fenomenologia e do existencialismo, adentrando-me nesse caminho que me parecia fascinante.

A crítica dos fenomenólogos ao dualismo cartesiano entre o sujeito e o objeto, a proposta de “ir às próprias coisas”, de ir ao encontro do fenômeno e desvendá-lo tal como se mostra, independentemente de teorias a seu respeito, e a noção de intencionalidade da consciência, vinham ao encontro de minhas expectativas de poder sustentar a concepção de um homem interativo no mundo e não apenas um produto de forças externas ou internas.

A partir de então, tornei-me uma estudiosa dos autores que se inspiravam na fenomenologia para elaborarem uma teoria de personalidade e prática clínica em psicologia.

Nesse período, sem sentir-me ameaçada, como antes, pelos autores que “agrediam meu cristianismo”, fui atraída pela concepção sartreana de projeto existencial e pela noção heideggeriana de temporalidade. Diante das reflexões de Kierkegaard sobre a existência humana e seus paradoxos, pude compreender a forte influência desse filósofo nas concepções dos existencialistas contemporâneos que fundamentaram os psicólogos e psiquiatras fenomenólogos, dentre eles, Binswanger e Medard Boss.

Na necessidade de compreender muito mais sobre a fenomenologia existencial, realizei uma segunda especialização na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais sobre Psicoterapia Fenomenológico-Existencial. Em determinados momentos, a complexidade dos autores se tornava um desafio à minha capacidade de compreensão e experimentei a forte sensação de que quanto mais estudava menos sabia, carregando-a comigo até hoje.

Antes de realizar essa segunda especialização, já lecionava as disciplinas Orientação Profissional, Teorias da Personalidade e Teorias e Técnicas Psicoterápicas. Desenvolvendo projetos de extensão tanto em psicoterapia, quanto em orientação profissional, passei a deparar-me constantemente com algumas questões que se explicitavam no cotidiano de cada cliente: em que medida somos sujeitos de nossas escolhas? Somos, de fato, inteiramente livres? O sentido dado às nossas experiências é contingente, como afirma Sartre, ou em quais aspectos sofre determinações? O sujeito que escolhe tem a possibilidade de afirmar-se verdadeiramente livre?

A direção dada à nossa existência, segundo Sartre (1997), é revelada nos nossos comportamentos, que, por sua vez, são expressão de um projeto existencial. Escutando pessoas que aspiraram por um viver melhor, por uma ampliação do universo de suas possibilidades de serem felizes, passei a ocupar-me em buscar fundamentos que pudessem me levar a compreender o que seria o motivo básico do agir no mundo de cada um. Aprender o ser-no-mundo dos clientes tornou-se o meu desafio, ao acreditar que a vida não ocorre por fatores de causa e efeito e que as respostas que damos ao mundo são respostas que têm sua gênese no sentido que damos às experiências. E esse sentido não é pré-estabelecido, mas construído na interrelação de aspectos objetivos e subjetivos; a partir da forma como experienciamos cada vivência.

Diante do desafio de apreender o ser-no-mundo de meus clientes é que deparei-me com a necessidade de investigar como os adolescentes de meios mais carentes projetam suas vidas. Como vivenciam suas possibilidades e limites de escolha profissional?

Estando em contato permanente com adolescentes do ensino médio de escolas públicas, através do trabalho de coordenação e supervisão de projetos de estágio e extensão universitária em orientação profissional, há cerca de vinte anos, constatei que, embora esses sejam provenientes de um mesmo meio sócio-econômico, apresentam significativas diferenças de grau de decisão profissional. A investigação sobre os fatores que se relacionam a essas diferenças passou a constituir-se, também, num horizonte desta pesquisa. Teriam, porventura, alguma relação com o projeto de vida de cada um?

Segundo Bohoslavsky (1987), em toda escolha profissional está implícito um projeto de vida. Quer dizer, quando um jovem escolhe, por exemplo, ser um assistente social, ele também expressa um sentido dado à sua existência. Eis, então, a importância de se estudar esse projeto de vida, que é, segundo Sartre (1977), anterior a essa escolha e definidor da mesma.

Vários autores ressaltam a adolescência como um período complexo e cheio de conflitos. Destacam o sujeito da orientação profissional como alguém que "está submetido a uma das maiores crises do desenvolvimento humano, não surpreendendo ao encontrar problemas para se definir profissionalmente em meio a um turbilhão de definições ideológicas, religiosas, éticas e sexuais," (Levenfus, 1997:245). Nota-se, de fato, que esses jovens encontram-se inseguros, adotando critérios diversos para a opção profissional.

Outros autores, como Muller (1988) também enfatizam a importância de se considerar o projeto de vida no processo de escolha profissional. Nesse sentido, Fonseca (1994) aproxima as idéias de vocação e projeto de vida afirmando que:

"a concepção de maturidade vocacional adquire o seu pleno significado inserida num processo que valoriza a noção de projeto como elemento motor e significante das condutas humanas. O projeto profissional, em particular, surge como um suporte concreto que favorece a elaboração de projetos em geral em que não se limitam ao mundo do trabalho". (Fonseca, 1994, p.61)

Corroborando com essa perspectiva, Machado (1997) considera a importância da educação que deverá ter seus conteúdos disciplinares fundados em elementos mais significativos para os estudantes, não havendo nada mais adequado para isso do que a "referência aos projetos de vida de cada um deles, integrados simbioticamente em sua realização aos projetos pedagógicos das unidades escolares" (1997, p.75).

Para os autores a escola tem sido definida como o espaço onde o aluno desenvolve suas potencialidades afetivas, cognitivas e sociais e seu objetivo seria não só fornecer conhecimentos teóricos, mas também, preparar os jovens para o trabalho, oferecendo uma formação adequada para o ingresso no mundo profissional. A importância da educação no mundo pós-moderno, fundamentado em rápidas transformações sociais e econômicas, tem sido percebida e discutida por autoridades e especialistas de todas as nações desenvolvidas e em desenvolvimento. Isso fortalece a visão de uma educação que deve ser humanizante e caracterizar-se por centrar-se no aluno; seu objetivo não deve se circunscrever apenas à escolarização. Antes, "refere-se a toda educação, quer seja na psicoterapia, na vida familiar, no trabalho e inclusive, na escola (...) É abrangente pois implica em educar no sentido da realização de todas as capacidades humanas e não apenas de cognitivas". (Martins e Bicudo, 1983, p. 64). Para a autora, a educação humanizante tem a preocupação de auxiliar o aluno a tornar-se uma pessoa psicologicamente saudável.

"Ao ver o homem como possuidor de necessidades físicas e psicológicas (...) passa a respeitá-lo e a procurar propiciar-lhe liberdade para que possa ascender na escalada dessa humanização. Isso traz implicações importantes para a educação. Uma delas diz respeito aos valores implícitos à mesma. Outra, a aprendizagem do tornar-se humano, o qual por sua vez, abrange a descoberta de si mesmo, da própria identidade e, portanto, do Eu". (Martins e Bicudo, 1983, p. 64)

Considerando esse papel humanizante da escola, torna-se imprescindível conhecer o sujeito a quem se direciona essa educação, mais especificamente, o adolescente, que se encontra

num momento crítico de sua vida por vivenciar diversos conflitos inerentes a essa faixa etária. Pleno de inconstância e insegurança, esse adolescente terá que dar um passo decisivo para a entrada no mundo do trabalho.

Portanto, o educador tem à sua frente o desafio de lidar com a necessidade concreta desse adolescente que está perto de concluir o ensino médio, auxiliando-o nos conflitos que vivencia, relacionados à sua opção profissional. Observa-se que, no entanto, principalmente a escola pública tem passado por várias mudanças e a equipe de gestão escolar ocupa o lugar de primazia na elaboração e condução das práticas pedagógicas. Considerando que essas práticas pedagógicas devem guiar-se tendo em vista o seu público alvo, torna-se urgente conhecer de forma mais efetiva esse adolescente e o sentido que ele dá à sua existência, pois, esse sentido repercutirá nas suas escolhas e ações e, possivelmente, em sua relação com a escola.

Diante das afirmações até o momento mencionadas, tornou-se de grande importância compreender a relação entre o projeto de vida pessoal e a escolha profissional para que as práticas pedagógicas possam encontrar ressonância em seu público alvo, e também possam voltar-se, com mais eficácia, para o bem-estar e a saúde desse aluno, considerando a inerência entre educação, trabalho e vida saudável.

Assim, define-se como **objetivo geral** desta pesquisa investigar a vivência da escolha profissional e sua relação com o projeto de vida pessoal. E como **objetivos específicos: a)** compreender as construções de sentido que emergem da vivência da escolha profissional, buscando revelar os significados e as elaborações relacionados a essa vivência; **b)** identificar os fatores que influenciam a decisão profissional.

Para efetivar esta proposta, foi necessário sistematizar um percurso que permitisse alcançar a questão central e, também, possibilitasse extrair respostas que contribuíssem para o enriquecimento da prática em orientação profissional. Esse percurso foi elaborado a partir das seguintes referências centrais: **escolha profissional; intencionalidade da consciência; projeto e liberdade; angústia e temporalidade**. E sua estrutura ficou assim configurada:

Na seção 1, desenvolveu-se algumas reflexões sobre o contexto atual da pós modernidade, com enfoque principal na perspectiva do sociólogo Lipovetsky. Essa análise inicial nos permitirá considerar esse contexto como horizonte possível de significações que emergirão do fenômeno em estudo.

Na seção 2, buscou-se apresentar as principais teorias da escolha profissional. À luz de uma análise crítica, procurou-se explicitar o enfoque dado em cada uma dessas teorias e, assim, clarificar a intenção deste trabalho em abordar o fenômeno da escolha profissional numa perspectiva fenomenológico existencial.

Na seção 3, lançou-se o olhar para as contribuições da fenomenologia como proposta de superação da perspectiva dualista, predominante nas teorias da escolha profissional. Nessa sessão, foram dados esclarecimentos específicos sobre a proposta de Husserl para a elaboração de um método de conhecimento que nos possibilite superar essa dicotomia entre o sujeito e o objeto. Aqui, destacam-se os conceitos de intencionalidade, *époche* e redução .

Nas seções 4 e 5 situou-se a noção existencial de projeto e de liberdade, na perspectiva do filósofo Sartre, e de temporalidade e angústia na perspectiva do filósofo Heidegger. São elaboradas, nessas sessões, as principais reflexões que definem o homem na perspectiva fenomenológico existencial e que nos possibilitarão ampliar os horizontes de compreensão do processo de escolha profissional.

Na seção 6, foram explicitados os procedimentos metodológicos característicos de uma pesquisa que se afirma como fenomenológica. Em seguida, foram apresentados os critérios de composição da amostra e a técnica utilizada para a coleta dos dados.

Nas seções 7 e 8, desenvolveu-se a análise dos dados a partir da sistematização dos depoimentos, que nos forneceram o material das vivências. Elaborou-se, a partir dessa sistematização, as categorias de análise. Com essas categorias de análise, pôde-se apresentar, descritivamente, a estrutura das vivências.

Na seção 9, articulou-se um diálogo com os teóricos que nos serviram de referências para este trabalho. Tomou-se por eixo central desse diálogo a estrutura global das vivências, que emergiu a partir do estudo desta pesquisa.

Nas considerações finais, retoma-se a trajetória desenvolvida, ressaltando alguns de seus aspectos essenciais.

Capítulo 1 - Pós Modernidade : Um Horizonte De Significações

“Existe um conflito entre a sociedade que preciso criar para nela ser aceito e amado incondicionalmente e a sociedade autoritária e parca de amor que já está aí criada por outros e a mim imposta e que sufoca.” (Perls)

O filósofo Heidegger define historicidade partindo do princípio de que seu elemento central é a concepção de ser-no-mundo e com os outros. Para esse filósofo, existir é estar sempre aberto para o mundo, é estar fora de si. Dessa maneira, o “eu sou cartesiano” é substituído por Heidegger pelo “eu estou no mundo”, considerando que nunca há sujeito absolutamente separado do mundo. Constitui-se, nessa perspectiva, “um erro da filosofia ter posto de um lado o sujeito e do outro lado o conjunto do que não é sujeito”.(Wahl, 1962, p.33).

Ao compartilhar de idéias similares, ainda que existam algumas diferenças, Sartre (1997) enfatiza a concepção de uma existência humana que se define por seus atos, que se define, essencialmente, por suas escolhas. Escolhas que não só nos comprometem, como também comprometem os outros.

Retomando, então, o conceito de historicidade compreendida a partir da perspectiva existencial de que o homem é um ser no mundo e com os outros e que seus atos comprometem não somente a si, mas a todos, podemos introduzir, também, a concepção de que o homem (“eu, você, nós”) está efetivamente num certo lugar no espaço e no tempo, ou seja, situado. Historicidade não é, portanto, uma seqüência de acontecimentos tomados de maneira plana e como que se sucedendo uns aos outros. Mas, pelo princípio do tempo histórico, consiste no fato de que “um existente está profundamente numa situação temporal devendo tomar sobre si esta situação e assumi-la. (Wahl, 1962, p. 70).

Nesse sentido, torna-se importante elucidar o contexto atual, definido por grande parte dos sociólogos da pós modernidade como sendo um horizonte de significações que faz parte da estrutura intencional homem-mundo e amplia as possibilidades de compreensão da relação entre projeto de vida e escolha profissional. Entretanto, pretende-se, aqui, não perspectivar esse contexto como determinante dessa escolha, mas como um período de “profunda rearticulação do homem em todas as dimensões existenciais que lhe são inerentes” (Bessa, 2004, p.59). O amor, o corpo, o outro, a morte, a ética, o trabalho, a religião, nada escapa à possibilidade de adquirir

novos significados. De acordo com Giddens (1997), os organizadores atuais da sociedade incidem sobre o homem “alterando como nunca antes sua relação consigo e com todos os aspectos de sua existência...pois ele tem diante de si um novo mundo que, ao retornar sobre ele, modifica toda a sua gama de experiências ligadas aos grandes dilemas existenciais humanos”. (Giddens, 1997 *apud* Bessa, 2004, p: 67)

Giovanetti (2000) afirma que a dimensão social irá tornar-se, na atualidade, um elemento provocador da angústia, tendo muito mais impacto sobre o homem de hoje do que no início do século. Segundo esse autor, tanto as relações interpessoais, quanto as macrosociais apresentam novos elementos responsáveis pela vivência da angústia decorrente das transformações da sociedade e da maneira como o homem as tem experienciado. Destaca que a principal fonte de angústia do homem pós-moderno é o surgimento de um impedimento à busca de autonomia e do sentimento de insegurança decorrente da desconfiança vivenciada nos tempos atuais. Inserido num mundo onde “coisas” e gente se misturam, torna-se difícil, para ele, definir sua própria identidade.

Lipovetsky (s/d) afirma que como acontece a toda geração, a atual também procurou descobrir sua identidade numa figura mitológica: a figura de Narciso. Para esse autor, esse seria o símbolo de uma nova fase do individualismo, no qual ocorrem mutações nas relações do indivíduo consigo próprio e com seu corpo, com outros indivíduos, com o mundo e com o seu tempo.

Diretamente influenciado pelo novo padrão do capitalismo, hedonista e permissivo, o individualismo puro transforma o *homo politicus* em *homo psychologicus*, voltado unicamente para seu ser e seu bem estar.

Após os movimentos políticos e culturais dos anos sessenta, a guerra do Vietnã, o caso Watergate, o terrorismo internacional e as crises econômicas, energéticas e ecológicas, a confiança nos dirigentes políticos ficou abalada. Isso desencadeou um processo de personalização, segundo Lipovetsky (s/d), demarcado por uma indiferença em relação ao sentido histórico, aos valores e instituições sociais, acarretando um pessimismo em relação ao futuro e uma valorização do presente. “Quando o futuro se mostra ameaçador e incerto, resta a retracção sobre o presente, que não pára de ser protegido, arranjado e reciclado numa juventude sem fim” (Lipovetsky, s/d, p. 49).

Concomitantemente, essa geração, denominada por Lipovetsky (s/d) de “pós-moderna”, busca se desvencilhar, também, do passado, amarrado a tradições e territorialidades arcaicas.

Ao instituir uma sociedade mais clara e sem base de ancoragem, o pós-modernismo instaura o “narcisismo coletivo”. Envolto em si mesmo, o narcisismo contemporâneo, caracterizado por um hiper-investimento do Eu, reveste-se de uma indiferença, ou mesmo ausência de consciência de estar vivendo uma era apocalíptica.

(...) o narcisismo abole o trágico e surge como uma forma inédita de apatia feita de sensibilização epidérmica ao mundo e simultaneamente de profunda indiferença em relação a ele: paradoxo que explica parcialmente a plethora de informações que nos assaltam e a rapidez com que os acontecimentos mass-mediatizados uns aos outros, impedindo toda e qualquer emoção duradoura (Lipovetsky, s/d, p. 50).

Com a ocorrência de mudanças envolvendo desde os padrões capitalistas (do capitalismo autoritário ao capitalismo hedonista e permissivo), até os avanços tecnológicos, as sociedades pós-modernas foram despertadas para um fascínio ilimitado pelo auto-conhecimento e pela auto-realização. A proliferação de modos de vida alternativos e terapias “*psi*” dão lugar à “sensibilidade política dos anos 60”, reforçando, ainda mais, a cultura do Eu. O Eu torna-se o alvo de todos os investimentos, a preocupação central, neutralizando, assim, o universo social. A autenticidade excede a reciprocidade e o conhecimento de si próprio suplanta o reconhecimento.

A figura do Outro desaparece da cena social e uma nova divisão aparece, “a do consciente e do inconsciente, a clivagem psíquica, como se a divisão devesse ser permanentemente reproduzida, ainda que numa modalidade psicológica, a fim de a obra de socialização poder continuar” (Lipovetsky, s/d, p. 57).

Conforme foi dito anteriormente, o neo-narcisismo trouxe mutações, também, na relação do indivíduo com o seu corpo. Numa visão histórico-filosófica, podemos verificar que a dimensão corpórea do homem sempre foi alvo de reflexão filosófica desde Platão até os filósofos modernos como Sartre, Merleau-Ponty e outros. O corpo do homem sob esse prisma, com exceção dos existencialistas, sempre foi visto em relação à alma.

Existem duas diferentes considerações sobre o fenômeno da corporeidade, ou seja, a consideração científica, que estuda o corpo enquanto “coisa”, objeto, o corpo como se manifesta aos outros, e a consideração fenomenológica, que estuda como o corpo é sentido, vivido, experimentado. Ainda que existam essas distinções, podemos afirmar que é incontestável o fato de que é obra do corpo que o homem é um ser no mundo e, ainda, um ser social.

Voltando ao homem pós-moderno, podemos dizer que o “piso movediço” no qual sua existência está apoiada, seja pela descrença nos dirigentes políticos, seja pela incerteza da existência de um futuro, faz com que ele busque adiar cada vez mais o seu declínio físico, engendrando uma existência puramente atual. E, por isso, o corpo torna-se um verdadeiro objeto de culto, o que lhe acarreta um investimento narcísico.

A representação social do corpo passou a identificar-se, diretamente, com o ser- sujeito, com a pessoa.

Enquanto pessoa, o corpo ganha dignidade; devemos respeitá-lo, quer dizer zelar permanentemente pelo seu bom funcionamento, lutar contra a sua obsolescência, combater os signos de sua degradação através de uma constante reciclagem cirúrgica, desportiva, dietética, etc: a decrepitude “física” tornou-se uma torpeza (Lipovetsky, s/d, p. 58).

A busca pela beleza, pelo encanto, pela celebridade, torna-se uma necessidade permanente, já que esses são os valores essenciais para se obter admiração, na sociedade pós-moderna. A degradação das condições de existência dentro desses parâmetros, torna a perspectiva do envelhecimento insuportável.

Numa sociedade demarcada pela personalização, que esvazia, de forma sistemática, toda a posição transcendente, engendrando uma existência puramente atual, o indivíduo busca, através do narcisismo exacerbado, a sua desestandardização.

Não se deve omitir que em simultâneo com uma função de personalização, o narcisismo realiza uma mistura de normalização do corpo: o interesse febril que se tem pelo corpo não é de modo nenhum espontâneo e “livre”, obedece a imperativos sociais, como a “linha”, a “forma”, o orgasmo, etc (Lipovetsky, s/d, p. 60).

E a busca pela desestandardização leva à estandardização, criando um grande paradoxo.

Essa atitude em relação ao corpo faz com que suas resistências “tradicionais” fiquem enfraquecidas, expondo-o a uma disponibilidade para todas as experimentações. Enquanto o corpo é valorizado e “trabalhado” para ficar exposto, os sentimentos e emoções nas sociedades pós-modernas devem ficar ocultos, ou disfarçados. É preciso ser discreto para que se seja digno. As pessoas buscam autenticidade mas não espontaneidade.

A essência de uma sociedade civilizada é o uso da máscara. A urbanidade se faz por barreiras, regras impessoais, que protegem os indivíduos uns dos outros. “(...) onde, pelo contrário, reina a obscenidade da intimidade, a comunidade viva desfaz-se em pedaços e as relações humanas tornam-se “destrutivas” (Lipovetsky, s/d, p. 62).

No universo econômico, o sistema narcísico caracteriza-se pela busca incessante por riqueza e consumo com o objetivo de suscitar a admiração e a inveja. A fim de alcançar tal objetivo, o indivíduo adula seus superiores, para avançar em sua carreira. Isso gera manipulação e concorrência de todos contra todos.

Nas relações entre homem e mulher, ocorre uma deterioração, provocada pela influência do neo-feminismo, que torna a mulher mais exigente sexualmente, levando o homem a sentir-se ameaçado, assustado e angustiado. O ódio entre os sexos torna-se marcante.

Com tantas transformações ocorrendo simultaneamente, a estrutura familiar, também, foi afetada. A permissividade e o hedonismo encontrados no capitalismo, foram trazidos para o âmbito familiar.

O divórcio torna-se comum, levando, muitas vezes, à substituição da ausência do pai, pelos especialistas e conselheiros psico-pedagógicos. Assim, a mãe se vê cada vez mais dependente desses profissionais para a formação e educação de seus filhos. Por outro lado:

O “desaparecimento” do pai, por motivo da frequência dos divórcios, leva a criança a imaginar a mãe como castradora do pai: é nessas condições que o filho alimenta o sonho de substituir o pai, de ser o falo, conquistando a celebridade ou ligando-se àqueles que representam o sucesso (Lipovetsky, s/d, p. 68).

Surge, dessa situação, uma guerra interior, que desenvolve nas pessoas um "super-eu", duro e punitivo, que alimenta um sonho narcísico de sucesso e celebridade, reforçado pela mídia. Essa leva as pessoas comuns a se identificarem com os ídolos e odiar o “rebanho”, o que torna mais difícil a aceitação da banalidade cotidiana. (Lipovetsky, s/d). Quando esses sonhos narcísicos são frustrados, o Eu é implacavelmente criticado, destruindo a confiança dos pais em sua capacidade de educar os filhos, aumentando a ansiedade, no que concerne ao surgimento de novas dúvidas e angústias.

Lipovetsky (s/d) afirma que “o narcisismo nutre-se mais de ódio do que de admiração pelo eu” (Lipovetsky, s/d, p. 69). Entretanto, como outros aspectos da vida pós-moderna, ainda que Lipovetsky (s/d) diga que “a América tornou-se uma nação de fãs”, essa veneração por ídolos, políticos ou artísticos, que estão no auge é passageira e pulveriza-se tão logo surjam novos ídolos; tudo é efêmero, substituível.

Diante desse quadro social individualista, que tem como princípio a exclusão sistemática do outro, o vazio existencial encontra campo fértil para proliferar-se, gerando problemas

desencadeados pela falta de sentido dessa vida contemporânea, efêmera e superficial. O sentido da vida, então, é o problema central do homem moderno, que ele mesmo deve buscar, caso contrário, a sociedade, ou alguém, irá imprimir o sentido para ele.

De acordo com Lipovetsky (s/d) o encanto, o significado da vida devem ser resgatados, ao priorizarmos, em nossa existência, o contato com os outros seres humanos. Ao colocarmos o sentido da vida nos objetos, estamos alimentando um vazio existencial, dentro de um componente antropológico, pessoal.

Em relação ao componente social, de acordo com esse autor, estamos vivendo numa sociedade individualista, centrada no eu, que está sempre excluindo o outro do cenário da nossa existência, o que leva a um esvaziamento das relações interpessoais, a um desaparecimento dos laços pessoais entre os seres humanos.

No primeiro caso, Lipovetsky (s/d) afirma ser necessário construir-se um projeto de vida, que possa se alicerçar na constituição de uma família, na busca de uma profissão dentre outros, orientado por uma autêntica vontade interior.

No segundo caso, também, conforme esse autor, torna-se necessário ressignificar as relações interpessoais e solidificar a intimidade dessas relações, compartilhando junto com o outro o sentido da vida, não colocando o sentido da vida no outro

Embora não se deve cometer o equívoco de realizar um global juízo sobre os paradigmas atuais, será indispensável o papel da educação para promover um “*processo de discernimento e uma lúcida formação da liberdade*”(Azevedo,1993, p. 4).

De acordo com Azevedo (1993) esse processo de discernimento e essa lúcida formação da liberdade oferecem à educação, hoje, os referenciais mais importantes para capacitar educadores e educandos a viver em um mundo como o atual, secularizado e pluralista, científico e tecnológico, fragmentado e mutante, na experiência da crise de tudo isso. A educação hoje:

“Não será atenção acrítica e dócil aos modismos de último grito, lançados e explorados pelo mercado. Nem tampouco será uma submissão rígida e passiva aos ditames de uma tradição incompatível com os parâmetros reais de nosso mundo concreto...Educar para o reto uso do discernimento e da liberdade não será um esforço enciclopédico para estocar informação no cérebro e no computador...será capacitar pessoas para situar-se responsabilmente no mundo : será viver a partir da história: será criar história sabendo nela intuir e descobrir a orientação escatológica que a transcende e plenifica” (Azevedo, 1993, p. 34).

Torna-se importante ressaltar, ainda, que os Parâmetros Curriculares Nacionais, já atentos para várias dessas questões acima mencionadas, destacam a necessidade, cada vez mais proeminente, de que a educação trabalhe a dimensão ética dos alunos e que a escola deva assumir-se como *“um espaço de vivência e de discussão dos referenciais éticos não uma instância normativa e normatizadora, mas um local social privilegiado de construção de significados éticos necessários e constitutivos de toda e qualquer ação de cidadania, promovendo discussões sobre a dignidade do ser humano...importância da solidariedade...”*(PCNs, 1998, p. 16).

Como educadores, resta-nos assumir o desafio de fazer valer esses princípios e não nos acomodarmos com a situação que, com certeza, apresenta-se a nós com sérios limites e grandes obstáculos a serem vencidos.

Capítulo 2- Vocação: Destino Ou Escolha ?

“Iluminados os olhos do vosso entendimento para saberdes qual é a esperança da vossa vocação”.

Efésios 1:18

Sou abordada, freqüentemente, por pessoas que me perguntam se eu faço teste vocacional. Minha primeira reação, é tentar explicar a forma como eu trabalho e levar a pessoa interessada a compreender que a prática da orientação profissional mudou e, agora, a ênfase são as entrevistas e não os testes. Procuro explicar, também, que o processo dura cerca de dois meses, considerando que uma decisão tão importante, como a escolha profissional, não deve ser tomada “da noite para o dia” e, muito menos, estar baseada, apenas, em alguns testes.

Percebo, na maioria, um desapontamento. Pois estão a poucos dias de sua inscrição no vestibular e querem uma ajuda rápida. Em outros, constato a expectativa de um trabalho mais profundo e consistente, que aponte um caminho com mais garantias.

Diante dessas constatações, reflito no quanto nós, seres humanos, necessitamos de garantias e como nos frustamos diante da imprevisibilidade da vida. O filósofo Kierkegaard vem à minha memória, lembrando-me de que o risco é o que caracteriza a nossa existência e, ao arriscarmos, é que nos revelamos.

Percebo que a expectativa daqueles que buscam a orientação profissional é de encontrarem um tipo de vidente ou guru, que utilizando-se de seus meios mágicos (o orientador e seus instrumentos científicos – testes), possa dizer qual é o melhor caminho a seguir.

Ao examinar as teorias da escolha profissional, podemos compreender como o sentido pré-determinado da vocação foi se constituindo ao longo dos anos e como os testes, sendo instrumentos científicos, acabaram por atribuir à prática da orientação vocacional o sentido de teste vocacional.

Com o objetivo de colocar em evidência esse determinismo que tanto impregnou a orientação profissional, são apresentadas aqui, inicialmente, as principais teorias da escolha vocacional. Em seguida, numa proposta de superação dos determinismos apontados, analisarei os pressupostos da fenomenologia existencial que nos fornecem uma outra possibilidade de compreender o fenômeno da escolha profissional em que a liberdade, enquanto característica básica da existência humana, fundamenta o ato.

2.1 Teorias da escolha profissional

Em sua obra sobre orientação profissional, Ferretti (1988) apresenta as principais teorias de escolha, desenvolvimento e orientação profissional: teoria Traço e Fator, teorias Psicodinâmicas, teorias Desenvolvimentistas, teorias Decisionais e teorias Sócio-Econômicas.

No estudo dessas teorias, pode-se observar que teóricos e pesquisadores estudaram o desenvolvimento vocacional, ora sob o ângulo do determinismo psíquico, ora sob o ângulo do determinismo social.

A **teoria Traço e Fator** resume toda a característica da psicologia vocacional e da prática em orientação profissional no período compreendido entre 1900 e 1950. Essa teoria, proposta por Parsons (1908 *apud* Garrido, 1974), fundamenta-se na concepção de que o homem é dotado de características inatas que deverão se adequar às experiências da profissão escolhida. Partindo do princípio de que as pessoas têm traços de personalidade mensuráveis e estáticos, o conhecimento das exigências do mundo ocupacional iria possibilitar uma comparação entre esses dois pólos: características pessoais e características da profissão, e fornecer às pessoas uma base segura para fazer escolhas profissionais.

Segundo McDaniels e Gysbers (1992), a teoria Traço e Fator estabelece que, para que o desenvolvimento profissional ocorra de forma sistemática, as pessoas precisam ter um entendimento de si com relação às habilidades, interesses, ambições, limitações e as causas de tudo isso. Também seria necessário adquirir o conhecimento sobre os requisitos e condições de sucesso, vantagens, desvantagens e oportunidades das diversas profissões. A adequação desses aspectos resultará em satisfação pessoal e, conseqüentemente, em bem-estar social.

Essa teoria tornou-se a base para a construção de muitos testes de inteligência, interesse e aptidões, que passaram a ser o principal instrumento de trabalho dos orientadores vocacionais. De acordo com Garrido (1979), a perspectiva apontada pela teoria Traço e Fator possui uma deficiência intrínseca por estar limitada à psicometria e “não possibilita qualquer intervenção por parte do indivíduo que escolhe, nos seus determinismos psicológicos (aptidões inatas) e muito menos no uso que deles é feito, em função da sociedade”. (Garrido, 1979, p.43) Essa teoria, portanto, não nos permite conceber que possa haver uma escolha vocacional, mas sim nos rendermos a um destino vocacional.

As **teorias psicodinâmicas** tornaram-se, a partir da década de 50, um referencial significativo na prática dos orientadores profissionais. Segundo Garrido (1979), essas teorias dividem-se em teorias psicanalíticas e teorias da satisfação das necessidades.

As teorias psicanalíticas fundamentam-se na concepção de que a conduta humana se explica a partir de motivos ou impulsos. Essas teorias baseiam-se no desenvolvimento psicosssexual do indivíduo. Os primeiros anos de vida são fundamentais para a escolha profissional futura e os conflitos vivenciados nessa época, por influenciarem a formação da personalidade, conseqüentemente influenciam, também, a escolha profissional.

Bordin, Nachman e Segall, como principais representantes da perspectiva psicanalítica afirmam que as pessoas, ao fazerem opções vocacionais, escolhem por meios inconscientes uma atividade que lhes permitam expressar e gratificar seus impulsos de forma sublimada (Levenfus, 1997). Isso quer dizer que as pessoas optam naturalmente por atividades profissionais condizentes com seus próprios impulsos. Essa teoria propõe três objetivos principais para o processo de orientação profissional: identificar as gratificações que os trabalhos oferecem, relacionar essas gratificações com as funções fisiológicas necessárias à sua obtenção e demonstrar a influência das primeiras experiências sobre a tendência desenvolvida pelas pessoas para buscarem gratificação.

Portanto, para esses autores, as gratificações instintivas, que estão na base das atividades infantis, são as mesmas que se acham presentes nas atividades profissionais do adulto.

Meadow (s/d), outro representante dessa concepção teórica, formulou as seguintes hipóteses, descritas por Levenfus (1997), para explicar a escolha profissional:

- a pessoa independente tenderá a procurar um emprego no comércio ou em profissões nas quais possa exercer liderança e iniciativa;
- o tipo reativo, como os compulsivos, procurará atuar em profissões que requeiram esse traço;
- os agressivos podem escolher profissões marcadamente competitivas;
- uma pessoa com superego severo pode se sentir insatisfeita nas suas ocupações;
- o profissional passivo e submisso tem menos êxito no emprego que escolhe do que o agressivo. (Meadow, s/d *apud* Levenfus, 1997, p. 35)

As teorias psicodinâmicas, que se fundamentam na satisfação de necessidades, destacam a escolha profissional como expressão de desejos e necessidades que estimulam as pessoas a preferirem uma ocupação à outra.

Anne Roe (1972), como principal representante dessa vertente teórica, sem desvincular-se das concepções psicanalíticas, acentua determinantes de outra ordem no processo de escolha profissional. Com base na classificação hierárquica elaborada por Maslow (1954), destaca a auto-realização como necessidade básica. Enfatiza as experiências psicossociais com a família na determinação dos interesses, aptidões e capacidades futuras, e acentua que as primeiras satisfações e frustrações da criança determinam a direção que esta dará às suas energias psíquicas. Para Roe (1972), as atitudes, interesses e capacidades básicas se desenvolvem segundo o tipo de relações entre os pais e os filhos. Essas relações poderão determinar as formas de comportamento positivas ou negativas em relação às pessoas ou não pessoas (Levenfus, 1997).

Segundo as constatações de Roe (1972), o indivíduo que se orienta para pessoas escolherá ocupações em que estará em contato com as mesmas, enquanto que os orientados para objetos manifestarão preferências por profissões caracteristicamente científicas ou técnicas. A escolha profissional, portanto, compatibiliza aptidões e interesses com a orientação básica para pessoas ou maquinarias, tecnologia, animais ou outros.

Ainda nessa perspectiva, a teoria de Holland (1975) afirma que as pessoas escolhem sua atividade profissional considerando uma hierarquia com relação à sua preferência de ambientes. A partir da aplicação de inventários de interesses vocacionais e descrições de personalidade, Holland (1975) formulou alguns conceitos que permitiram classificar as pessoas em seis tipos diferentes: realista, intelectual, social, tradicional, renovador e artístico, relacionando, também, os ambientes a esses tipos. Sua teoria pressupõe que:

- a escolha de vocação é uma experiência de personalidade;
- os inventários de interesses são inventários de personalidade;
- os estereótipos vocacionais possuem significados psicológicos e sociológicos confiáveis e importantes;
- os indivíduos que têm uma dada vocação têm personalidades e histórias semelhantes de desenvolvimento pessoal;
- as pessoas do mesmo grupo vocacional têm personalidades semelhantes, respondendo do mesmo modo a muitos problemas e situações e criando, assim, ambientes interpessoais característicos;
- na vocação, a satisfação, a estabilidade e o sucesso dependem de uma congruência entre a personalidade e o ambiente em que se trabalha. (Holland, 1975)

As teorias psicodinâmicas, embora forneçam elementos importantes para a compreensão da escolha profissional, estabelecem esquemas pré-concebidos para a compreensão da escolha profissional, situando o sujeito como um coadjuvante na tomada de decisão. À mercê de forças instintivas, a escolha profissional será apenas o resultado do fracasso ou do sucesso das experiências parentais primárias, o que torna o sujeito da escolha um agente passivo do processo.

Por sua vez, as **teorias desenvolvimentistas** enfatizam um processo sequencial da escolha vocacional. Dentre os autores do enfoque desenvolvimentista destaco: Super (1980), por considerá-lo como aquele que melhor sistematizou sua teoria. Para Super, o desenvolvimento vocacional é um processo que acontece de forma ordenada e previsível desde a infância até a velhice e resulta da interação entre a “bagagem do indivíduo e as solicitações da cultura” (Super, 1980, p. 42).

Super (1980) introduz o termo desenvolvimento em lugar de escolha e introduz o conceito de maturidade vocacional para dar ênfase ao conceito desenvolvimentista de vocação. Segundo Garrido (1975), Super seria o primeiro a ressaltar a importância do auto-conceito no processo de escolha vocacional identificando-o como fator importante para a decisão.

Super (1980) formaliza as seguintes proposições sobre o desenvolvimento vocacional:

- as pessoas diferem em suas habilidades, interesses e personalidades;
- em função dessas características qualificam-se para algumas ocupações;
- as ocupações exigem, para seu exercício, que o indivíduo tenha certas características, o que permite certa variedade de indivíduos para a mesma ocupação;
- as preferências e competências vocacionais, as situações em que as pessoas trabalham e seu auto conceito mudam com o tempo e a experiência: a escolha e o ajustamento são um processo contínuo;
- o processo de desenvolvimento resume-se aos estágios de crescimento, exploração, estabelecimento, manutenção e declínio;
- o padrão da carreira é determinado pelo nível sócio-econômico da família, pela habilidade mental, características de personalidade e oportunidades oferecidas pelo meio;
- o desenvolvimento pode ser guiado pela facilitação da maturação de habilidades e interesses e pela ajuda no desenvolvimento do auto-conceito;
- o processo de desenvolvimento vocacional consiste, basicamente, em desenvolver e implementar o auto-conceito;

- a compatibilização entre o indivíduo e os fatores sociais estabelece-se pelo desempenho de papéis;
- a satisfação no trabalho e na vida dependem das possibilidades que o indivíduo encontra de viver suas habilidades, interesses, características de personalidade e de seus valores e das possibilidades de desempenhar o tipo de papel que considera mais adequado para si.

A teoria de Super estrutura-se, principalmente, no conceito de auto-imagem. A auto-imagem começa a desenvolver-se na infância, classifica-se e se traduz em termos ocupacionais durante a adolescência para atualizar-se no princípio da vida adulta. Para esse autor, a identificação com os pais ou com outro adulto ajudará o jovem na elaboração de seus projetos profissionais. A teoria desenvolvimentista parte do princípio que a opção profissional ocorre a partir das escolhas anteriores e sucessivas e se dá em função do auto-conceito.

Ainda, dentro da teoria desenvolvimentista, cito Ginsberg (1951 *apud* Levenfus, 1997) que enfatiza a escolha profissional como o resultado de uma compatibilização entre as características pessoais e as oportunidades ocupacionais. Tiedman e O'hara (1963) consideram a escolha profissional como o resultado de um processo de diferenciação e integração da personalidade frente às necessidades de uma opção. Pelletier, Noiseaux e Bujold (1974), também teóricos desenvolvimentistas, concebem o processo evolutivo da escolha profissional em nível de tarefas a serem desempenhadas ao longo de várias etapas, até que ocorra o amadurecimento vocacional. Esses autores elaboraram uma metodologia voltada para o desenvolvimento das habilidades e atitudes e formularam a concepção operatória do desenvolvimento vocacional baseada nas fases desse desenvolvimento propostas por Super (1980). Propõem uma metodologia voltada para o desempenho de tarefas evolutivas que mobilizam recursos afetivos e cognitivos, com o propósito de desenvolver habilidades e atitudes que promovam o amadurecimento vocacional (Oliveira, 2001).

As teorias desenvolvimentistas, embora representem, conforme compreendo, um avanço em relação ao determinismo apregoado pelas teorias do Traço e Fator e Psicodinâmicas, permanecem na periferia da compreensão do processo de escolha profissional, por ainda conceberem um processo evolutivo em que a pessoa permanece passiva frente às etapas evolutivas que terá de vivenciar. O enfoque avança ao considerar as interferências do meio sobre as escolhas, mas a ênfase permanece nas determinações psíquicas que, dentro de um esquema intelectual, se manifestarão sob a forma de aptidões, interesses, auto-conceito e inteligência. Por

não considerar a relação de interdependência entre fatores objetivos e subjetivos, entre a pessoa e seu mundo, não fornece possibilidades de compreensão sobre o sentido da escolha profissional na vida das pessoas.

As **teorias decisoriais** dão ênfase aos aspectos sócio-cognitivos) na tomada de decisão sobre a escolha profissional. Hilton (1962, *apud* Levenfus, 1997) um dos principais representantes dessa teoria, relacionou o processo de tomada de decisão à busca de redução do nível de dissonância cognitiva, ou seja, de resolução do conflito gerado pela situação de escolha. (Hilton, *s/d apud* Ferretti, 1974). Para ele, os principais componentes no processo da escolha profissional são os seguintes:

- crenças ou expectativas sobre si mesmo ou o mundo;
- planos, imagens ou representações de ações globais associadas ao mundo vocacional particular;
- dissonância cognitiva como método de prova e confrontação das premissas com os planos para solução do problema vocacional.

A preocupação de Hilton (1962, *apud* Levenfus, 1998) é observar a interferência dos estímulos ambientais sobre as premissas e planos da pessoa e de que modo esses estímulos podem distorcê-los. (Hilton, 1962, *apud* Ferretti, 1974)

São também representantes importantes dessas teorias os autores: Gellat (1962, *apud* Levenfus, 1997)), Hereshenson e Roth (1966, *apud* Levenfus, 1997).

Gellat (1962, *apud* Levenfus, 1997) propõe um modelo racional de decisão. Para esse autor, toda escolha profissional baseia-se nas informações que a pessoa adquiriu e em sua capacidade de definir e avaliar as possibilidades e as conseqüências de tomar determinadas decisões.

Hereshenson e Roth (1962, *apud* Levenfus, 1997), na mesma perspectiva de Gellat, acrescentam que o processo de escolha profissional é diferencial e privativo de cada sujeito e baseia-se na história de vida pessoal que, ao longo do desenvolvimento vocacional, elimina as alternativas que não foram reforçadas, ao mesmo tempo que cristaliza as alternativas que foram reforçadas socialmente.

As teorias decisoriais centralizam a tomada de decisão no sujeito e em sua capacidade de organizar racionalmente as questões que envolvem a escolha profissional. Essa decisão estará em consonância com seus interesses, suas aptidões e seus condicionantes sociais. Embora esse

modelo forneça a possibilidade de concebermos um sujeito mais ativo, pois é ele quem avalia e decide, ainda evidencia-se o determinismo social como modelador da escolha vocacional. Fundamentada numa perspectiva comportamentalista (Rivas, 1988), essa proposta ressalta os estímulos sociais como o principal motivador da escolha profissional, acentuando a dicotomia entre os aspectos racionais e irracionais e atribuindo um valor intrínseco à objetividade com que deverá ser tratada a questão.

As teorias sócio-econômicas têm como principais representantes os autores Blaus, Parnes, Gustad, Jessor e Wilcok (1956, *apud* Ferretti, 1988). Essas teorias explicam a escolha profissional a partir dos determinantes sócio-econômicos traduzidos na condição de classe social. De acordo com Ferretti (1988), o que determinaria as aspirações ocupacionais seriam as oportunidades de escolarização e de preparação profissionais, os limites de mobilidade social e profissional e as oportunidades de trabalho efetivo. Associadas a essas determinações, estariam as determinações de natureza social ligadas à etnia, às idéias dominantes na cultura nacional, à origem geográfica e à profissão dos pais. Para os autores dessa abordagem, o ingresso do indivíduo numa dada ocupação resulta de dois processos que se inter-relacionam: o processo de escolha profissional e o processo de empregador ou da escola. Eles destacam que a estrutura social condiciona o desenvolvimento da pessoa que deve fazer uma escolha e definem as condições sócio-econômicas em que esta se realizará. Portanto, para se esclarecer o processo da escolha vocacional deve-se analisar de um lado, o desenvolvimento pessoal individual, e do outro, as mudanças históricas das condições sociais e econômicas na eleição das mesmas (Oliveira, 2002).

Esses autores também afirmam que a escolha vocacional é o resultado da compatibilidade entre as preferências pessoais e a possibilidade de realizá-las.

De acordo com Freitas (2002), as teorias sócio-econômicas possibilitam o entendimento dos processos de escolha profissional, a partir dos desdobramentos decorrentes das desigualdades na distribuição das probabilidades objetivas de acesso às profissões entre as diferentes classes sociais. Penso, contudo que essas teorias acentuam a condição do sujeito como mero produto dos condicionamentos econômicos que, embora inegáveis, não podem se constituir, de forma pré-concebida, em elementos fundantes da escolha profissional. Isso acarretaria em estratificação das classes sociais e na perda do dinamismo, que acabaria por considerar aquele que ultrapassou os

limites de sua condição sócio-econômica como mera exceção, o que é, a meu ver, uma concepção errônea.

Alguns autores tentaram escapar dos determinismos apregoados pelas teorias acima descritas, mas conservaram as influências das mesmas em seus pressupostos básicos. Com o objetivo de elaborar uma proposta que possibilitasse um papel mais ativo do sujeito que escolhe, a Estratégia Clínica de Rodolfo Bohoslavsky (1987) e a abordagem Sócio-Histórica de Sílvio Bock (2002) tentaram inter-relacionar tanto os aspectos psíquicos, quanto os aspectos sócio-históricos, respectivamente, ao processo de escolha profissional, enfatizando a pessoa como o protagonista da decisão.

A Estratégia Clínica de Bohoslavsky (1987), resume-se nos seguintes pressupostos:

- A decisão profissional resulta da elaboração dos conflitos e ansiedades que o adolescente experimenta em relação ao seu futuro.
- As carreiras e profissões requerem potencialidades que se modificam no transcurso da vida, portanto, não podem ser mensuráveis a priori.
- O prazer na profissão depende do vínculo que se estabelece com ela. Esse vínculo depende da personalidade que não é um a priori, mas se define na ação.
- A realidade sócio-cultural muda incessantemente. O mundo ocupacional é dinâmico e ninguém pode prever o sucesso, a não ser que seja entendido como a possibilidade de superar obstáculos com maturidade.
- O sujeito desempenha um papel ativo na escolha profissional e cabe ao orientador a tarefa de auxiliá-lo na decisão e, não, de defini-la.

Para esse autor, o futuro *“tem importância atual-ativa enquanto projeto para o adolescente...e seria necessário, também, incluir a dimensão temporal num modelo dos problemas vocacionais”* (Bohoslavsky, 1987, p. 51). E ainda, um adolescente, quando pensa sobre qual curso seguir, busca alguma coisa que o faça feliz. Não se limita, apenas, a procurar o nome de uma profissão, mas algo que se relacione com realização pessoal, felicidade, alegria de viver, seja qual for a maneira como entenda isso. De acordo com Bohoslavsky (1987), *“os orientadores vocacionais estão acostumados a ver o que o adolescente é enquanto esse se preocupa mais com o que pode chegar a ser”*. (Bohoslavsky, 1987, p.49)

Ao admitir a importância da vivência da temporalidade enquanto antecipação do futuro como fator de importância no processo de escolha profissional, Bohoslavsky nos abre a

possibilidade de visarmos esse fenômeno sobre outra perspectiva, que transcende os determinismos psíquicos ou sociais.

Também, por elaborar uma crítica severa à ênfase do psicometrismo na orientação vocacional, Bohoslavsky (1987) contribuiu para a compreensão do fenômeno da escolha como um processo dinâmico.

Outra contribuição relevante da estratégia clínica é a ênfase dada à necessidade de se analisar os vínculos com o outro para se compreender o processo de escolha profissional. De acordo com essa perspectiva:

“o futuro nunca é pensado abstratamente. Nunca se pensa numa carreira ou numa faculdade despersonalizadas. Será sempre essa carreira ou essa faculdade ou esse trabalho, que cristaliza relações interpessoais passadas, recentes e futuras. Deve-se examinar as relações com os outros com os quais se estabelecem relações primárias (membros da família) e aqueles outros com os quais se mantém uma relação de natureza secundária (pessoas que se conhece, desse mundo, em que se quer ingressar...)” (Bohoslavsky, 1987, p. 53).

No entanto, esse autor admite a insuficiência de sua abordagem para responder à questão que ele mesmo levanta sobre “que margem de liberdade possível poderia a pessoa resgatar na produção do seu projeto.” (Bohoslavsky, 1987, p. 19).

Essa questão, não desenvolvida por esse autor, instigou-me de forma bastante significativa, levando-me, também, à reflexão sobre os temas liberdade e escolha, desenvolvidos pela fenomenologia existencial e apresentados neste trabalho na sessão posterior.

Sobre a **abordagem sócio-histórica da Orientação Profissional** (Bock, 2002), esta se propõe superar a dicotomia entre o sujeito e sociedade apontando para uma compreensão da relação indivíduo-sociedade de forma dialética e não idealista. Concebe a pessoa como ator e ao mesmo tempo dramaturgo de sua individualidade.

A abordagem sócio-histórica opõe-se à idéia de que a estrutura social e a ordem econômica são estruturas perenes e imutáveis, e que, para o indivíduo ser bem-sucedido ou não, vai depender somente dele. Essa abordagem também discorda, ainda, da idéia de que uma boa escolha profissional é um pré-requisito para que o indivíduo seja um vencedor.

Por sua vez, a abordagem sócio-histórica trabalha com a concepção de que as profissões e ocupações são mutáveis e que o ser humano é multideterminado. Isso quer dizer que o ser humano é determinado por vários elementos, que vão desde o suporte biológico específico até à

subjetividade. Conforme essa perspectiva, o indivíduo pode, de certa forma, mudar as condições sociais em que vive, por meio da luta individual ou coletiva.

Na área da orientação profissional, a abordagem sócio-histórica busca entender o indivíduo, não como um simples reflexo da sociedade, ou, então, totalmente desvinculado dela. O que essa abordagem aponta são caminhos que levam ao entendimento do indivíduo em sua relação dinâmica e dialética com a sociedade. Portanto, entre a sociedade e o indivíduo há uma inter-relação, na qual este último não se anula enquanto ser singular. Ao contrário, a sociedade será primordial para o desenvolvimento da identidade do indivíduo.

Ana Bock (1999) relaciona alguns pontos que especificam a abordagem sócio-histórica. Ao todo são cinco:

- 1) “Não existe natureza humana” - o homem é um ser em potencial, que vai ser determinado pela cultura, pela sociedade. Portanto, ao invés dessa expressão, deve-se utilizar, então, a idéia de condição humana.
- 2) “Existe condição humana”- dentro dessa idéia, todos os aspectos do homem como habilidades, faculdades, valores, aptidões são adquiridos a partir do seu desenvolvimento sócio-histórico, que tem como sustentação suas condições biológicas hereditárias.
- 3) “O homem é um ser ativo, social e histórico” - A atividade humana caracteriza-se pelo seu trabalho, que é executado em busca de sua sobrevivência, o que é feito dentro de um contexto social, ou seja, junto com outros seres humanos. A forma de exercer tal atividade é histórica, ocorrendo conforme o modo de produção de cada período.
- 4) “O homem é criado pelo próprio homem” - O indivíduo vai se construindo por meio das relações sociais, mediadas pela linguagem, o que possibilita que ele desenvolva sua consciência. Através da consciência, o homem atua sobre o mundo, conhecendo-o, sabendo seu lugar nesse mundo, relacionando-se. Antecede e partilha as coisas do seu mundo, apropriando-se da cultura e adquirindo linguagem, trocando, construindo ou mesmo reproduzindo significados. Ele vai se fazendo homem, ao mesmo tempo em que vai construindo seu mundo.
- 5) “O homem concreto é objeto da psicologia” - A singularidade do homem só é compreendida dentro do contexto social e histórico no qual ele está inserido. (Ana Bock, *apud* Bock, S. 2002)

Na abordagem sócio-histórica, o conceito de vocação é praticamente inexistente, já que, nessa ótica, o homem não nasce determinado biologicamente para exercer qualquer atividade específica. Ao contrário de todos os outros seres da natureza, o homem é, a princípio, um ser de constituição frágil, sujeito às hostilidades da natureza. Mas, seu caráter pouco específico, que é determinado morfológicamente, o torna apto a desenvolver-se e fortalecer-se até chegar ao ponto de ser “senhor da natureza”, que, muitas vezes, é capaz de transformá-la e dominá-la, quase totalmente.

É afim com essas idéias a percepção do homem que, desenvolvendo um cérebro maior (em relação ao seu corpo) e tendo as mãos livres para manipular, pode construir e aperfeiçoar, constantemente, os instrumentos que facilitarão sua sobrevivência.

Por outro lado, a vida em sociedade com outros homens que também têm as características descritas acima, propiciará a todos a aprendizagem. A relação com a natureza e com os outros leva o ser humano a crescer, desenvolver-se e adquirir habilidades e, conseqüentemente, ao processo de individuação.

Segundo Bock (2002), o processo de individuação é denominado por Vygotsky de “internalização”, que vem a ser “a reconstrução interna de uma operação externa”. Isso quer dizer que há uma série de transformações entre operações e processos externos (interpessoais) em processos e operações internos (intrapessoais), resultantes de uma sucessão de acontecimentos que vão ocorrendo ao longo do desenvolvimento. Para que haja essa internalização, a linguagem é fundamentalmente importante, já que o pensamento e a palavra formam um processo onde ocorre um movimento contínuo do pensamento. É por meio da palavra que o pensamento se torna vivo. Portanto, pensamento e linguagem são essenciais para que se compreenda a natureza da consciência humana.

Assim, temos a função da orientação profissional dentro da visão psicológica, baseada na abordagem sócio-histórica, defendida por Aguiar & Bock (1995) como uma intervenção que irá promover a saúde e não como uma função preventiva, que sugere a idéia de doença. Para essas autoras:

“Promover saúde significa compreender e trabalhar com o indivíduo a partir de suas relações sociais; significa trabalhar estas relações construindo uma compreensão sobre elas e a sua transformação necessária. Promover saúde significa trabalhar para ampliar a consciência que o indivíduo possui sobre a realidade que o cerca, instrumentando-o para

agir, no sentido de transformar e resolver todas as dificuldade que essa realidade lhe apresenta.” (Aguiar & Bock *apud* Bock, 2002, p. 75)

Nessa perspectiva, a vocação é entendida como o ponto de escolhas e não de um determinismo que direcione o homem a tarefas específicas.

Essa teoria possibilita algumas aproximações com a perspectiva fenomenológica desenvolvida neste trabalho. Dentre elas, destaco a concepção de que não existe natureza humana mas que o homem é um ser em potencial. A fenomenologia existencial concebe o homem dessa mesma forma, porém, a idéia de determinação é superada pela idéia de intencionalidade ,não havendo, dessa maneira, nenhuma forma de explicação última para que o homem possa justificar-se sobre o que ele é. Ou seja, nada o determina a não ser que ele signifique como objeto de determinação, sendo que a construção desse significado ocorre a partir da interrelação de aspectos objetivos e subjetivos .

Também a concepção sócio-histórica da escolha profissional aproxima-se da perspectiva fenomenológico-existencial, na medida em que considera a relação entre as qualidades humanas e o meio em que o homem vive, mas distancia-se ao afirmar, ainda, uma dicotomia entre o sujeito e o mundo. Para a fenomenologia esses pólos estão interligados. Tais questões serão abordadas, especificamente, na sessão intitulada Fenomenologia Existencial, onde o leitor poderá compreender melhor essas diferenciações.

Voltando à pergunta: Vocação: escolha ou destino? Proponho que se pense no sentido dado pelo dicionário Aurélio (1975) ao termo: ato de chamar, escolha, chamamento, predestinação, tendência.

Seria possível pensar num chamamento da própria existência? Seria pertinente nos apropriarmos do termo no sentido de sermos ser no mundo e com os outros e, como existência encarnada, receber o apelo mediante a nossa própria condição de abertura a nos lançar na tarefa de tornar-se pessoa?

A maioria das teorias aqui apresentadas tentaram compreender o fenômeno da escolha vocacional sob a perspectiva do chamado de uma voz definidora da direção. Na tentativa de uma compreensão fenomenológica, concebo essa voz como o solfejo de uma melodia que se vai criando. As escalas musicais estão como condições da existência, mas a música é de nossa autoria. Para melhor entendimento sobre essa concepção, passo, a seguir, a apresentar as principais contribuições da fenomenologia existencial que nos possibilitaram ampliar a

compreensão do fenômeno da escolha vocacional para além de suas determinações sociais e psíquicas.

Quanto às perguntas anteriormente mencionadas, intenciono apenas provocar no leitor uma reflexão inicial sobre o assunto, não sendo meu objetivo respondê-las de forma definidora. Espero que, ao final deste trabalho, o leitor já tenha podido elaborar as suas próprias respostas.

Capítulo 3 - Fenomenologia Existencial

Logo no início de sua obra, *Introdução à Fenomenologia Existencial*, Lujpen (1973) faz uma crítica à filosofia tradicional que, em muitos séculos do filosofar, não conseguiu “sequer um reduzido número de proposições sobre as quais os filósofos estejam de acordo”. (Lujpen, 1973, p. 15)

Exageradas ou não as afirmações de Lujpen, observamos que, no evoluir do pensamento filosófico, a epistemologia preocupou-se sobremaneira com a relação entre o sujeito e o objeto, e o enigma do conhecimento veio sendo proposto na difícil questão de como o conhecedor conhece o cognoscível. As correntes ou doutrinas filosóficas foram se pospondo, ou se contrapondo, em relação aos elementos objetivos e subjetivos do conhecimento, ou tentando estabelecer em que medida as qualidades atribuídas ao objeto pertencem realmente ao objeto ou à mente que o percebe.

Vemos, então, a presença de um dualismo no âmbito da filosofia que ora privilegiou o sujeito como conhecedor da realidade, sendo o mundo externo um reflexo ou uma representação da consciência ou da idéia que o percebe (subjetivismo – idealismo), ora privilegiando o outro pólo da relação – o objeto - como fonte original do conhecimento, com existência independente do sujeito que o percebe. Neste caso, o conhecimento adquirido, ou por adquirir, é de forma direta e imediata das feições e ocorrências da realidade objetiva que se propõe a conhecer (objetivismo – materialismo).

A corrente fenomenológica adota uma posição diferente e não privilegia o sujeito e nem o objeto, mas a relação entre ambos. Para a fenomenologia, não se tem em conta o dualismo sujeito-objeto, ou melhor, consciência-mundo. Um é determinante do outro, pois não pode haver a consciência desvinculada de um mundo para ser percebido, nem é possível haver o mundo sem que haja uma consciência para percebê-lo.

Para a fenomenologia, esses dois pólos estão intimamente interligados, e só existem separadamente enquanto conceitos, ou seja, de forma teórica, na nossa linguagem. Na prática, consciência e mundo são uma mesma realidade, e um só existe em relação com o outro. Isso não significa dizer que o mundo exterior deixa de existir quando a consciência não o está percebendo. Não se trata de subordinar a existência da realidade à sua condição de objeto percebido. Trata-se

de reconhecer que a condição de fenômeno para uma consciência é que faz com que o mundo seja constituído tal como é. Fora dessa condição, não temos uma possibilidade sequer, de mencionar a realidade do mundo. Dessa maneira, o mundo de nossas experiências (que é único sobre o qual podemos falar) é sempre impregnado do referencial subjetivo a partir do qual organizamos, selecionamos e reconstituímos a ordem do real. Qualquer descrição da realidade deve, segundo a fenomenologia, contar com essa interação consciência-mundo se quiser efetivamente captar a realidade vivencial, e não uma realidade pressuposta e estática. Essa perspectiva é chamada “fenomenológica”, precisamente porque só aceita o caráter fenomênico da realidade, tanto da realidade-mundo, quanto da realidade consciência. Ambas aparecem, para a fenomenologia, como um processo vivencial em decurso. A observação científica, se quiser apreender a realidade, deve partir de uma descrição da progressiva constituição do fenômeno com referência a uma ótica de percepção na qual fatores físicos, psicológicos, sociológicos, etc., atuam através da vivência do sujeito.

Para uma melhor compreensão, apresentamos o seguinte exemplo: cada consciência constitui o mundo em função de valores, expectativas, preconceitos, conhecimentos específicos. Cada mundo é peculiar no âmbito de cada consciência, e contém elementos presentes e ausentes. Imaginemos uma velha senhora que acaba de enviuvar-se após um longo casamento. Sua percepção do mundo estará sempre carregada da ausência do marido, ou melhor dizendo, de sua não-presença efetiva. Um outro exemplo: imaginemos um garoto, numa bela tarde de setembro, sentado a contragosto no banco da escola, com toda sua expectativa voltada para o exterior, para a rua, o futebol, a piscina, o pomar. Sua percepção do que se passa dentro de sala está envolvida da presença-ausente do mundo lá de fora.

Como, porém, evitar que o conhecimento caia num total relativismo, à mercê da subjetividade de cada consciência? Cabe, aqui, a introdução de outro conceito importante: intersubjetividade. Assim como cada consciência subjetiva constitui com referenciais próprios o seu mundo, assim também podemos falar de elementos comuns, de um solo comum às experiências das várias consciências: a cultura, o meio físico, a língua, as relações de trabalho, os valores, etc. Acontece, porém, que esses elementos comuns são filtrados pela subjetividade e recuperam sua generalidade na interação viva que se estabelece entre as várias consciências. O que torna, pois, objetiva a descrição fenomenológica não são os pressupostos gerais presentes na

vivência do objeto descrito, mas a interação das consciências entre si, gerando uma percepção intersubjetiva da realidade.

Nesse caso, podemos exemplificar da seguinte forma: uma professora primária, a fim de relacionar-se com seus alunos, procura tomar conhecimento da realidade da sala de aula como um todo. Considera, então, as crianças ali presentes nos seus elementos comuns e mantém com elas um diálogo genérico, tratando-as por “vocês” e captando-as enquanto um todo difuso, cujos pressupostos são, por exemplo, nível de escolaridade, homogeneidade de idades, de classe social, de aptidões intelectuais, homogeneidade de tarefas. Numa perspectiva fenomenológica, não seriam esses pressupostos estáticos que definiriam a priori a consciência coletiva existente dentro da sala de aula, mas, sim, a interação das várias consciências entre si na constituição de um ambiente comum, cujo resultado seria reconhecido por cada um em particular e por todos ao mesmo tempo. Para tanto, seria necessário que a professora levasse em conta, para a captação da realidade da sala como um todo, não apenas os pressupostos genéricos, não apenas os resultados intelectuais do trabalho ali desenvolvido, mas todo um processo afetivo de interação das pessoas entre si e com a realidade ambiente.

Eis porque o método fenomenológico sempre parte de uma descrição da realidade, a partir da sua constituição, para uma consciência, descrição que procura acompanhar o processo vivencial que produziu a relação daquela consciência com o mundo. Como se trata de uma relação dinâmica e viva, única e temporal, a descrição deve submeter os pressupostos implícitos na realidade à transfiguração por que passam na consciência, para a qual essa realidade se constitui.

Para a Fenomenologia, a consciência é intencional, ou seja, está voltada para o mundo, inclinada para fora de si mesma. A consciência se esboça no movimento que faz em direção ao mundo, no sentido que desenha na realidade. A consciência não é uma faculdade fechada em si mesma, mas um movimento que só existe por sua relação com o mundo.

Husserl (1945), em sua obra *A filosofia como ciência do rigor*, criticou severamente o naturalismo que permeou tanto a Filosofia quanto a Psicologia, apontando para uma “naturalização da consciência” por se pretender equiparar o nivelar os fatos psíquicos aos fatos naturais, explicáveis pelas categorias das ciências da natureza física. Com base nas proposições da fenomenologia de Husserl (1945) e daqueles que o sucederam (Heidegger, Merleau-Ponty,

etc.) é que a Psicologia tenta configurar-se como ciência humana. Vemos também na obra *Lógica formal e lógica transcendental* um ataque de Husserl (1945) ao psicologismo e ao empirismo.

“O que Husserl quer sobretudo rejeitar, é o naturalismo dessas ciências que, não tendo destacado a especificidade de seu objeto e tratando-o como se se tratasse de um objeto físico, confundem, a descoberta das causas exteriores de um fenômeno com a natureza própria deste fenômeno. As conseqüências de tal atitude são graves: dir-se-á, por exemplo, que uma afirmação, que crê ter razões, é determinada na realidade por causas que o psicólogo ou o sociólogo podem explicar. Mais amplamente que os princípios diretores do conhecimento não são senão a resultante de leis biológicas, psicológicas ou sociológicas. Essa tendência que Husserl combate sob o nome de psicologismo, tem por resultado minar as bases dessas próprias ciências, já que relativizaram seu próprio fundamento: que crédito por exemplo, conceder ao psicólogo que pretende explicar pela psicologia os princípios da lógica, quando ele próprio se utiliza desses princípios para trazer a explicação deles?”... (André Dartigues, 1973, p. 19)

Merleau-Ponty (1973) também nos mostra como Husserl critica o caráter reducionista das perspectivas até então desenvolvidas, indicando as bases de um existencialismo fundamental para o fazer ciência:

Percebemos portanto que, à crise provocada pelo psicologismo ou pelo sociologismo, Husserl não se opõe a pura e simples reafirmação do velho dogmatismo filosófico das verdades eternas; propõe como tarefa filosófica, o estabelecimento de um filosofia integral, compatível com o desenvolvimento do conjunto de pesquisas sobre o condicionamento do homem. Assim, durante toda a carreira de Husserl, a luta é mantida em duas fontes. Luta contra o psicologismo ou contra o historicismo, por pretenderem reduzir a vida do homem a um simples resultado de condições exteriores agindo sobre ele e por considerarem o sujeito filósofo inteiramente determinado do exterior, sem contato com seu próprio pensamento, condenado a o ceticismo; mas luta também contra o logicismo, desde que este pretenderia nos alcançar um acesso à verdade sem qualquer contato com a experiência contingente. Husserl visa reafirmar a racionalidade no nível da experiência, sem sacrificar as variedades que esta experiência pode comportar; e considerando verdadeiros todos os condicionamentos patenteados pela psicologia, a sociologia e a história. Trata-se de descobrir um método que permita pensar, tanto a exterioridade, quanto a interioridade que é condição da filosofia, tanto as contingências sem as quais não há situação, quanto a certeza racional sem a qual não há saber”. (Merleau-Ponty. 1973, p.25)

A fenomenologia surgiu num momento preciso e com as características que a identificam num universo filosófico em que uma série de fatores estava como que a reclamar sua aparição. Como tudo que é humano, também a fenomenologia traz as marcas da historicidade.

No transcorrer da Primeira Guerra Mundial, a filosofia idealista e racionalista recebeu o golpe terrível que determinou sua crise decisiva. Porém, já antes da guerra (1914-1918) tinham se manifestado sintomas que denunciavam essa crise. A história do século XIX bastou para convencer muitos pensadores de que não era prudente confiar ao saber positivo e ao avanço

técnico o cuidado exclusivo do futuro humano, esperando deles e tão só deles a construção de uma humanidade racional.

Husserl se transformou num crítico destacado desse ufanismo racionalista. Através de suas reflexões, revolucionou as tradições do pensamento ocidental, que já não podiam mais se sustentar na filosofia da razão e que estava cada vez mais distante do objeto de sua reflexão (o próprio homem) e propõe um método que tem como primeiro mandamento o “retorno às coisas mesmas” e que visa colocar o filósofo diante das coisas mesmas numa atitude inédita.

Esse novo método propõe a superação do naturalismo-positivismo e será, mais tarde, utilizado como ferramenta pelo pensamento existencial, confrontando o homem com os problemas fundamentais da sua condição e obrigando-o a repensá-los sob a luz da sua própria experiência.

3.1 Principais Idéias da Fenomenologia

A fenomenologia visa mostrar e descrever com rigor. Husserl (1945) procura inicialmente fundar um método de conhecimento que seja uma ciência rigorosa.

“Ele terá a preocupação em explicitar as estruturas em que a experiência se verifica, em deixar transparecer na descrição da experiência as suas estruturas universais. A fenomenologia será uma ciência rigorosa, mas não exata, uma ciência eidética que procede por descrição e não por dedução. Ela se ocupa de fenômenos, mas numa atitude diferente das ciências exatas e empíricas. Os seus fenômenos são os vividos da consciência, os atos e os correlatos dessa consciência”. (Capalbo, 1987, p. 34)

Inicialmente, a fenomenologia é descritiva e podemos distinguir aí dois momentos que possibilitarão uma atitude de retorno às coisas mesmas:

a) Epoché:

É a primeira condição para que o fenomenólogo se aproxime do fenômeno tal como ele é. Praticar a epoché significa suspender o juízo, abster-se de tomar posição. Aqui, se coloca entre parênteses o valor daquilo que se afirma. Nada se dá como verdadeiro ou falso, mas somente como objeto de consciência.

“Por exemplo, diante de uma coisa, os filósofos sempre se perguntaram se ela existe ou não. Coloquemos esta questão entre parênteses, diz Husserl, e procuremos examinar esta coisa, por exemplo, uma caneta, enquanto objeto de consciência: que sentido tem ela na minha existência”? (Tavares, 1984, p. 7)

b) Redução:

Praticando a epoché, o fenomenólogo desdobra-se no eu que vive e no eu que é espectador, podendo assim relatar aquilo que vê, reduzindo as coisas aos fenômenos tais como se lhe apresentam. Fazendo deles uma simples descrição fenomenológica.

“A redução portanto é o momento em que a consciência efetua uma verdadeira conversão, isto é, ela suspende sua crença na realidade do mundo exterior para se colocar, ela mesma, como consciência transcendental, condição de aparição desse mundo e doadora de seu sentido. Está aí uma nova atitude que Husserl chamará de atitude fenomenológica. (Dartigues, 1973, p.28)

A redução implica portanto numa atitude que visa deixar transparecer o mundo tal qual ele é, e no abandono da possibilidade de se conceber um mundo separado da consciência que o percebe. Não se trata de uma simplificação do mundo ou de reduzi-lo à uma idéia mas de entrevê-lo na sua transparência .

3.2 Intencionalidade da consciência

Para Husserl, consciência é sempre consciência de alguma coisa. Não é faculdade fechada em si mesma, pois o “ser dela é a intencionalidade”. Ela não é luz, mas abertura para o mundo, é sim um operar-se no mundo. Consciência é referência a; não pré existe ao seu conteúdo, ao objeto de sua atenção. A consciência é intencional no sentido que é uma intenção para fora, um tender em direção a (tendere in), um movimento de abertura do sujeito. Por causa de sua natureza transitiva, desse movimento próprio da consciência para fora, a consciência é, obrigatoriamente, uma relação com o mundo. Não existe sujeito sem mundo, porque não existe consciência vazia, fechada em si mesma, pré-existente à relação que o sujeito estabelece com o exterior. A consciência que é o elemento constitutivo do sujeito, é uma relação em aberto com o mundo.

A relação sujeito-mundo é sempre uma relação que constitui um sentido: sentido enquanto significação, e enquanto direção do olhar da consciência.

Só existe mundo ali onde o sujeito conferiu um sentido, onde sua consciência se projetou. Por isso, analogamente ao caráter fenomênico da consciência, o mundo também é fenomênico, ou seja, somente existe quando constituído por uma consciência. O mundo nunca é anterior ao sujeito mas concomitante a ele.

Quer para Brentano (s/d *apud* Tavares, 1984) - filósofo de tradição escolástica - quer para o idealismo, empirismo ou realismo, a separação entre o sujeito e o objeto, consciência que percebe o objeto que é percebido, era um pressuposto básico, e por isto, o mundo existente para uma consciência só o era a título de representação.

Para Husserl, entretanto, perceber não é receber sensações na psique. Não nos é possível separar fenômeno e coisa em si. O fenômeno é conhecido diretamente, sem intermediários, ele é objeto de uma intuição originariamente doadora.

Para toda modalidade da consciência intencional, temos uma correspondência ou uma certa maneira do objeto se apresentar à consciência. A todo conteúdo visado, a todo objeto (Noema), corresponde uma certa modalidade da consciência (Noesis). O objeto é o correlato intencional do pólo subjetivo.

O ser em si não se esconde atrás das aparências ou do fenômeno, mas a percepção do real só pode ser apreendida em perspectivas, em perfis. É a finitude irremediável da percepção.

3.3 Análise Intencional


Se a fenomenologia propõe o estudo dos fenômenos que me aparecem à consciência por meio de um método primeiramente descritivo pergunta-se: O que vamos descrever? O que procuramos? Qual é o objetivo dessa descrição?

Se a consciência é intencional, só é possível uma análise dos sentidos, isto é, não de manifestações objetivas de coisas, e, sim, de como estas se objetivam segundo o horizonte de visada. O fenomenólogo vai em busca das essências que se referem ao sentido de ser do fenômeno. Mas não se discutirá e nem interessará essa essência do objeto a não ser sua implicação com a consciência.

Quando, por exemplo, buscamos definir uma árvore, não nos interessa uma definição que a retira do mundo vivido para defini-la, mas, a busca da essência dessa árvore consistirá no maior número de visadas possíveis sobre a mesma. A essência do objeto é sempre o termo de uma visada de significação e, sem esta visada, não se poderia falar de um objeto. Transformamos a pergunta “o que é” para “o que se quer dizer”. Fazemos, então, uma análise do dinamismo do espírito que dá ao mundo o seu sentido (Intencionalidade). O mundo é aquilo que o mundo diz para mim. Captar essa intencionalidade é chegar à intuição das essências.

Para a fenomenologia, o sentido de um fenômeno lhe é imanente e pode ser perseguido de alguma maneira (Visão de essência = percepção do sentido do fenômeno). O conceito de essência tradicional difere do sentido fenomenológico, pois no tradicional, ela é passível de uma análise, enquanto na fenomenologia ela é, em potência, a síntese de uma experiência de visadas.

No sentido tradicional, essência está ligada ao que é específico do objeto ou do ser. Por exemplo, o que faz com que o homem seja homem; a racionalidade. Isto o define, é a sua essência. Mesmo que esse homem execute milhares de judeus ou “exploda a terra”. A essência no sentido fenomenológico é encontrada a partir das vivências intencionais de cada um, e de todos, todos aqueles que participam, para alguém, com interseções de intencionalidades convivíveis.

Exemplo: árvore  Para o artista
Para o filósofo
Para o homem cansado

Assim, árvore é para alguém a sua própria vivência de árvore e todas as vivências que lhe foram dadas a conviver indiretamente. Por exemplo ,árvore para um apreciador de arte é também a árvore dos impressionistas, dos renascentistas.

Assim sendo, o termo chave para a análise é a significação .Mas trata-se de significações puras ,isto é, a realidade intencional, o que está diante de mim como significação . “*Aliás, este é o primeiro sentido da redução; redução do que é dado a ser significante .Para a realização dessa análise é preciso considerar sempre a relação objeto-ato do sujeito*” (Tavares,1984, p. 8).

Capítulo 4 - A Concepção de Projeto e de Liberdade de Sartre

A filosofia existencial é uma corrente que tem como tema central o estudo da existência.

O existencialismo assume a especulação da existência de modo peculiar. Não se trata do conceito abstrato da existência da doutrina clássica, mas significará um modo de ser próprio da existência humana considerada concretamente como aquele modo de ser pessoal e individual do homem, que, por sua singularidade, escapa a toda universalização e racionalização do pensamento. O problema do sentido do ser coloca-se, então, como a questão central do existencialismo, mas põe sobre reflexão o próprio sentido de existência. Não se pode especular sobre o ser de fora de seu entorno e com conceitos abstratos, a única revelação que podemos ter é no ser efetivo que nós somos, no ser-aí que nós somos, no ser-aí do existente humano. A ontologia do ser tende assim a resolver-se no problema do existir. Uma ontologia construída nessa direção captará o sentido do ser no existente concreto, isto é, na existência.

A ontologia existencial coloca-se não sobre o conceito do ser objetivo em geral, senão sobre o existente concreto que é o homem, no qual se dá uma relação essencial com seu ser, relação lúcida e consciente e que aparece como constitutiva do ser do homem. A filosofia existencial se nega a reduzir o ser humano, sua personalidade, a uma entidade qualquer. As coisas são; somente o homem existe. O homem não pode se reduzir a um ser sociável, a ser um animal racional, a ser um ente psíquico ou biológico. A rigor, o homem não é um ente, é mais um existente. O homem não é nenhuma substância suscetível de ser determinada objetivamente. Seu ser é um constituir-se a si mesmo. Para o pensamento existencial, o homem é a realidade mesma. O existencialismo é o modo de entender a existência enquanto existência humana.

Sartre (1997) propõe-se a descobrir a condição em que se funda a existência humana que, segundo ele, primeiramente existe, se descobre, surge no mundo e só depois se define. O homem é não apenas como ele se concebe, mas como ele quer que se seja, como ele se concebe em existência, o homem não é mais do que o que faz. Esse é o princípio fundamental do existencialismo. A liberdade é apresentada como a principal característica humana e consiste na prerrogativa absoluta do homem decidir diretamente os seus próprios atos, sendo simultaneamente fundamento e expressão do não condicionamento do agir humano. O primeiro ato que lhe é inerente é o da ESCOLHA. É a escolha que dá sentido à determinada ação, e cada

comportamento, cada escolha ocorre em função do projeto individual e representa a maneira em que cada um quer aparecer para si e para os outros.). Com esta definição, Sartre (1997) procura distinguir a liberdade humana do mero arbítrio. Afirmar que o homem é livre não significa conferir-lhe o poder ou o destino de agir caprichosamente ao acaso. O homem é livre no sentido em que pode livremente decidir seu próprio comportamento, escolhendo os seus próprios valores, elaborando os próprios projetos e, desse modo, assumindo uma determinada atitude em relação ao próprio futuro, presente e passado. No plano ontológico, a liberdade é a possibilidade do para-si existente de negar a sua própria facticidade em si, transcendendo-a em direção a uma outra situação.

“O ser no mundo transforma-se destarte no ser para frente de si mesmo. A sua projeção para o futuro, permite-lhe transcender as limitações oriundas do sistema de tensões internas. Assim, passa o homem a morar no cerne das suas possibilidades. Mas, esta morada tampouco é descanso. O mundo dos possíveis supõe a liberdade” (Augras, 1981, p.22)

Nessa perspectiva, a concepção de projeto em Sartre define-se como elemento que faz parte da estrutura ontológica do homem, sendo esse o princípio norteador de toda escolha humana. O homem é projeto, e isto dito marca a ruptura com a ontologia clássica. Isso quer dizer que cada escolha humana ilumina-se pela decisão daquilo que o homem projeta ser. O homem não pode se justificar-se a partir de determinações externas, mas apenas à luz daquilo que decidiu ser e que se revela em seu comportamento. A condição inerente à existência é angústia gerada pela condição humana do ter que fazer-se, do ter que decidir-se sem parâmetros prévios e sem garantias, e tendo por horizonte a morte. Para Sartre (1997) :

“estamos completamente comprometidos em nossa escolha e perpetuamente conscientes de que nós mesmos podemos ,abruptamente inverter essa escolha e mudar o rumo, pois projetamos o nosso porvir por nosso próprio ser e o corremos perpetuamente por nossa liberdade existencial: anunciamos a nós mesmos o que somos por meio do porvir e sem domínio sobre este porvir ,que permanece sempre como possível ,sem passar jamais a categoria de real.” (Sartre, 1997, p. 573)

Assim sendo, no temporalizar, experienciamos a angústia de perceber os possíveis que projetamos, vulneráveis à nossa própria liberdade. Essa angústia torna-se, então, testemunha dessa perpétua modificabilidade do projeto.

Segundo Sartre (1997) um obstáculo à liberdade, só será definido como obstáculo à luz do que o homem projetou ser. Portanto, não “há obstáculo absoluto, mas o obstáculo se revela em função do valor dos fins posicionados pela liberdade. (Sartre, 1997, p. 69) Tentaremos uma compreensão melhor dessa afirmação, através do seguinte exemplo elaborado pelo próprio Sartre:

“Um rochedo não será um obstáculo se almejo, a qualquer custo, chegar ao alto da montanha; irá me desencorajar, ao contrário, se livremente determinei limites ao meu desejo de fazer a escalada projetada. Assim, o mundo, por coeficientes de adversidade, me revela a maneira como me atenho aos fins a que me destino, de sorte que jamais posso saber se me fornece informação a seu ou a meu respeito. Além disso, o coeficiente de adversidade do dado jamais é simples relação com minha liberdade enquanto puro brotar nadificador: é relação iluminada pela liberdade entre o datum que é o rochedo e o datum que minha liberdade tem-de-ser, ou seja, entre o contingente que ela não é e sua pura faticidade. Sendo igual o desejo de escalar, o rochedo será fácil para um alpinista atlético, difícil para o outro, novato mal treinado, de corpo franzino. Mas o corpo, só se revela bem ou mal treinado, em relação a escolha livre. É porque estou aí e faço de mim o que sou, que o rochedo desenvolve com relação ao meu corpo um coeficiente de adversidade. Para um advogado que permanece na cidade e defende uma causa, com o corpo escondido sob sua toga, o rochedo não é fácil nem difícil de escalar: está fundido na totalidade mundo sem dela emergir de modo algum...” (Sartre, 1997, p. 601).

Continuando a prestar esclarecimentos sobre a relação entre projeto, liberdade e escolha, Sartre (1997) afirma que o corpo, no caso do exemplo acima, será significado como franzino ou não, se eu escolhi praticar esportes, porém se decidi ser um advogado, a minha vivência sobre as limitações do meu corpo, certamente serão outras. Ainda de acordo com essa perspectiva, a filosofia sartreana vai ressaltar que a liberdade se afirma no paradoxo de que “*não há liberdade a não ser em situação, e não há situação a não ser pela liberdade*” (Sartre, 1997, p. 602). Nesse caso então, encontramos resistências e obstáculos que não criamos, por toda parte, porém eles só terão sentido, na e pela escolha que fizermos.

Portanto, a perspectiva existencial de Sartre, em coerência com a noção fenomenológica de consciência, vai apregoar que as coisas não são em si mesmas, mas esperam ser iluminadas por um fim para, dessa forma, se manifestarem como adversário ou auxiliar. Assim, ainda que as coisas em bruto possam, dada a origem, limitar nossa liberdade de ação, é nossa liberdade mesmo que deve “*constituir previamente a moldura, a técnica e os fins em relação aos quais as coisas irão se manifestar como limites*” (Sartre, 1997, p. 603).

Capítulo 5 - A Concepção de Tempo e de Angústia em Heidegger

A fenomenologia fornece em Heidegger uma nova perspectiva de se compreender o tempo. Nessa perspectiva, os três grandes momentos, passado, presente e futuro, se articulam e se interagem. Um já não existe mais isolado do outro, pois tornam-se semelhantes à uma melodia em que o som anterior e o posterior se integram ao “compasso” do momento presente. O tempo se faz na unidade de seus momentos, é um entrelaçamento do “porvir” (futuro), o “ser-sido” (passado) e o estar em situação (presente).

Os conceitos de DASEIN (ser-aí, presença) e de SORGE (cuidado) são articulados com o conceito de temporalidade. Para Heidegger (1988) a temporalidade é o sentido de cuidado. O DASEIN é o ser-aí, lançado na existência e que tem a capacidade de antecipação, ou seja, de se dirigir o seu porvir visualizando imensas possibilidades, inclusive a possibilidade da morte. Essa antecipação do DASEIN é um dos sentidos do cuidado e ocorre sempre considerando meu passado, como se referendado nele, pois a partir do “ser-sido”, do estado de abandono, de ter sido lançado é que o DASEIN se dá conta de que tem uma dívida (estado de culpabilidade) para consigo mesmo. Essa dívida consiste em assumirmos a nossa própria existência. O momento do cuidado refere-se ao presente, ao estar em situação numa posição de decisão, numa atitude de lidar com a falta. Nessa perspectiva, segundo Batista (2001) *“a estrutura do cuidado revela o homem (Dasein) engajado no acontecimento da de-cisão” e “apresenta-se num processo ético ontológico, no qual o homem é revelado em sua liberdade e em seu poder ser para as suas possibilidades mais próprias”*. Esse autor afirma que, *“Heidegger denomina a liberdade e suas possibilidades de desempenho do cuidado.”* (Batista, 2001, p. 179-180)

Portanto, “lançar-se, dirigir-se”, são expressões de atos fundamentalmente existenciais, pois dão sentido à existência, e são, por sua vez, essencialmente temporais. Assim, o ser é tempo.

Em síntese, pode-se dizer que não existe o presente puro, mas um estar sendo que antecipa seu futuro (possibilidades), voltando-se para o passado (estado de abandono) e se dá conta do real do seu presente (estado de resolução). Dessa forma, o futuro não é o que ainda não existe, o passado não é o que já passou e o presente não é o puro agora e o DASEIN é sempre um advindo – sido- presentando. A esse fenômeno Heidegger (1988) chama de temporalidade.

Em sua obra, *Ser e Tempo*, Heidegger (1988) retoma a questão do sentido do ser cujo impacto tem se desenvolvido em 2500 anos de metafísica. Faz-se necessário interrogar e descrever

a estrutura do único ente para quem essa questão faz sentido: o próprio homem. Há uma radicalização husserliana da intencionalidade e o existir é existir para fora; é um estado de abertura, pois somos essencialmente uma possibilidade de compreensão. A abertura do estar-aí não pode ser substancializada ou objetivada, mas somente descrita por categorias existenciais, por modos de ser. Heidegger (1988) transporta a idéia de consciência intencional para o terreno das vivências, onde o ser é tocado pelas coisas do mundo, afetado pela capacidade de compreender que os outros entes são, que eles existem.

A palavra existir deriva do latim “*existere*”, sendo formada pela preposição “*ex*”, cujo significado é “fora de” e “*sister*” que quer dizer “colocar, pôr”. Esses termos correspondem aos gregos “*ek*” e “*stasis*”, dando origem à palavra “*extasis*”, que expressa o fato de “sair de si mesmo” ou “transcender”. (Seguir, 1960, p.21). Referimo-nos nesse caso à existência como possibilidade singular, insubstituível e temporal de ser-para-fora. Dessa forma, então, não é possível captar essa existência através de categorias universais, pois o ser como verbo está sempre vinculado a alguma coisa, mas não pode ser confundido com o substantivo e se esconder através de uma definição fechada. O DASEIN (ser-no-mundo) contesta radicalmente a idéia de ser um eu separado do mundo, pois quando o eu se percebe já se percebe dentro do mundo, lançado nele, tendo-o como horizonte dessa sua possibilidade de ser.

Por exemplo, pede-se a uma criança para dizer o que é esta rua, falar dela, aguardando, talvez, descrições objetivas. Mas ela responde: é onde eu brinco, é onde encontro meus colegas. A rua é um mundo dessa criança.

Quando Heidegger (1988) fala de existência, ele está falando do poder ser, sempre se projetando à nossa frente. Mas este ser-no-mundo não é livre sem alguma restrição. Existe uma dimensão desse ser-no-mundo que é a faticidade, ou seja, o encargo de ser sem ter escolhido existir. Seria como se estivéssemos numa viagem sem termos comprado bilhete, “acordamos dentro de um avião!” Isso é factual. Na faticidade restringe-se a nossa liberdade, pois vivemos numa época, temos um sexo, falamos uma língua... Existem configurações que delimitam o nosso existir, talvez limitações, embora Heidegger não use esse termo.

Para referir-se ao cotidiano, Heidegger (1988) utiliza os termos Decadência- Queda. É no cotidiano que ocorre o esquecimento da finitude de que somos seres para a morte e vivemos como se essa dimensão não fizesse parte da vida. O meu ser é somente meu, mas no cotidiano me diluo e me deixo absorver pelo nós, pelo mundo, seguindo uma voz coletiva que nos diz como existir. No

cotidiano, vivemos no império do “se”, “a gente”, no mundo impessoal e nos esquecemos que somos seres para a morte, como se fôssemos imortais.

O homem vive um estado de precariedade, pois foi lançado no mundo sem poder garantir infinitamente a sua existência, pois a morte é um fato inultrapassável. Viver e existir são sinônimos de ser temporal e também são sinônimos de angústia. A existência na concepção heideggeriana é marcada pela finitude e a finitude carrega em si a marca da angústia. Então, os conceitos de existência, angústia e temporalidade se interpenetram.

Na angústia, somos impactados pela estranheza de estarmos aqui e sermos um ser para morte e a cada momento que nos abrimos (pois somos abertura onde as coisas não parecem) nos abrimos para o “ainda não” (o porvir), tendo como uma última integração do porvir a morte. Vida e morte seriam dois aspectos de uma mesma realidade, da qual o tempo é uma síntese. Nessa ambivalência entre o ser e não ser, nos percebemos “habitados pela angústia”.

Essa angústia não é um estado de ânimo fundamentalmente depressivo, sem saída, mas pode ser interpretada como o impulso vital que nos move, que nos coloca frente à nossa liberdade e capacidade de escolha, frente ao risco de viver e de morrer (num sentido que vai além da vida e da morte biológica). Essencialmente, a angústia se origina do fato de sermos chamados a cuidar de nós mesmos “sem ter chão”, a sustentar o ser que a gente é (cuidado). O “encontrar-se aí” sem um sentido prévio funda o sentimento de angústia.

É importante salientar que Heidegger (1988) distingue dois modos derivados do encontrar-se aí: o medo e a angústia. A angústia é contraposta ao medo, pois o medo é o próprio ser-no-mundo na condição de “solupse”. A angústia não é uma escolha em si mesma, mas algo que, descartando tudo que me cega e dispersa, me abre ao exercício de minhas possibilidades mais pessoais. É, pois, pela angústia que o homem projeta a si mesmo, a partir da morte. Isso quer dizer que esta decisão antecipadora refere-se à prontidão para a angústia, à disponibilidade de ser um ser para a morte. A atitude de assumir essa finitude caracteriza o modo de viver autêntico, em que somos responsáveis no sentido de responder ao apelo (no silêncio) da finitude e caminhar resolutamente para o porvir vivendo como mortais e não nos diluindo no impessoal. Viver de maneira autêntica refere-se ao fato de assumir a nossa precariedade, a própria finitude, a própria mortalidade.

5.1 A hermenêutica de Heidegger

Heidegger (1988) desenvolve sua hermenêutica com a perspectiva de historicidade e busca em Husserl o método fenomenológico para o questionamento ontológico. Essa perspectiva de Heidegger defendida por Gadamer é descrita da seguinte forma:

O modo como vivenciamos uns aos outros, como vivenciamos as tradições históricas, as ocorrências naturais de nossa existência e de nosso mundo, é isso que forma um universo verdadeiramente hermenêutico, no qual não estamos encerrados como entre barreiras intransponíveis, mas para o qual estamos abertos. (Gadamer, 1998 *apud* Feijó, 2000, p.41)

A investigação acerca do sentido em Heidegger denomina-se hermenêutica filosófica. Através dessa hermenêutica, busca-se o sentido da humanidade, que se perdeu, em parte, na modernidade, quando o sentido era dado como estando na razão. No sentido originário, hermenêutico vem de Hermes, deus grego que não tinha casa, habitava a casa do outro. Hermenêutica, no sentido mais próprio, significa captar uma interpretação dada por alguém ou uma situação sem alterar-lhe o sentido. Cabe aqui destacar que a compreensão em Heidegger consiste na captação de uma interpretação de mundo singular de cada um. Heidegger (1986) afirma em *Ser e Tempo* que “na compreensão, a presença projeta o seu ser para as possibilidades. A interpretação consiste na elaboração das possibilidades projetadas na compreensão.” A analítica da existencialidade em Heidegger considera os seguintes elementos: **circularidade**, que consiste no círculo hermenêutico onde o pressuposto básico é o princípio da transparência, onde tudo se mostra em si mesmo e não através de:

“o pensamento em círculo não é um raciocínio demonstrativo que trabalha com explicações ou provas; ele lida com experiências, com desdobramentos; ele não se ajusta a um procedimento linear nem segue a direção progressiva do avanço ;segue antes a direção do recuo, como um mergulho para trás. Porque não é demonstrativo nem progressivo, o pensamento em círculo não desemboca propriamente em conclusões mas em questões que abrem novas questões que se engendram sucessivamente.” (Batista, 2001, p. 153)

Totalidade como “antecipação, considera-se que do desvelamento da posição prévia como horizonte de um tema chega-se à interpretação do sentido. Trata-se de estabelecer uma analítica da presença, não considerando alcançar a totalidade, mas como antecipação da totalidade; possibilitar que a transparência se dê com relação à totalidade do ser, junto à idéia de que toda descrição desenvolvida acerca do ser justifica-se na sua totalidade. Enfim, interpreta-se o ser da pré-sença

para se chegar à idéia desse ser como totalidade.” (Feijó, 2000, p. 42) O terceiro elemento é a **tendência para o encobrimento** que significa que, para proceder à hermenêutica filosófica, é necessário estar familiarizado com as tendências ao encobrimento do próprio fenômeno. Para Heidegger (1988), o homem e o essencial das coisas tendem para o disfarce ou está encoberto.

A filosofia hermenêutica, portanto, caracteriza-se por não se ancorar em referenciais externos, mas em trazer a mensagem e a notícia da coisa em si e possibilitar o emergir do ser do ente.

Capítulo 6 - Procedimento Metodológico

A fenomenologia surge no campo da filosofia como proposta metodológica que visa chegar à essência do conhecimento. A redução fenomenológica será o principal recurso utilizado para possibilitar alcançar esse objetivo. Como já foi dito anteriormente, no capítulo referente ao método fenomenológico, a redução “consiste em retornar ao mundo da vida, tal qual aparece antes de qualquer alteração produzida por sistemas filosóficos, teorias científicas ou pré-conceitos do sujeito” (...), retomar a experiência vivida e sobre ela fazer uma profunda reflexão que permite chegar à essência do conhecimento, ou ao modo como este se constituiu no próprio existir humano.

Ao estarmos com o olhar no campo da educação, o principal foco será o de “captar o sentido ou o significado da vivência para a pessoa em determinadas situações, por ela experienciadas em seu existir cotidiano (...). Então, enquanto pesquisadores, o nosso desafio inicial para investigação das experiências vividas em determinadas situações é nos voltarmos para a nossa própria vivência com a finalidade de refletir sobre ela e apreender o significado da mesma em nossa existência. Esse é o momento inaugural de uma pesquisa fenomenológica. Define-se assim, uma inquietação interna do pesquisador que pretende buscar uma compreensão sobre uma questão que lhe é própria. Como afirma Forghieri (1997), para que isso ocorra será necessário que o pesquisador coloque “entre parênteses” tudo o que já é pré-concebido sobre a experiência que pretende investigar. Essa atitude inicial consiste, então, “numa profunda reflexão que nos revele os preconceitos em nós estabelecidos e nos leve a transformar este condicionamento sofrido em condicionamento consciente, sem jamais negar a sua existência. (Merleau-Ponty, 1973, p.22)

O investigador irá, a partir de então, utilizando-se da redução, buscar estudar ou apreender a vivência de outras pessoas, abordando o fenômeno em questão de forma sistemática e reflexiva e adotando procedimentos metodológicos pertinentes com a proposta de captar o significado do mesmo em sua existência.

Tendo assim o objeto definido, o próximo passo da investigação é a definição do caminho a se tomar para termos acesso à experiência de outras pessoas. Seria aquilo que os pesquisadores definem de forma geral como coleta de dados. Numa atitude coerente com a proposta da fenomenologia, Amatuzzi (2001) define o depoimento como o instrumento principal de uma

pesquisa fenomenológica. “O depoimento é ...freqüentemente...um relato verbal, especificamente colhido para aquela pesquisa, e portanto, focalizado na experiência imediata que é objeto da investigação.” (Amatuzzi, 2001, p. 59). Segundo Bessa (2004), esse relato deve ser colhido tendo-se em mente o fato de que nem sempre o vivido enfocado se dá de forma imediata ao sujeito da experiência, daí a forma de abordá-lo tornar-se fundamental. Nesse sentido, tanto a pergunta inicial como a participação do entrevistador no todo da entrevista devem funcionar como facilitadores de sua expressão. (Bessa, 2001, p.78). Esse caminho será aqui definido como entrevista dialógica.

A análise dos depoimentos constitui-se no passo posterior da pesquisa e, para realizá-la, Amatuzzi (1996) propõe as seguintes etapas:

- a) Sintonizando com o todo vivido – realização de várias leituras dos relatos, com o objetivo de estabelecer, com eles, um envolvimento em que o entrevistador busca apreender o sentido global dos mesmos. O pesquisador se abre às impressões primeiras e vivencia aquilo que denominamos intuição da essência da experiência. Trata-se ainda, de uma compreensão pré-verbal. Esse momento é fundamental para que se dê o segundo passo.
- b) Encontro dos elementos experienciais – É o estabelecimento de unidades de significação que permitam articular o material de forma a conseguir, ao final do processo apreendê-lo em seu sentido global. Nessa etapa já se realiza uma organização que se distancia das particularidades de cada sujeito para uma elaboração essencial que comporta um nível de generalização. Busca-se encontrar os elementos invariantes, que estabeleçam a estrutura do vivido. Essas unidades de significado, de acordo com Bicudo e Martins (1989:99), são também construídas pelo pesquisador que as apreende a partir do material coletado, elas não estão ali, de início, prontas, acabadas.
- c) Síntese ou articulação final – Trata-se aqui de “reduzir o fenômeno, da forma como ele aparece, em seu sentido”. (Amatuzzi, 1998:8). Sendo este o estágio final da discussão do fenômeno, o pesquisador estabelece um diálogo com os autores, de forma a ampliar a compreensão e contribuir para o diálogo sobre a questão estudada.

Portanto, a pesquisa qualitativa com o enfoque fenomenológico abre, segundo Bicudo (1994), a possibilidade de apreender o fenômeno da escolha profissional na perspectiva dos próprios entrevistados, a partir da descrição da realidade vivida por eles e do sentido que os

mesmos atribuem às suas experiências. Assumir a práxis científica, a partir da metodologia fenomenológica implica em deixar para trás qualquer tentativa de abordar o fenômeno da vivência humana do ponto de vista explicativo-causal. O principal objetivo será descrever com rigor e não deduzir; será mostrar, e não demonstrar; explicitar as estruturas em que a experiência se verifica e não expor a lógica da estrutura. Por fim, deixar transparecer na descrição do fenômeno as suas estruturas.

6.1 A coleta de dados

Já definimos, aqui, que o fenômeno “projeto de vida e escolha profissional” e a relação estabelecida entre ambos é a questão em foco desta pesquisa. Mas é importante também esclarecer, que a amostra deste estudo definiu-se pela escolha de alunos que estejam finalizando ou já terminaram o curso médio e desejam fazer o vestibular e, também, de adultos que já se estabeleceram no mercado de trabalho e realizaram curso superior e exercem atividades profissionais nas áreas que obtiveram graduação.

O objetivo desta pesquisa, portanto, é compreender a relação entre projeto de vida e escolha profissional de estudantes que aspiram ou aspiraram realizar um curso de nível superior. Tendo em vista essa delimitação dos sujeitos da pesquisa, a amostra deste estudo se constitui de alunos que procuraram o serviço de Orientação Profissional da Universidade Federal de São João Del Rei e profissionais que já estabeleceram alguma forma de contato com a Universidade através desse serviço.

Para identificação dos sujeitos a serem entrevistados, foi feita uma análise das fichas de cadastro dos inscritos no Serviço de Psicologia Aplicada. Essa é uma ficha padrão, que contém informações sobre as pessoas que desejam ser atendidas, havendo na mesma itens que definem o grau escolar e o tipo de atendimento que solicitam. A partir dela, elaborou-se uma lista de possíveis participantes que foram escolhidos, tendo o seguinte critério:

- Estar cursando ou ter cursado recentemente o terceiro ano do ensino médio;
- Estudar ou ter estudado em escola pública todo o ensino médio;
- Estar solicitando ser atendido em Orientação Vocacional.

A partir dessa lista com dez estudantes, foram feitos contatos telefônicos. Seis desses estudantes atendiam a esses critérios, sendo que quatro se dispuseram a ser entrevistados.

Quanto à seleção dos profissionais a serem entrevistados, o Serviço de Orientação Vocacional possui um cadastro com telefones e endereços de pessoas que se dispõem a prestar informações sobre as profissões que exercem aos adolescentes que participam desse projeto de extensão em Orientação Profissional.

Foi feito contato com esses profissionais que foram selecionados de acordo com os seguintes critérios:

- Ter realizado o ensino médio em escola pública;
- Estar atuando na profissão em que graduou-se.

Dos sete profissionais contatados, todos foram receptivos à entrevista, mas somente três atendiam ao critério de terem estudado em escola pública, sendo estes os selecionados para a entrevista.

As entrevistas foram marcadas em hora escolhida por eles e realizadas em sala de consultório de Psicologia, possibilitando assim acolhimento e privacidade.

A lista final ficou assim configurada:

Sujeitos Entrevistados

	Suj 1	Suj 2	Suj 3	Suj 4
Sexo	M	F	M	F
Idade	19	48	18	32
Grau de Escolaridade	Cursando 3º Ano do Ensino Médio	Curso Superior de Medicina	Cursando 3º Ano do Ensino Médio	Curso Superior de Letras

As entrevistas duraram cerca de uma hora e foram gravadas em fita cassete. O material coletado foi transcrito e textualizado de forma integral, procurando-se preservar o mais fidedignamente possível, a expressão do entrevistado.

6.3 A técnica utilizada

O instrumento utilizado foi a entrevista individual semi-estruturada.

Sem a intenção de elaborar um roteiro prévio, as entrevistas iniciaram-se com as seguintes questões:

- O que você pensa em fazer após o término do ensino médio?
- Como se deu sua escolha profissional? (Para os profissionais)

Anterior a essa questão, realizou-se uma breve exposição sobre os objetivos da pesquisa e informado, a confidencialidade dos depoimentos seria preservada.

Observou-se, após a realização das entrevistas, que mesmo sem uma intenção prévia do pesquisador, os depoimentos tiveram a seguinte seqüência em comum a todos eles:

- a) Sentimento que atrai ou atraiu na profissão;
- b) Influências na escolha da profissão;
- c) Obstáculos que enfrenta ou enfrentou para concretização da escolha.

Durante a entrevista, procurou-se estabelecer uma atitude ativa e facilitadora para a expressão do vivido, solicitando esclarecimentos e trazendo questões que permitissem trazer à luz aspectos que pareciam importantes a cada depoimento.

Segue-se então, a etapa de sistematização das entrevistas.

Capítulo 7 - Indo ao Encontro da Expressão do Vivido

Já se disse anteriormente, que uma pesquisa que se queira fenomenológica parte do vivido como expressão do fenômeno. No desafio de ir ao encontro do vivido experimenta-se a certeza de que o método fenomenológico é de difícil trajetória, pois na prática da *epoché* temos que tomar o cuidado de não cometermos o equívoco de confundir neutralidade com nulidade. Nesse aspecto, entendemos ser necessário ressaltar que a descrição do fenômeno em estudo, neste trabalho, ocorreu a partir da perspectiva que considera que é na análise das unidades de significado que a compreensão hermenêutica faz sentido. De acordo com essa perspectiva, Bicudo (2000) realiza importantes esclarecimentos sobre como se percorre, metodologicamente, o caminho ao encontro do vivido. Achou-se conveniente destacar na íntegra o trecho em que Bicudo (2000) explicita esse caminho:

“Encontramos a descrição à luz da interrogação; destacamos as unidades de significado e as repetimos na linguagem do sujeito, denominada ingênua porque não analisada e refletida sobre o aspecto do tema investigado; elucidamos essa fala conforme a linguagem dos pesquisados, já considerando recursos da hermenêutica-fenomenológica por permitirem efetuar a dialética solo perceptiva/ experiência perceptiva do sujeito/ explicitação pela linguagem; obtemos as unidades de significado já postas de modo mais esclarecedor. Conseguimos assim, as análises dos individuais denominada ideográfica. Essa análise aponta os invariantes ou características de cada descrição. A reunião desses invariantes permite nos movimentarmos para um nível maior de articulações possíveis, ao buscarmos os invariantes sobre todas as análises ideográficas.” (Bicudo, 2000, p. 92)

7.1 A sistematização das entrevistas

A partir da leitura detalhada das entrevistas, constatou-se que os conteúdos analisados poderiam agrupar-se em conjuntos de temas representativos. Esses temas, por sua vez, poderiam ser organizados tendo por referência central a escolha profissional e os fatores que a influenciaram.

Com a organização do material, foi possível, então, destacar os fatores essenciais que se relacionaram à escolha profissional, quer dificultando-a, quer facilitando-a. Após a análise inicial das entrevistas destaca-se a seguinte estrutura que as constituíram:

1- *A Escolha Profissional*

1.1- Interesses

- 1.2- Motivações
- 1.3- Dificuldades

2- *O projeto de vida*

- 2.1- Os Objetivos de vida
- 2.2- Os conflitos
- 2.3- A influência do ambiente familiar

3- *As identificações*

- 3.1- A responsabilidade pessoal
- 3.2- O enfrentamento da realidade
- 3.3- Referenciais de apoio

É importante ressaltar que, a partir desse eixo central, presente em todas as entrevistas, ocorreram algumas variações específicas a cada entrevistado. Principalmente nos itens 2.2, 3.2 e 3.3, essas variações verificaram-se de forma mais evidente. Devido a essas variações, optou-se por articular a seqüência dos subtemas preservando o seu surgimento nas falas dos próprios entrevistados. Também apareceram questões que se não mostraram comuns a todos, tornando-se únicas a cada um. Como conseqüência, o leitor perceberá que cada entrevista apresentou nuances que lhe são específicas, o que de forma alguma compromete o aparecimento da essência presente nas experiências.

A seguir, apresenta-se os quadros de análise dos depoimentos. Anterior a cada análise, elaborou-se uma forma de índice relativo aos temas gerais e o número do trecho no depoimento onde esses se encontram.

Esses depoimentos não serão incluídos em anexo, neste trabalho, por estarem sendo, no momento, apresentados praticamente em sua íntegra.

7.1.1 Sujeito 1

1- *A Escolha Profissional*

1.1- Interesses : 01, 02, 19

1.2- Motivações : 03, 04

1.3- Dificuldades : 08

2- *O projeto de vida*

2.1- Os Objetivos de vida : 21,22, 25

2.2- Os conflitos : 09, 10, 11, 24

2.3- A influência do ambiente familiar : 20

3- *As identificações*

3.1- A responsabilidade pessoal : 14, 15 16, 27

3.2- O enfrentamento da realidade : 12, 13

3.3- Referenciais de apoio : 05, 06, 06, 17, 18, 28, 29

Sujeito 1

No. do Trecho	Trecho da Entrevista	O Significado Expresso como vivido	Síntese do Significado
	O Interesse		
01	“É, um curso superior de Enfermagem. Optei, assim, pelo que eu tenho aprendido, o que eu quero fazer também. Já optei por esse curso. Já tá firme, já. Não tô em dúvida mais como muitos na nossa idade ainda têm dúvidas. Tem várias coisas que eles querem fazer, mas nem sabem o que realmente querem. Mas eu já optei mesmo por esse curso...Tô decidido já a fazer isso ”	Optei pelo que eu tenho aprendido. Não tenho dúvidas como os demais de minha idade. Já optei por fazer Enfermagem .	A certeza em relação à escolha profissional e sua opção por um caminho conhecido, sentindo-se distinto de outros de sua idade que ainda têm dúvidas.
02	“Ah! Faz tempo. Faz um ano mais ou menos. Já tive outras escolhas, outras vontades, fazer uma Medicina, uma aeronáutica, mas agora eu tô determinado mesmo a fazer um curso superior de Enfermagem.”	Já tive outras escolhas, Medicina , Aeronáutica, Mas acerca de um ano estou determinado a fazer o curso superior de Enfermagem.	A renúncia de outras escolhas profissionais e a determinação sobre a escolha atual.
	A motivação		
03	“Eu tinha em mente fazer os dois juntos, combinar os dois, Medicina e Aeronáutica... O lado religioso, o lado com Deus. Porque eu vejo a necessidade também, como eu quero estar saindo, pregando em outros países, eu vejo necessidade, igual África, eu vejo uma grande necessidade de pessoas não só tá conversando, falando de Deus mas também eles precisam de uma coisa assim, um médico, assim da área, aí eu optei, que é uma área que eu gosto, tem a ver e eu quero mesmo. Além de tá lidando com um lado espiritual, está ajudando as pessoas, as pessoas assim que tem mais necessidade. Brasil e outros países sempre tem mais necessidade. Chega lá e eles vão tá precisando.”	Tinha em mente fazer Medicina e Aeronáutica. O lado religioso me fez ver a necessidade das pessoas e isso me fez mudar de idéia .Além de estar lidando com o lado espiritual, poder ajudar as pessoas no que elas têm mais necessidade.	O aspecto religioso influenciando a escolha profissional .Uma busca de conciliação entre o interesse pessoal e o sentido dado por sua religião , como fator definidor de sua escolha .
04	“A Aeronáutica é aquele negócio, é um negócio que eu vim com ele	Aeronáutica é um negócio que desde pequeno	A atração pela Aeronáutica como

	desde criança. Desde que eu sou pequeno eu venho com ele. Quando eu vejo um avião penso que um dia eu vou estar pilotando assim.”	venho com ele. Me vejo pilotando um avião .	um desejo de criança ainda não abandonado .
	Referenciais de apoio		
05	“Minha família dá muito apoio pra mim fazer a Aeronáutica. Até de vez em quando a minha mãe fala pra eu ver se faço um concurso, não da Aeronáutica, mas de outras forças armadas, me falam pra fazer. Me falam que é um curso bom, é algo que vai me dar uma boa vida financeira. Mas eu optei mesmo por enfermagem , por querer mesmo esse lado. Acho que eu vou poder ajudar mais.”	Minha família, principalmente minha mãe, me incentivava a fazer concurso para as Forças Armadas, pelo aspecto financeiro, mas optei por Enfermagem, porque acho que vou ajudar mais as pessoas .	A interferência da família ressaltando o aspecto financeiro na escolha profissional mas a preponderância do desejo de cuidar do outro.
06	“Isso, é. Minha mãe ela apoiava mais assim nesse lado, ela queria que eu fizesse, mas ela também, ela tem a visão do que eu quero. “O que você quiser eu tô apoiando” ela diz, O que eu quero pra sua vida é isso, mas o que você quiser eu te apoio”. Aí é assim que eles têm me apoiado”.	Minha mãe quer que eu faça um curso que dê retorno financeiro, mas me apoia no que eu quiser fazer .	Sentimento de apoio da família, principalmente da mãe , mesmo que a escolha seja diferente da que desejam que ela faça .
07	“Várias pessoas vêm, conversam comigo fala o que é melhor pra mim e o que pode ser, como que tá sendo concorrido, o que é... os pontos positivos e negativos. Aí eu tô, assim eliminando, fui fazendo assim e cheguei nesse ponto”.	As pessoas conversam comigo sobre os pontos positivos e negativos e eu fui eliminando e cheguei nesse ponto.	A influência de outras pessoas e a reflexão sobre os pontos positivos e negativos para a sua tomada de decisão .
	As dificuldades		
08	“É, acho que pra minha vida eu tenho visto que a Enfermagem tem mais pontos positivos, acho que vai me ajudar muito também como pessoa, trabalhar com outras pessoas, vou aprender mais com outras pessoas. E os negativos assim, eu esqueço, eu deixo pra lá. Depois eu vou, se os problemas tiverem vindo, assim, eu também vou tá ciente e vô tá trabalhando em cima pra resolver	A enfermagem tem mais pontos positivos e vai me ajudar como pessoa e a trabalhar e aprender com outras pessoas. Os pontos negativos eu esqueço. Vai ser muito difícil não ter problema na minha vida, mas eu não quero pensar neles agora. Atualmente eu não vejo	Foco nos pontos positivos o levam a reafirmar a escolha por Enfermagem, pela possibilidade de poder relacionar-se com outras pessoas ajudando-as e aprendendo com elas. Adiamento

	esses problemas... Eu vou aprender com o tempo, é uma eterna aprendizagem... acho que todo mundo, mesmo que não queira, tá sempre aprendendo, vamos tá sempre aprendendo. Vai ser meio difícil eu nunca ter algum problema na minha vida, eu tenho sempre que resolver alguma coisa, mas eu não quero pensar nos problemas no momento. Atualmente ,não vejo muitos problemas”	muitos problemas, quando eles surgirem vou trabalhar para resolvê-los.	na reflexão sobre os problemas que poderá vir a enfrentar .
	Os Conflitos		
09	“É. Não procuro ficar olhando só pra eles. Se não eu vou desanimar, vou desanimar. Se eu vou ver como tá o Brasil, como que tá a vida, como tá isso como tá aquilo, eu vou desanimar. Então eu procuro ver o que eu quero. Aí eu vou tendo empolgação, aí eu vou me empolgar vou seguir em frente.”	Não olho como está o Brasil, como está a vida para não desanimar. Procuro ver apenas o que eu quero aí me empolgo e vou em frente .	A consciência de que as circunstâncias sociais não estão boas e podem desanimá-lo. Decisão em fixar-se em seus objetivos para não desanimar .
10	“ Pessoas que chegam perto de mim e falam: “Ah! Esse curso é muito difícil. Isso você não vai conseguir”. Pessoas cabisbaixas, que não chegam perto de você pra falar algo bom. Pra essas pessoas eu já falo: “mas eu quero fazer, eu vou conseguir”. Essas pessoas eu já tento eliminar, eu tiro da frente... A cada três pessoas que me apoiam, uma não, não me apoia, não me ajuda. Olha pra mim, assim. com aquela cara, fala que você não vai conseguir, ou é difícil, ou eu tentei e não consegui, que dirá você. Você não vai conseguir, eu que estudei, eu que fiz, eu que fiz aquilo, você que não tem tanto estudo, não tem o que eu fiz, eu não consegui e você vai conseguir? ”	As pessoas chegam perto de mim para dizer que o curso é difícil e que eu não vou conseguir. Essas pessoas eu procuro eliminar. Eu falo para essas pessoas que eu quero e vou conseguir.	A evitação de contato com pessoas pessimistas quanto às possibilidades de concretização de sua escolha profissional e seu otimismo em contraposição ao sentimento de falta de incentivo dessas pessoas.

11	“Às vezes tem pessoas, eu olho as pessoas, observo muito as pessoas, o que as pessoas conversam, eu vejo que as pessoas são assim, as pessoas que se acham auto-suficientes, são auto-suficientes. Elas acham que eu não tenho potencial pra conseguir alguma coisa.”	Observo muito o que as pessoas conversam e vejo que as que se acham auto-suficientes não acham que eu tenho potencial para conseguir alguma coisa.	Percepção de que algumas pessoas não acreditam em seu potencial. (têm uma impressão negativa a seu respeito.
	Enfrentamento da realidade		
12	“Ah! Eu tenho. Eu sou uma pessoa que não desisto fácil das coisas. Como eu já disse pra várias pessoas. É, se tiver uma chance em um milhão eu vou buscar essa chance. Enquanto eu não conseguir, eu vou tentar, só se não tiver mesmo, se não tiver chance, não tiver nada eu páro, mas enquanto tiver eu tô lá ”	Não desisto fácil das coisas e vou tentar até conseguir. Se eu tiver uma chance em um milhão eu vou buscar essa chance.	Mesmo diante de mínimas chances ele não pretende desistir de seu objetivo.
13	“Se as pessoas me xingam, chegam perto para me xingarem por eu ser insistente demais, por eu ter isso, por persistir demais eu não ligo, sempre consegui. Não dei ouvidos a essas pessoas e consegui fazer. Elas não conseguiram e eu consegui, persisti. Acho que isso tá meio em falta hoje nas pessoas. Elas fazem alguma coisa, tão quase conseguindo, não conseguem e desistem. Acho que elas poderiam tentar de novo. Corrigir o erro, aquele erro que cometeu, aquele que fez ela errar alguma coisa. Pô, um vestibular, um errinho, um, meio que eles erraram. Esse meio erro é que eu vou tentar corrigir. Pra lá na frente eu acertar esse meio.”	Não dou ouvidos às pessoas que me xingam por eu ser insistente. As pessoas desistem. Poderiam tentar de novo e corrigir o erro que cometeram. Esse erro eu vou tentar corrigir.	A persistência apesar das críticas.
	A responsabilidade pessoal		
14	“O curso que eu quero fazer é bem concorrido, é bem puxado. Vou ter que estudar bem, apesar de não tá afim, eu vou ter que estudar bem mesmo, prestar mais atenção nas aulas. É o que eu tenho feito mesmo,	O curso que eu quero é bem concorrido e apesar de não tá afim vou ter que estudar bem mesmo. Ver as matérias que eu tenho tido mais difi-	Apresenta uma disposição ambígua entre o querer e o fazer. Sua atitude é de resistência frente

	<p>prestado bem atenção. Vê o que tem sido dificuldade pra mim e procurar corrigir isso. Tipo, as matérias que eu tenho tido. Algumas matérias que tão entrando. Igual, há pouco tempo, acho que entrou Filosofia também pro vestibular. Eu vou procurar estudar também mais Filosofia que é uma matéria complicada. Mas, eu tô aí. Ela vai e eu vou contra ela. Eu vou passar sim. ”</p>	<p>culdade no vestibular e estudar mais. Eu tenho mesmo prestado mais atenção nas aulas vendo o que eu tenho tido mais dificuldade e procurado corrigir. A Filosofia é matéria complicada mas ela vai e eu vou contra ela.</p>	<p>aos obstáculos, demonstrando uma atitude de enfrentamento.</p>
15	<p>“A minha escola é boa, só que também eu vejo que ela tem aquelas falhas. Toda escola tem falhas. E ela tem uma séria preparação sim para o vestibular. Lá várias pessoas fizeram e passaram. Acho que só estudaram lá, não fizeram cursinho e passaram no vestibular. Mas ela, às vezes, também não dão tudo aquilo que o vestibular traz, aquilo que o vestibular pede. Elas não têm isso pra acrescentar, pra encaixar.”</p>	<p>Minha escola tem uma séria preparação para o vestibular mas tem falhas. Lá várias pessoas não fizeram cursinho e passaram no vestibular. Mas ela não dá tudo que o vestibular pede.</p>	<p>O sentimento de valorização da escola, mas a expressão de uma insatisfação quanto ao conhecimento adquirido e necessário para passar no vestibular.</p>
16	<p>“Aí eu tenho que buscar. É o que eu falei, vou buscar tirar essas falhas minhas. Tem também uma falha minha, eu não querer, como eu sei que é algo concorrido eu também tenho que buscar aprender mais. Não só na escola, pegar outros livros, outros autores. Tudo, assim, que tiver dentro do vestibular eu tenho que pegar pra estudar. ”</p>	<p>Vou procurar tirar essas falhas minhas. Tem também uma falha minha... eu não querer... Eu tenho que buscar aprender mais para o vestibular não só na escola.</p>	<p>O sentimento de dívida para consigo pelo fato de não querer estudar e a consciência de que os conhecimentos adquiridos na escola não são suficientes para que ele passe no vestibular.</p>
	<p>Referenciais de apoio</p>		
17	<p>“É, é uma área que eu gosto, como eu já disse, Medicina, acho que as duas têm a ver. Medicina, Enfermagem tão ligadas, tem um laço entre elas...Eu gosto da parte da minha família lá. Eles não são médicos, mas têm um lado que fizeram Odontologia, a maioria, grande parte. Em uma parte, assim,</p>	<p>Medicina e Enfermagem estão ligadas. Eu gosto da parte da minha família que, a maioria que não são médicos, fizeram Odontologia. Odontologia eu quis fazer mas depois falei “não”, pois sempre gostei de</p>	<p>A tendência inicial em optar por uma profissão comum na família e a mudança de opinião ao deparar-se com seu projeto pessoal em trabalhar com</p>

	Odontologia eu queria fazer, mas depois falei, não, eu não vou fazer, quero fazer outra coisa, quero fazer Medicina. Sempre gostei também da Medicina, sempre gostei de trabalhar com as pessoas nessa área. Gosto de ver. Quando vejo na televisão um médico, assim, me inspiro em alguém pra fazer isso. Eu acho que é uma área gostosa de trabalhar, uma área legal. Aí pra mim fazer uma Medicina algo puxado, que a Medicina é mesmo, ela é puxada, é mais concorrido ainda, aí eu optei por Enfermagem.”	Medicina , de trabalhar com pessoas nessa área. Aí, para eu fazer uma Medicina que é algo mais puxado e concorrido ainda, optei por Enfermagem. Quando eu vejo um médico na televisão me inspiro nele para fazer isso.	pessoas na área médica. A consciência dos limites da escolha por Medicina e a opção por uma área afim que considera menos puxada e concorrida. A idealização da figura do médico .
18	“Um pouco, acho que a influência, assim, sei lá, herança mesmo. Dentro de mim mesmo. Ninguém me influenciou assim. Ah! Você vai ter que fazer. Eu escolhi mesmo, eu queria fazer. Meu pai me falou pra fazer outras coisas, fazer Direito. Só que Direito comigo não dá. Aí eu vou fazer outras coisas mesmo. Aí optei por fazer Enfermagem...Isso, foi minha mesmo, foi minha escolha.”	Fui pouco influenciado. Escolhi dentro de mim mesmo. Meu pai me falou para fazer outras coisas, fazer Direito, só que pra mim não dá .Aí eu optei por Enfermagem.	Não se sente influenciado diretamente por ninguém, atribuindo sua escolha profissional a um desejo pessoal.
	Interesse		
19	“Como eu já disse também, a Aeronáutica, a Aeronáutica eu sempre quis, mas depois um pouco pra frente, desde criança, tipo, 11, 12 anos eu comecei a gostar dessa área. Eu já desde pequeno eu já tinha em mente o que eu ia fazer futuramente... Já tinha já um pézinho já pensando nisso. Isso pra mim não foi difícil, esse negócio de escolha, eu não fiquei em dúvida.”	Desde pequeno eu já tinha em mente o que eu ia fazer futuramente .A escolha profissional pra mim não foi difícil. Eu sempre quis Aeronáutica. Mas por volta de 11 ou 12 anos eu comecei a gostar dessa área.	A preocupação com a escolha profissional presente desde a infância. E a coexistência de dois interesses: Aeronáutica e Enfermagem, interesses não conflitantes.
	Influência do Ambiente familiar		
20	“Eu já pensava já no que eu ia fazer. É educação. Meu pai sempre me ensinou a escolher as coisas. Eu já falava com ele que eu gostava de	Meu pai sempre me ensinou a escolher as coisas. Eu falava com ele que eu gostava de Ae-	A relação com o pai sendo destacada como fator importante na sua

	<p>Aeronáutica, ele falava "daqui há uns tempos faz mesmo, tem curso, tem isso, tem aquilo". Aí quando eu falei: pai eu tô gostando disso. "Ah! Faz então é bom pra você. Você vai fazer isso. Vai ter esses pontos ruins, mas vai ter os que é bom, vai ser melhor pra você ... eu acho que a mudança que teve mais assim foi no que eu ia fazer primeiro. Eu queria Aeronáutica e a Medicina. Então eu queria fazer a Aeronáutica, mas também não queria deixar de fazer Medicina. Aí depois eu pedi informação e o meu pai me explicou que eu posso fazer a Aeronáutica e posso fazer Medicina. Eu posso trabalhar na Aeronáutica como médico. Eu posso fazer Medicina aqui fora, fazer o curso, Terminar, beleza e depois eu faço uma prova dentro da Aeronáutica. Meu pai me instruiu e eu gostei da idéia."</p>	<p>ronáutica e ele me apoiou. Eu queria Aeronáutica e Medicina e meu pai me explicou que eu posso trabalhar na Aeronáutica como médico. Meu pai me instruiu e eu gostei da idéia.</p>	<p>decisão profissional.</p>
	Objetivos de vida		
21	<p>"Ah! Quando eu era pequeno eu pensava em pilotar um avião, fazendo isso, protegendo o meu país em outros países, escoltando o avião do presidente, fazendo alguma coisa assim, algo importante pra muita gente aí. Algo igual: "O melhor piloto de caça dos Estados Unidos é brasileiro". Eu tinha em mente fazer um negócio assim... algo importante, algo... Acho também que é mais isso, acho que é gostar, é mais o que eu gosto mesmo. É algo diferente de fazer...Veio, apenas veio. Assistir, ver passando uma cidade, pessoas, às vezes eu tenho contato, primos na Aeronáutica, tem alguém assim. Primos de outras forças armadas, assim. Então, é algo que também dentro de mim, algo de afinidade. Algo que eu faria também se não</p>	<p>Quando eu era pequeno eu pensava em pilotar um avião fazendo alguma coisa importante... protegendo meu país, escoltando o Presidente Algo igual: "O melhor piloto de caça dos Estados Unidos é brasileiro. "Eu tinha em mente um negócio assim É mais o que eu gosto mesmo, algo que eu também tenho dentro de mim .Se não tivesse esse curso em mente, esse algo com Deus em mente já teria feito Aeronáutica e já teria engajado lá dentro.</p>	<p>A Aeronáutica aparece como uma motivação de se sentir alguém importante e reafirmada como um desejo de infância Apesar desse desejo, a necessidade de ressaltar a sua relação com Deus como fator preponderante em sua decisão profissional.</p>

	tivesse esse curso em mente, esse algo com Deus em mente, eu faria. Já teria feito já a Aeronáutica e já tava engajado lá dentro já.”		
22	<p>“ A área médica é que eu acho que é algo mais prá mim, profissional. É algo que eu gosto também, mas seria algo mais profissional. Trabalhar pra isso, pra poder fazer minha família, algo profissional, pra eu trabalhar. Eu gosto também. Não é que eu ia fazer aquilo lá pra ganhar dinheiro, porque eu gosto também. Era mais pra trabalhar mesmo, Ter um emprego. Tem isso também, a gente também, né, a gente tem sempre que pensar no dinheiro. Aí fica meio difícil. Você vai fazer uma coisa e não pensar no dinheiro e fazer assim. Mas a gente tem que pensar mais no que a gente gosta, se não a gente vai frustrar. Conheço muita gente que fez algo porque dava dinheiro, porque dava muito dinheiro, mas lá na frente quando tava terminando o curso, já tava faltando alguns meses, já tinha comprado o equipamento, já tinha comprado tudo, assim, falou "não vou terminar". Jogou tudo fora. Era algo bom, dava dinheiro, mas jogou tudo fora. Aí perdeu o dinheiro. É algo que eu vou gostar sim, dá dinheiro, é bom que dá dinheiro essa área que eu quero.”</p>	A área médica é que eu acho que é algo pra mim, mais profissional, eu gosto também. Era mais para trabalhar mesmo, ter um emprego, poder fazer minha família. A gente tem sempre que pensar no dinheiro mas tem que pensar mais no que a gente gosta senão vai se frustrar. Essa área é algo que vou gostar e é bom que dá dinheiro.	Vê a área médica como um forma de conciliar a possibilidade de ganhar dinheiro e constituir família sem se frustrar .
23	<p>“Já olhei, dá certo destaque, assim. É, dinheiro isso olho, assim, mas também não sou tão preocupado assim, não preocupo tanto assim não... Também futuramente tenho que ter a minha família, ter minha esposa, meus filhos. Então eu vou ter que ter alguma renda. Esse Brasil como tá nos dias de hoje. Tá aí nesse negócio de dinheiro sumir do nada. Então eu vou ter que ter alguma</p>	O destaque eu já olhei, e o dinheiro eu olho mas não me preocupo tanto, assim. O que eu quero e futuramente ter minha família e poder sustentá-la.	O projeto de constituir família e poder sustentá-la surge como uma preocupação na escolha da profissão.

	coisa pra sustentar e sustentar minha família.”		
	Conflitos		
24	<p>“Ah! Não foi tão difícil não. Eu não sei porque, mas não é tão difícil pra mim. Não tá sendo difícil pra mim decidir. Ah! Não é algo que eu paro, choro. Não tá sendo difícil não. Futuramente também se eu Quiser eu posso fazer uma Aeronáutica, não tem nada que me impeça. Aí tem o lado religioso, como eu quero também tá fazendo a vontade de Deus. O que Deus me mandar fazer, eu vou fazer sim, com certeza. Tenho que fazer a vontade Dele. Se eu não fizer aí é que eu vou me frustrar mesmo... A necessidade, a necessidade das pessoas, dos povos, como eu aprendi já. Uma missionária da igreja deu palestras e falou, "e a necessidade? E a necessidade das pessoas, e a necessidade do seu país? e a necessidade do lugar onde você mora?" Ela falou da necessidade... E eu consegui encaixar o que eu gosto com a necessidade. Foi algo assim que consegui encaixar as duas certinho. É o que precisa muito, África. África é um país que precisa muito de alguém estar lá, então eu quero ir pra lá ajudar.”</p>	<p>Não está sendo difícil pra mim decidir, pois futuramente posso fazer Aeronáutica, mas o que eu quero fazer é a vontade de Deus senão vou me frustrar mesmo . Eu aprendi com uma mulher da igreja que eu preciso me preocupar com as necessidades das pessoas. E eu consegui encaixar o que eu gosto com o lado religioso. Eu quero ir para a África ajudar aquele país que precisa muito.</p>	<p>A Aeronáutica torna-se uma opção não descartada atenuando a dificuldade de decidir-se por Enfermagem, que lhe parece estar mais de acordo com a vontade de Deus .</p>
	Projeto de Vida		
25	<p>“Meu projeto é terminar o curso, fazer esse curso, terminar, é, fazer minha vida financeira, construir minha vida, estabilizar minha vida. Aí, há algum tempo eu caso, formo uma família. Só que eu tenho que pensar mais um pouquinho como é que eu vou fazer isso tudo, mas também encaixando com o lado missionário. Tem que encaixar tudo, tem que conseguir conciliar tudo. Aí com o tempo eu vou ver como eu</p>	<p>Meu projeto é fazer o curso , terminar , fazer minha vida financeira, construir minha família, e estabilizar. Aí eu caso, formo uma família. Só que eu preciso conciliar isso com o lado missionário , pois não posso deixar minha família aqui e ir embora. Preciso conseguir conciliar tudo</p>	<p>Seu projeto maior é conciliar a estabilidade financeira, o desejo de constituir família e fazer a vontade de Deus sendo um missionário. Vive um paradoxo onde tenta fazer uma síntese.</p>

	vou conciliar, como eu vou fazer as coisas darem certo. Eu também não posso deixar a família aqui e ir embora, ficar um tempo pra lá e depois voltar, ficar nesse negócio desse jogo. Tenho que fazer algo pra conciliar . Acho que vou conseguir sim.”	e tenho que pensar mais em como fazer isso. Acho que vou conseguir.	
26	“Eu penso: só com Jesus. Eu não posso ver um bicho de sete cabeças nelas. Eu tenho que colocar na minha mente que eu vou conseguir, eu tenho que conseguir, eu vou conseguir sim, eu tenho essa convicção que eu vou conseguir, de que eu tenho. Não me vangloriando, mas eu acho que eu tenho potencial pra fazer isso, acho que eu consigo. Mesmo se eu não conseguir e chegar lá na frente eu faço uma prova, eu não vou desistir, eu não vou ficar frustrado, vou tentar de novo. Na vida a gente não consegue tudo fácil, vou sempre tá tentando.”	Eu penso que só vou conseguir , com Jesus. Tenho colocado na minha mente que vou conseguir e estou convicto disso. Eu acredito no meu potencial e mesmo se eu não conseguir, não vou ficar frustrado, não vou desistir, pois na vida a gente não consegue tudo fácil e eu vou estar sempre tentando .	Sua fé em Jesus e a certeza de seu potencial lhe servem de sustentação para não desistir de seus objetivos. Manifestação de conflito diante da certeza e das possíveis dificuldades que poderá encontrar .
	Responsabilidade pessoal		
27	“Não vou desistir...Eu creio que não. Eu acho que não, ainda não, não tenho nada pra mudar não. Já tô na reta final também. Já tá Quase no meio do ano, no meio do ano praticamente. Acho que mudar agora, eu teria que mudar muita coisa, teria que mudar quase tudo, seria difícil. Infelizmente, vou buscar, vou correr atrás. Já tem a minha família que tá me apoiando. Já tô fazendo o ENEM, vou fazer a inscrição e vou buscar. Começar a pegar mais, estudar mais do que eu tô estudando, se não vai ficar difícil. O que ia ser fácil, vai ficar difícil. ”	Já estou na reta final, e mudar agora seria mudar quase tudo e isso seria difícil. Já estou fazendo ENEM, vou fazer inscrição para o Vestibular e tenho o apoio de minha família. Agora, preciso estudar mais do que estou estudando.	Não vê possibilidade de mudança com relação a sua escolha profissional, pois isso significaria mudar seu projeto. Sente-se em dívida consigo mesmo pelo fato de estar estudando menos do que acha que necessita .
	Referenciais de apoio		
28	“Minha família tá apoiando a minha escolha. Chega minha mãe, meu pai, chega perto de mim e conversam: "Não quero mudar sua cabeça, o que	Minha família me apóia em minha escolha pelo Curso Superior de Enfermagem. Meu pai e minha	Ressalta a importância do apoio de seus pais e conta com a ajuda fi-

	<p>você quiser fazer você faz, eu vou te apoiar, vou te mostrar o que ajuda e o que não ajuda nisso." Minha família tá me apoiando nisso. Então eu já falei com o meu pai, com a minha mãe que eu vou fazer superior de Enfermagem. Eles já me falaram: "Superior de Enfermagem é assim, assim, assim. Tem esses pontos e tem esses. Se você fizer mesmo eu já vou começar a ver com a família, juntar a família, reunir, vê como vão ajudar financeiramente, hospedagem, tudo assim. Vou ver um lugar pra você ficar, se tem família em outros lugares". E eles tão me apoiando, tão me apoiando em tudo assim. Estudo se precisar, eu sei que eles me dão estudo, eles vão me ajudar, que eu tenho vários tios que já pouco tempo atrás fizeram vestibular. Então, já tem essa experiência. Se eu pedir ajuda como eu já pedi, eles vão me ajudar a estudar, me dar uns toques, algumas coisas que eu não posso fazer em prova, algo assim. Eles tão me ajudando."</p>	<p>mãe já me falaram dos pontos positivos e negativos e eles me apoiam em tudo. Eles dizem que vão reunir a família e ver como vão me ajudar financeiramente e com hospedagem. Sei que posso contar com a ajuda de vários tios que fizeram vestibular para me ajudar a estudar.</p>	<p>nanceira de sua família para concretizar sua escolha profissional.</p>
29	<p>"Vai ser mais minha avó, minha avó mesmo, meu tio, eles sim vão ajudar. E eu acho que sou o único filho, o único da geração que eu acho que vai fazer vestibular e vai Terminar, porque as outras pessoas começaram e não terminaram, não chegaram nem no segundo semestre da faculdade. E eu acho que eu sou o único, então eles vão me dar esse apoio. Vamos levantar também o nome da família."</p>	<p>Só meus pais me ajudarem vai ser difícil. Minha avó e meu tio é que vão me ajudar mais. Acho que sendo o único filho dessa geração que vai fazer vestibular e vai terminar, eles me darão apoio. Vamos levantar o nome da família.</p>	<p>Por projetar-se como o único neto da família que irá finalizar um curso superior, acredita que receberá toda a ajuda que necessitar. Toma para si a responsabilidade de levantar o nome da família.</p>

7.1.2 Sujeito 2

1- Escolha Profissional

- 1.1 Interesses : 01
- 1.2 Motivações : 02, 03, 04
- 1.3 Dificuldades : 12, 13

2- O projeto de vida

- 2.1- Os Objetivos de vida : 15, 19, 20, 23, 28
- 2.2- Os conflitos : 05, 21
- 2.3- A influência do ambiente familiar : 16, 17, 25

3- As identificações

- 3.1- A responsabilidade pessoal : 09, 10, 11
- 3.2- O enfrentamento da realidade : 06, 07, 08
- 3.3- Referenciais de apoio : 06, 07, 08,27

Sujeito 2

No. do Trecho	Trecho da Entrevista	O significado expresso como vivido	Síntese do significado
	O interesse		
01	Há quase vinte anos sou médico e desde pequeno eu tinha interesse em ser médico, desde uns 10 (dez) anos de idade pelo menos. Eu me lembro que quando me perguntavam eu dizia que queria ser médico. Eu acho que eu ia muito com a minha mãe aos médicos, ela vivia indo ao médico e eu acompanhava muitas vezes, e via muito problema, assim, provavelmente eu sentia que eu podia ser uma solução para resolver as coisas como médico!	Desde que eu tinha uns 10 (dez) anos de idade que eu queria ser médico. Minha mãe vivia indo aos médicos e eu acompanhava. Vendo muitos problemas, provavelmente sentia que como médico poderia ser uma solução.	A escolha por medicina motivada pelo sentimento de solucionar os problemas de saúde de sua mãe. Responsabiliza-se desde a infância pelo cuidado de sua mãe .
	A motivação		
02	“Problemas de casa, mais os da minha mãe, talvez devem ter me influenciado. Eu vi também o meu irmão. Uma vez ficou doente, ficou internado no hospital, quase morreu. Então ele era bem pequeno. Eu acho que isso tudo tocava em mim, porque eu vivia várias vezes assim, como criança num ambiente hospitalar.”	Os problemas de casa mais os de minha mãe e também de meu irmão que ficou muito doente, ficou internado e quase morreu, devem ter me influenciado. Tudo isso tocava em mim pois como criança, vivi várias vezes num ambiente hospitalar.	Sente-se tocado pela convivência contínua com pessoas doentes relacionando este fato à escolha por medicina.
03	“Comecei a estudar. Achava que podia vir a ser um médico, eu nunca achei que não podia. Daí eu estudei. Quando eu estava na época do colegial fui fazer um outro curso com vistas em depois me sustentar no curso de Medicina, mas eu vi que não ia dar. Lá no curso eles iam me mandar para qualquer lugar do Brasil. Depois eu estava fazendo curso de programação de computadores e eu ia ter que trabalhar para o Banco durante 3 (três) anos em qualquer lugar que eles quisessem e eu achei que isso ia me atrapalhar pro meu curso e então, depois de um	Nunca achei que não podia ser um médico e comecei a estudar. Na época do colegial, fui fazer um curso de programação de computadores com vistas em depois me sustentar no curso de Medicina. Mas quando eu vi que ia ter que trabalhar três anos para o Banco em qualquer lugar que eles quisessem e isso iria me atrapalhar a fazer Medicina, eu saí, continuei	A certeza em relação às possibilidades de concretização de sua escolha profissional e a renúncia de outras possibilidades que inviabilizariam essa decisão.

	ano eu tive que sair desse curso. Daí eu continuei estudando, prestei vestibular e depois não passei.”	estudando, prestei vestibular e não passei.	
04	“Não desanimei, fiz 1 (um) ano de cursinho, então passei no vestibular e aí estudei. Eu não achava que eu não pudesse ser um médico, nunca achei que eu não conseguiria. Para mim, não tinha esse tipo de situação, eu achava que dependia muito de mim, que eu estudando conseguiria.”	Não desanimei. Achei que dependia só de mim e que estudando eu conseguiria. Nunca achei que não conseguiria ser um médico. Fiz um ano de cursinho e passei no vestibular.	Projetando-se nas suas possibilidades, assume a responsabilidade pessoal de atingir seu objetivo.
	Conflitos		
05	“Apesar de que lá onde eu morava eu achei que ia ficar difícil de passar. Cento e vinte e cinco vagas para milhares de candidatos, então quando fui prestar vestibular lá, eu prestei para Medicina. Eu prestei para Engenharia Florestal na USP também, com 25 vagas só. Passei, fiz um semestre só, mas não tive coragem de prestar para Medicina; mesmo porque eu já estava inscrito em outro vestibular em na UFMG que tinha mais vagas. Eram 320 vagas...Apesar de estar concorrendo a mais de 60 por vaga eu achava que tinha mais chance. Apesar de eu não ter estudado em Minas Gerais, muitas matérias dependiam de conhecimentos de autores mineiros, mas eu não vi como impossibilidade. Podia ser que fosse mas eu não via. Eu não achava que era, talvez pela própria ignorância da situação que eu vivia. Mas, eu não achava que fosse impossível.”	Onde eu morava ia ficar difícil de passar. Eram cento e vinte e cinco vagas para milhares de candidatos. Prestei vestibular para Engenharia Florestal, passei, fiz um semestre só e não tive coragem de prestar para Medicina mesmo porque eu já estava inscrito na UFMG onde eu achava que tinha mais chances porque tinha mais vagas. Apesar de não ter estudado em Minas Gerais e não ter conhecimento de autores mineiros eu não via impossibilidades. Talvez por ignorá-las .	Apresenta uma disposição ambígua entre a determinação em fazer Medicina e enfrentar a concorrência do vestibular. Sua atitude é de resistência frente aos obstáculos, procurando realizar uma síntese entre seus limites e possibilidades. A opção por outro curso revela o conflito.
	Referenciais de apoio/Enfrentamento da realidade		
06	“Uma professora minha, pelo menos, me deu um bom apoio moral. Ela só falou: "Não, você consegue!" Às vezes uma fala aqui, outra ali, de	Uma professora me deu um bom apoio moral quando falou: “vai você consegue!” Desde a	A antecipação de atitudes que revelam sua determinação em passar

	<p>peças significativas. Elas nos apoiam, elas nos dão aquele empurrãozinho que falta. Eu estudava para o vestibular desde a 7ª série. Comprava livros, fascículos de apoio cultural para o vestibular e tentava estudar aquilo e entender. Além do curso normal eu trabalhava o dia todo, estudava à noite e eu tentava entender coisas que eu não entendia o sentido daquilo, mas eu estava estudando.</p>	<p>sétima série comprava fascículos e livros e mesmo sem entender aquilo eu estudava para o vestibular.</p>	<p>no vestibular. A importância das manifestações de apoio.</p>
07	<p>Nessa época eu trabalhava no Banco. Era necessário que eu trabalhasse. Minha família era muito grande, nove filhos. Então, era necessário que eu trabalhasse. Tinha que trabalhar mesmo para ajudar a sustentar a casa em si, né? Meu dinheiro mesmo eu não tinha, mas precisava...Uma família muito grande, nove filhos então era necessário que eu trabalhasse.</p>	<p>Trabalhava no Banco o dia todo, pois era necessário ajudar a sustentar a minha família de nove irmãos e à noite eu estudava. Meu dinheiro mesmo eu não tinha.</p>	<p>A percepção das dificuldades financeiras da família levando-o a trabalhar para ajudar. O cuidado com a família apresenta-se como característica peculiar.</p>
08	<p>“Tinha, mas eu não percebia nenhuma dificuldade não. Comia, vestia, não tinha outros gastos. Não gastava com mais nada, não saía, não viajava, não passeava, não comprava nada diferente, um tênis, uma roupa, nada.... Então: na minha formatura da 4ª série eu não fui por isso. Quer dizer era ruim para mim, mas eu não sentia isso como um problema. Eu vivia num ambiente assim, as outras pessoas que eu conhecia também no bairro, na igreja elas também não eram de condição financeira boa, então eu achava que era normal. Eu não achava que para ser médico tinha que ser rico ou filho de rico.”</p>	<p>Não percebia as dificuldades financeiras. Comia, vestia, não gastava com mais nada. Não viajava, não passeava, não comprava nada diferente, um tênis, uma roupa. Mas eu não sentia isso como problema, pois vivia num ambiente que outras pessoas também não tinham boa condição financeira. Não achava que para ser médico tinha que ser rico.</p>	<p>A situação de dificuldades financeiras não representa um obstáculo para atingir seu objetivo de ser um médico.</p>
	A responsabilidade pessoal		
09	<p>“Por isso que eu fui fazer o curso de programação de computadores para que eu pudesse financiar o meu curso de Medicina, eu ia trabalhar um período com computadores por</p>	<p>Fui fazer o curso de programação de computadores para financiar o meu curso de Medicina mas não tive outra</p>	<p>O sentimento de falta de apoio mas a atitude de enfrentamento baseada na certeza de</p>

	<p>exemplo programando e ia fazer o curso de Medicina. Eu pensava assim. Não foi me dada nenhuma outra alternativa, depois que eu saí do curso, tive que sair, daí mas eu não pensava no aspecto financeiro, eu pensava que alguma coisa pudesse acontecer, eu não sabia, eu não tinha nada ao certo, eu não tinha um plano definido. Ninguém me falou o que fazer, uma tia minha que falou: "... não, pode deixar que se você passar eu banco". Durante o curso todo, eu não vi isto acontecer. Ela nunca chegou para mim para me ajudar financeiramente em nada. Talvez, porque ela nem achasse que eu fosse passar. É fácil prometer depois assim."</p>	<p>alternativa, tive que sair. Mas não pensava no aspecto financeiro. Eu não tinha um plano definido mas eu pensava que alguma coisa ia acontecer. Minha tia prometeu que ia ajudar financeiramente mas não cumpriu, talvez por achar que eu não fosse passar.</p>	<p>que algo iria acontecer. A atitude de fé lançando o para o arriscar-se.</p>
10	<p>"Mas, felizmente eu consegui uma bolsa de estudo de 1 (um) salário mínimo por mês, dez meses no ano; apesar de eu estudar 12 (doze) meses. Vinha atrasado, mas vinha e com isso eu pude fazer o curso. Alguns colegas meus até tinham que trabalhar, trabalhavam à noite, vendiam roupas, vendiam isso e tal. Eles tinham que se virar. Talvez mais apertados financeiramente até do que eu. Então, eu não senti o aperto financeiro, estava apertado financeiramente sim, mas eu estava acostumado. Então para mim, não teve assim falta, eu nunca sinto que passei por privações. Passei sim, eu só almoçava, não jantava às vezes ou jantava e não almoçava. Andava muito a pé, não comprava roupa alguma. De vez em quando eu comprava algum livro que eu queria, mas não os caros. Livros baratos. Estudava só em biblioteca. Para mim, isso era o que o estudante tinha que fazer mesmo. Mas, para mim não tinha diferença."</p>	<p>Consegui uma bolsa de um salário mínimo e com isso pude fazer o curso. Como já estava acostumado a viver apertado financeiramente para mim não teve falta. Eu nunca sinto que passei por privações embora tenha passado sim. Via outros mais apertados do que eu então para mim não tinha diferença. Só almoçava ou só jantava, não comprava roupas e de vez em quando comprava livros mas, só os mais baratos, só estudava na biblioteca mas, para mim isso é o que o estudante tinha de fazer mesmo.</p>	<p>A busca de saídas para superar suas dificuldades financeiras e a consciência de que as circunstâncias que vivencia são transponíveis diante das dificuldades enfrentadas por alguns colegas seus.</p>

11	<p>“Só eu sabia que se eu me esforçasse eu conseguiria para mim era isso. As barreiras que aconteceram foi quando eu não passei no vestibular daí, o meu pai me apoiou, eu parei de trabalhar. Eu trabalhava no hospital, daí eu parei de trabalhar, para só estudar. Ele me apoiou nisto, isto poderia ser uma barreira que não houve. Na segunda vez que eu prestei o vestibular corrigiram com o gabarito errado e eu tive a resposta que eu não tinha passado. Eu ia começar a estudar, já estava começando a estudar tudo novamente, mas eu tive a notícia que eles tinham corrigido a prova de línguas com o gabarito correto e daí eu tinha passado. E foi mais isso.”</p>	<p>A barreira que enfrentei foi Quando não passei no primeiro vestibular e eu tive que parar de trabalhar mas meu pai me apoiou e o que poderia ser barreira não foi. Na Segunda vez que prestei vestibular corrigiram o meu gabarito errado e eu tive a resposta que não tinha passado e eu ia começar a estudar tudo novamente mas depois eu tive a notícia que eu tinha passado.</p>	<p>A necessidade de ter que parar de estudar para se preparar mais para o vestibular e a importância do apoio do pai neste momento. A disposição em continuar diante da notícia de mais uma segunda reprovação.</p>
	<p>As dificuldades</p>		
12	<p>“A gente estudava até a 8ª série depois entrava no curso ou profissionalizante no curso chamado Colegial. Eu fiz um ano de Colegial e fui prestar o serviço militar. Durante este ano eu não estudei, eu não agüentava era muito esforço físico e era longe de casa. Mas, alguns colegas meus conseguiram inclusive estudar neste ano. Talvez por falta de orientação, talvez se alguém tivesse falado não você estuda tal, eu teria estudado...Eu tinha alguém para conversar. Muito poucas pessoas. Eu não tinha, as pessoas assim, era uma época muito difícil na nossa vida. Não tinha pessoas para chegar orientar, nem na igreja e nem em casa. Então eu tinha que fazer o que eu achava que era para fazer. Então como era muito longe eu ficava muito cansado, eu não estudei um ano, mesmo gostando de estudar”</p>	<p>Fiz o primeiro colegial e fui prestar o serviço militar. Durante este ano, devido ao cansaço que sentia, eu não estudei. Mas alguns de meus colegas conseguiam e se eu tivesse alguém para me orientar, talvez eu teria estudado. Não tinha pessoas para conversar. Era uma época muito difícil na nossa vida, então eu tinha que fazer o que eu achava que era para fazer e mesmo gostando de estudar, eu não estudei um ano.</p>	<p>Via-se sem orientação para tomada de decisões. Compara-se com outros e lamenta sua decisão de ter parado de estudar um ano. Sente falta de pessoas para conversar com ele e orientá-lo.</p>
13	<p>“Eu só senti que eu estava cumprindo algo que o meu pai</p>	<p>O serviço militar era algo importante para o meu</p>	<p>Faz serviço militar para agradecer</p>

	<p>gostaria que eu fizesse que era o serviço militar que para ele era muito importante. E eu cumpri e eu achei interesse também, não do ponto de vista dele. Tanto que eu não quis ficar. Fiquei 10 (dez) meses depois eu saí. Depois que saí então, para recuperar esse ano que eu havia ficado no quartel aí eu fui fazer o supletivo do 2º e 3º ano do colégio em 1(um) ano. Seis meses cada um, mas não tinha curso de línguas, era um cursinho noturno estava sendo implantado a pouco tempo. Não era um curso muito bom, era curso e eu tentei me esforçar ao máximo para aprender. Mas eu sabia que eu teria que fazer 1 (um) ano de cursinho depois.”</p>	<p>pai e sinto que só o cumpri para agradá-lo. Tanto que não quis ficar. Quando saí do quartel, fiz supletivo para recuperar esse ano. O supletivo não era bom e eu teria que fazer cursinho depois , mas tentei me esforçar ao máximo para aprender .</p>	<p>ao pai, porém seu desejo maior é continuar os estudos. Afirma-se nisso fazendo Supletivo, tentando recuperar o tempo que sente que perdeu no quartel. Evidente determinação em alcançar seu objetivo profissional.</p>
	<p>Posicionamento frente aos obstáculos</p>		
14	<p>“Como de fato, no final deste curso supletivo eu prestei o vestibular e não passei. Vi, olhei onde eu estava ruim. Que eu não sabia, no cursinho tentei prestar mais atenção nisso. Todos os dias eu levantava pela manhã bem cedo, tipo 4:00 h da manhã, fazia exercício até às 5:30 h da manhã, tomava banho, fazia um lanche daí ia para pegar o ônibus. Quase 5:40 h para chegar às 7:00 h no cursinho. Daí eu senti que isso foi muito bom para mim, porque eu chegava lá bem acordado e bem animado. Eu estudava até às 13:00 horas e voltava. Aí eu descansava à tarde, depois estudava mais à tarde e à noite e tentei pegar onde eu estava pior. Eu tinha bastante deficiência principalmente na parte de ciências exatas, matemática e física, não entendia quase nada. O meu curso foi bem picado, curso supletivo não me deu base para isso e o curso Abril</p>	<p>No final do Supletivo prestei vestibular e não passei. Olhei onde estava ruim, eu tinha bastante deficiência na parte de ciências exatas e tinha que aprender. Todos os dias levantava às 4:30 da manhã, fazia exercícios, tomava banho, lanche e ia para o cursinho bem acordado e bem animado. Tentei aprender durante um ano de cursinho o que eu não entendia, não sabia, não compreendia.</p>	<p>Consciência de suas limitações e busca de superação das mesmas através de comportamentos que revelavam sua decisão em atingir seus objetivos .</p>

	Vestibular também que eu estudava, eu não entendia, eu não compreendia, então eu não sabia. Eu tinha que aprender e daí tentei aprender durante 1(um) ano de cursinho, foi o curso extensivo durante o ano todo que eu fiz.”		
	Objetivos de vida		
15	“Eu creio que queria vencer. Eu acho que isto vindo de uma família pobre cheia de problemas, problema de alcoolismo, eu creio que o que me impulsionava mesmo era o dever de vencer. De sair daquela situação. Talvez não de ser um médico, mas de alguma maneira vencer, podia ser um outro profissional, tanto que eu fiz a minha inscrição para Engenharia Florestal. Eu só não queria ficar daquela mesma maneira como eu estava. Eu não queria ser um bancário a vida toda, não era a profissão que eu queria apesar de eu gostar. Eu achava um serviço legal, bom. Eu não queria ser um bancário. Então eu queria ser uma outra coisa, eu achava que sendo um médico eu seria a solução para muitas coisas que eu via dentro de casa também. Como um pensamento infantil de menino, então eu achava que podia ser.”	Acho que o que me impulsionava era o dever de vencer. Talvez não o desejo de ser um médico, mas de vencer aquela situação de ter vindo de uma família pobre e cheia de problemas. Problemas de alcoolismo. Acho que sendo médico eu seria solução para muitas coisas que eu via dentro de casa. Eu só não queria ficar daquela mesma maneira. Eu não queria ser bancário a vida toda. Queria ser outra coisa. Como um pensamento infantil, de menino, eu achava que podia ser.	Sua escolha por Medicina, revela-se como um meio para alcançar seu projeto maior de solucionar os problemas de sua família. Revela uma angústia frente a situação que vivia movendo-o na busca de mudar as circunstâncias familiares. O sentido dado à profissão relaciona-se com o sentido dado à própria existência, que é o de cuidar de sua família.
	Influência do ambiente familiar		
16	“É. Talvez ser uma pessoa assim. Não sei exatamente. Era um esforço para ser alguma coisa que eu não sabia o que de fato era. Eu não era nada, neste sentido. O filho do alcoólatra geralmente ele se sente muito zero. Não sente que é pessoa, auto-estima muito baixa demais. Então tem um sentimento muito ruim em relação a si mesmo. E crianças costumam, eu penso hoje, sentir culpadas por muitas coisas que	O filho de alcoólatra geralmente tem um sentimento muito ruim em relação a si mesmo. Sente-se muito zero, que não é pessoa, a auto-estima é muito baixa. Meu esforço era para ser alguma coisa que não sabia o que de fato era. As crianças costumam se sentir culpadas por	É motivado pelo desejo de superar sua condição. Revela experimentar sentimentos de culpa e responsabilidade pela situação familiar. Esses fatores influenciam a sua escolha profissional.

	<p>acontecem na família e que são responsáveis. Então, talvez seja isso, eu sentia que era responsável por mudar a minha situação em princípio. E de provar que eu não era ninguém.”</p>	<p>muitas coisas que acontecem na família e que são responsáveis. Talvez eu me sentia responsável por mudar a minha situação e por provar que era alguém.</p>	
17	<p>“Eu acho que eu tinha um sentimento assim, depressivo. Eu queria provar que eu era alguém. Alguém. Eu estudava em escola que os alunos não estudavam muito, a maior parte deles tinha muito ciúme, muita inveja. Eu sempre fui um ótimo aluno, eu estudava muito para ser um ótimo aluno. Não para aparecer, mas para aprender realmente eu sempre quis aprender. Nunca quis de caso pensado não conscientemente, talvez queria sim. Porque eu devia ser um menino muito carente de afeto. Então eu queria a atenção da professora e de todos, certamente que isso estava. Mas, eu não pensava assim não, eu queria aprender mesmo. Tanto que eu estudava desde a 7ª série para o vestibular, porque eu queria aprender. Porque era mais difícil para mim. Para outros, também era difícil, mas eu nem sabia isto.”</p>	<p>Acho que eu tinha um sentimento depressivo. Eu queria provar que era alguém. Eu sempre fui um ótimo aluno numa escola em que os alunos não estudavam muito. A maior parte deles sentia muito ciúme e muita inveja, mas eu não fazia para aparecer, mas para aprender. Nunca fiz de caso pensado, mas talvez eu queria sim. Porque eu devia ser um menino muito carente e queria a atenção da professora e de todos. Mas eu queria aprender mesmo. Essa carência afetiva me ajudou a vencer barreiras.</p>	<p>Experimenta conflitos e ansiedade em relação a si mesmo. Aponta sua carência afetiva como motivo para buscar ser um bom aluno. A busca de reconhecimento e de atenção revelam sua angústia frente aos conflitos que experimenta relacionados ao desejo de provar que era alguém.</p>
	A busca de saídas		
18	<p>“Então essa carência afetiva parece que no meu caso me ajudou a tentar vencer barreiras. Eu morei 2(dois) anos com os meus tios e minha avó na época em que o meu pai ainda era um alcoólatra e violento. Então, a família não conseguia sustentar. Então foi mais para dar um alívio financeiro. Lá eu fiz curso de datilografia, eu estudei 2 (dois) anos em uma escola pública também, mas boa. E depois voltei para iniciar o trabalho no banco. E foi um período interessante morar fora de casa, andar de ônibus sozinho por SP todo.</p>	<p>Morei dois anos com meus tios e minha avó, para dar um alívio financeiro a minha família, na época em que meu pai era alcoólatra e violento. Lá estudei e depois voltei para iniciar o trabalho no Banco. Morar fora de casa foi interessante, pois me colocou em contato com outras pessoas e idéias, mas houve um sofrimento por achar que</p>	<p>O fato de ter morado fora, foi positivo, mas cobrou-se em estar próximo de sua família para defendê-la do alcoolismo e violência do pai. Essa cobrança expressa uma relação entre a escolha profissional e o projeto de cuidar de sua família.</p>

	E me colocou em contato com outras pessoas, com outras idéias e eu vi que morar fora de casa tem o seu lado negativo e tem seu lado positivo. E houve um sofrimento da minha parte por eu achar que em casa era útil. Eu podia ajudar mais a minha família, defender minha família por causa do problema do alcoolismo e da violência.”	em casa eu podia ser mais útil, defendendo a minha família do alcoolismo e da violência do meu pai .	
	Projeto de vida		
19	“Ser bancário naquela época era um emprego muito bom. O Bradesco tinha matriz ali, então eu pensei ótimo. Se eu fosse um bancário já seria um grande início de sucesso. O meu pai, ele vem de uma família muito simples, a maior parte dos irmãos dele trabalham com um emprego simples e os sobrinhos dele também. Então nós porque a gente ia sobressair em qualquer coisa assim. Eu acho que ele pensava que ele tinha muitos filhos e nós devíamos ter algum emprego mais fixo, um emprego seguro eu acho que ele pensava no bem que era uma boa coisa. Então eu não vejo isso como algo ruim da parte dele, mas eu não quis. Eu achava que podia ser mais. Não sei. Acho que é isso.”	Ser bancário já seria um grande início de sucesso , pois meu pai vem de uma família muito simples, a maior parte dos irmãos e sobrinhos tem um trabalho simples. Eu acho que meu pai pensava que nós devíamos ter emprego mais fixo e seguro e isso eu não via como ruim da parte dele, só que eu achava que podia ser mais.	Ser bancário já lhe traria destaque diante das condições sociais e econômicas de seus familiares. Porém, não se conformou ao desejo de seu pai, acreditando que poderia ter uma profissão melhor .
20	“Mais que um bancário, ganhar mais que um bancário, é ter uma função mais sofisticada. Eu achava que eu tinha uma capacidade boa para resolver situações. Entender coisas mais complicadas, uma sensibilidade maior.”	Eu achava que tinha boa capacidade para resolver situações, entender coisas mais complicadas, e sensibilidade maior, e que por isso eu poderia ter uma função mais sofisticada .	Percebia-se tendo potencial para exercer uma profissão mais sofisticada .
	Conflitos		
21	“Os meus colegas como eu em sala, me perseguiram muito. Eles queriam me bater, nas professoras geralmente gostavam muito de mim, porque eu era um bom aluno. Então isso fazia com que os outros colegas tivessem	Ser um bom aluno me trouxe problemas com meus colegas... As professoras gostavam muito de mim e os meus colegas acabavam tendo	Vivencia uma solidão por sentir-se diferente dos outros. Devido a isso, tenta renunciar ao destaque

	<p>ciúmes e o que era para ser bom para mim acabava sendo ruim. Teve épocas até que eu deixei de estudar um pouco. É comecei a estudar menos para ter menos problemas com os meus colegas. Mas isso é uma coisa de adaptação, a gente tenta se adaptar para não sofrer as conseqüências, porque as pessoas querem ser respeitadas, querem ter colegas. Eu tive muito poucos colegas. Amigos muito menos ainda, mesmo dentro da igreja. Na minha infância eu fiquei muito sozinho, apesar de ter irmãos, mas eles não pensavam como eu pensava. Eu era dos mais velhos. Os colegas que tinham muitos deles nem criam em Deus, então não tinha jeito. Então eu vivi uma infância e uma adolescência muito só. Acho, talvez muitas pessoas viviam assim também, mas para mim foi assim.”</p>	<p>ciúmes e eu comecei a estudar menos para não sofrer as conseqüências. Eu tive poucos colegas, vivi uma infância e adolescência muito só, pois meus irmãos não pensavam como eu pensava e meus colegas não criam em Deus.</p>	<p>de bom aluno, para ter mais colegas.</p>
22	<p>“Meu pai queria que eu fosse bancário ou militar. São profissões mais comuns boas também, mas eu tinha algo que me puxava para a área mais de ajuda das pessoas e de uma sofisticação do pensamento assim de mais, não uma capacidade de reproduzir coisas, assim mas de pensar, de criar. Talvez eu pudesse ter outras profissões, eu acho que eu poderia ter outras.”</p>	<p>Meu pai queria que eu fosse bancário ou militar, mas algo me puxava para uma área de ajudar mais as pessoas e de sofisticação do pensamento, de criar e não reproduzir coisas. Eu acho que poderia ter outras profissões .</p>	<p>Criatividade, sofisticação do pensamento e ajuda às pessoas, foram fatores considerados na sua escolha profissional, em contraponto ao seu pai que reforçava o emprego fixo e seguro. Ao considerar esses fatores, pensava na possibilidade de ser capaz de exercer outras profissões.</p>
	Projeto de vida		
23	<p>“Vejo que eu sou um bom profissional. Poderia ser melhor. Poderia ser muito melhor, mas eu acho que o início, a base, as di-</p>	<p>Eu sei que poderia ser um profissional melhor, mas as dificuldades realmente puxam para</p>	<p>Vivenciando o paradoxo entre suas possibilidade e limites, sua</p>

	<p>ficuldades realmente elas puxam as pessoas para baixo. Elas não dão condições das pessoas pularem mais alto, não é? Eu sei que eu teria capacidade de ser muito mais, mas no que eu consegui eu acho que eu estou satisfeito, também dentro de uma certa circunstância, é avaliando né , eu poderia ter sido muito mais difícil, eu poderia não ter tido chance. Eu poderia não ter tido uma bolsa de estudo. Poderia ter que trancar a matrícula e trabalhar em banco mesmo. Aí eu seria um funcionário qualquer.”</p>	<p>baixo. Mas avaliando o que eu consegui , estou satisfeito pois poderia ter sido mais difícil. Eu poderia não ter tido uma bolsa de estudos e ter que trabalhar em Banco, ser um funcionário qualquer.</p>	<p>síntese é de que foi o melhor que pode, dentro das circunstâncias. A preocupação de não ser um profissional qualquer, destaca-se como outro fator de influência na escolha profissional .</p>
24	<p>“Eu acho que na área médica realmente eu me senti melhor, eu acho que eu me sinto bem nesta profissão. Não totalmente integrado, eu não acho que eu sou. Eu acho que eu tenho outras habilidades que eu poderia desenvolver em várias áreas. Aí eu sentiria melhor... Eu acho que o campo médico para mim é um campo ainda, apesar de enorme, mas eu sinto assim que a gente no Brasil exerce até um ponto só. Não tem muito mais que exercer, não adianta querer sofisticar. Não é este o meu objetivo. Eu sempre quis ser um generalista, então ter uma visão geral. Eu não quero ser um super especialista em nada. Então, no Brasil o campo que tem para isso não é grande. Então, outras áreas de Ciências Humanas até de Ciências Exatas que eu gostaria de poder estar exercendo também. Como tem muitos médicos que são artistas, são músicos além de médicos podem exercer outras profissões.”</p>	<p>Eu acho que me sinto bem na área médica, mas não totalmente integrado. Eu acho que tenho outras habilidades que eu gostaria de poder exercer também .</p>	<p>Sente-se sempre movido a buscar mais, numa manifestação de busca de superação. Manifestação de um conflito de ser igual aos outros e ser diferente dos outros .</p>
	<p>Influência do Ambiente Familiar</p>		
25	<p>“Eu creio que as dificuldades que eu disse são mais na área emocional. Não é de ordem material. Material é</p>	<p>Houve muito trauma emocional. Isso tira a capacidade de decidir e</p>	<p>Sentia-se inseguro emocionalmente, mas sua decisão</p>

	<p>difícil sim, mas supera-se. Mas, houve muito problema, muito trauma emocional. E isso daí tira a capacidade da pessoa de decidir, a pessoa fica insegura, então eu me senti muitas vezes muito inseguro para as decisões. E às vezes nem pensava nelas. Não queria nem pensar, ia em frente.”</p>	<p>então me senti muitas vezes inseguro para tomar decisões, mas não queria nem pensar, ia em frente.</p>	<p>foi de não pensar nos problemas e ir em frente .</p>
26	<p>“Não tinha um raciocínio claro para tomar decisões. Mas eu vejo isto foi devido a muita violência. Eu acho que é isso, muita violência. E as pessoas sofrem a violência de maneira diferente, umas reagem com agressividade, outras com depressão eu penso assim, outras sofrem apenas e desagregam. Mas eu penso que eu sofri e tentei elaborar isto da melhor maneira. E a maneira que eu tive foi sair daquele tipo de ambiente, daquele tipo de situação na qual eu vivia, eu achei que profissionalizando ficando firme numa igreja também que é o grande apoio que foi para mim sempre desde a minha infância. É creio mesmo, que se eu não fosse uma pessoa crente, eu talvez tivesse tido outros tipos de comportamentos e talvez eu não estaria hoje assim: mais seguro, sabendo o que eu estou fazendo.”</p>	<p>Sofri com a violência e a maneira que eu tive para elaborar isso foi saindo daquele ambiente, daquele tipo de situação em que eu vivia, me profissionalizando e ficando firme em uma igreja que foi um grande apoio para mim. Acho que se não fosse um crente, talvez eu não estaria assim hoje: mais seguro e sabendo o que estou fazendo.</p>	<p>A profissssionalização como forma de superar o ambiente de dificuldades. Considera a igreja e o fato de ser um crente como referências de apoio e segurança .</p>
	<p>Referenciais de apoio</p>		
27	<p>“Os meus pais não pensavam que eu fosse ser médico. Acho que eles não queriam me incentivar numa coisa que para eles era impossível. Porque para eles era impossível, então eles achavam que não. Não era para sonhar assim. Então eles com os problemas que tinham: dificuldade de relacionamento, violência e alcoolismo, então eu penso que eles não me incentivaram. Então a fé foi o fator determinante, porque através da Bíblia agente aprende os princípios</p>	<p>Meus pais não queriam me incentivar numa coisa que para eles era impossível. Com os problemas que eles tinham de dificuldade de relacionamento, alcoolismo e violência, eles não pensavam que eu seria um médico e não me apoiavam em sonhar assim A fé foi o fator determinante, porque através</p>	<p>A reação da família de não apoiá-lo numa escolha profissional que parecia impossível de se concretizar, levou-o a apoiar-se em princípios bíblicos e na fé .</p>

	de prosseguir para o alvo de ir em frente, de não esmorecer. Então, esses ensinamentos realmente ajudam, são determinantes.”	da Bíblia aprendi a prosseguir para o alvo de ir em frente .	
	Objetivo de vida		
28	“Não, não venci. Eu conquistei muita coisa, mas não é que eu venci. Não acho que venci assim não. Estou no pódio. Eu acho que tem muita coisa para eu fazer ainda.”	Eu acho que não venci. Conquistei muita coisa mas tem muita coisa para eu fazer	A profissão apresenta-se como uma manifestação de um projeto maior, relacionado ao sentido dado a sua existência numa busca incessante de superação da angústia. Manifestação de abertura a um universo contínuo de possibilidades que surgem à sua frente, na tentativa de superação de sua condição tanto anterior quanto a atual .

7.1.3 Sujeito 3

1- Escolha Profissional

- 1.1- Interesses : 01
- 1.2- Motivações : 02
- 1.3- Dificuldades : 03, 04, 18

2- O projeto de vida

- 2.1- Os Objetivos de vida : 15, 16, 17, 24, 25
- 2.2- Os conflitos : 09, 10, 19, 20, 21, 22,
- 2.3- A influência do ambiente familiar : 05, 06, 11

3- As identificações

- 3.1- A responsabilidade pessoal : 13, 14, 18
- 3.2- O enfrentamento da realidade : 13, 14
- 3.3- Referenciais de apoio : 07, 08, 12, 23

Sujeito 3

No. do trecho	Trecho da entrevista	O significado expresso como vivido	Síntese do Significado
	O interesse		
01	<p>“Lá na escola em que eu estudo foi uma mulher.. E ela tá fazendo estágio e aí ela foi e pediu pra que eu contribuísse com ela, com o trabalho dela, aí ela fez teste vocacional comigo. . . É. Aí deu área social, área musical e, é missionária. . . Ah! Eu achei que as coisas, musical é que eu achei que não tinha muito a ver, assim. Porque musical tem várias coisas na verdade, né, cantora, é, crítica musical. Eu não achei assim que tinha muuuito a ver, mas acaba tendo a ver pelas coisas que eu mexo lá na Igreja, né, cantar, essas coisas assim. Mas a área social eu me interessei mesmo. . .”</p>	<p>Fiz teste vocacional na escola, com uma mulher que estava fazendo estágio. Deu área social, musical e missionária. A área musical eu achei que não tinha muito a ver mas acaba que tem por eu cantar lá na igreja. Mas a social eu me interessei mesmo.</p>	<p>O teste vocacional foi sua fonte de referência para definir suas principais áreas de interesse profissional. Posiciona-se frente ao resultado afirmando identificar-se mais com a área social.</p>
	A motivação		
02	<p>“Na área social, assim, porque eu acho... eu não tenho, é, como que eu posso dizer, eu não tenho muita informação, não, sabe, eu não tenho livro, eu não tive ninguém que me orientasse mais especificamente, assistente social, aquilo, o que vem a ser a profissão e tal e tal e tal. Mas eu penso mais ou menos que tem a ver assim com o público mesmo, com as pessoas, em tá ajudando, prestando assistência, alguma coisa assim que tem a ver. Por isso que eu acho que eu gosto.”</p>	<p>Eu não tenho muita informação. Eu não tenho livro e nem tive ninguém que me orientasse sobre o que vem a ser a profissão de assistente social mas eu penso que tem mais ou menos a ver com o público, em tá prestando assistência às pessoas, por isso que eu acho que eu gosto.</p>	<p>Não se sente bem informada sobre a profissão que deseja exercer afirmando faltar quem lhe orientasse a respeito. Inicialmente apoia sua escolha no fato de ser uma profissão que ajuda pessoas.</p>
	Dificuldades		
03	<p>“Ah! Assistente Social eu queria, mas igual eu tô te falando, eu não sei certo o quê que é, entendeu? Eu queria saber certo. Eu já sei onde que tem, que eu sei que tem em Juiz de..., o lugar mais perto é Juiz de Fora . Mas tem que ver as circunstâncias também, questão de</p>	<p>Assistente social eu queria mas preciso saber certo o que é. Sei que o lugar mais perto que tem é Juiz de Fora mas tenho que ver as circunstâncias de poder estar lá estudando . Se eu passar</p>	<p>Apresenta dificuldades em definir sua escolha profissional pela falta de informações que possibilitem viabilizar</p>

	<p>poder tá lá estudando. . . Porque na verdade lá é bem difícil, caso eu , estudando ,venha a passar, é, lá é federal, né ? Mas de qualquer jeito gasta. Só que assim, tem a... que mora lá, eu poderia dividir as despesas com ela, que ela já conversou comigo, se eu quisesse fazer lá.”</p>	<p>na Federal na verdade é bem difícil e de qualquer jeito gasta.</p>	<p>essa escolha. Aponta o fator financeiro como um obstáculo a transpor.</p>
04	<p>“ Aí, mas a minha mãe também fica meio (riso) insegura de deixar eu ir. É, num sei se é porque eu nunca saí, assim, sozinha, essas coisas, assim. Que eu tava brincando com ela, negócio de ir pra Belo Horizonte, de tentar algum curso lá na UFMG, porque eu ia é ver isenção lá, aí ela falou que não (risos). Ah, eu sinto assim como se fosse, mais um impedimento, na verdade porque eu preciso de apoio dos meus pais, né, da minha mãe, do meu pai pra tá fazendo alguma coisa. Quando eu não tenho o apoio deles fica mais difícil... eu conto com isso, sempre penso assim, se ela falar que não pode, se eu insistir, eu sei que não vai dar certo. Pode ser que ela esteja errada, mas é meio complicado, pela experiência, por ser não e tal. Na maioria das vezes ela sempre tá certa. Não que fosse me impedir totalmente. Porque na verdade depende de mim, né, de estudar e tal. Mas na questão de sair de casa eu devo satisfação pra eles, aí seria um impedimento.”</p>	<p>A minha mãe fica insegura de deixar eu ir e tentar algum curso fora porque eu nunca saí sozinha .Eu sinto isso como se fosse mais um impedimento porque eu preciso do apoio dos meus pais para estar fazendo alguma coisa. Eu conto com esse apoio senão fica difícil. Se a minha mãe falar que não pode e eu insistir eu sei que não vai dar certo porque na maioria das vezes ela está certa. Não que isso fosse me impedir totalmente porque, na verdade, depende de mim mas na questão de sair de casa devo satisfação a eles.</p>	<p>Vivencia um conflito que parece lhe trazer angústia. O apoio, principalmente de sua mãe, torna-se fundamental para que possa estudar fora. Ao mesmo tempo que se vê responsável por sua decisão, atribui à falta de apoio dos pais um forte impedimento para a concretização de sua escolha profissional.</p>
	<p>A influência da família</p>		
05	<p>“Com certeza, e a minha mãe, é o sonho dela em ver a ... na faculdade, formada. Ter o que ela não teve na verdade. E eu sei que não só pra agradar ela, é uma coisa que é pra minha vida, que eu tenho pra mim, eu sei que vai me ajudar, né? Então,</p>	<p>O sonho da minha mãe é me ver formada na faculdade e ter o que ela não teve. E eu sei que não só para agradar ela é uma coisa para minha vida, que vai me ajudar.</p>	<p>Ter um curso superior é realizar o sonho de sua mãe, mas não deseja abrir mão de estudar algo que se</p>

	<p>assim, fica meio contraditório. Ela quer que eu faça, mas ao mesmo tempo não quer que eu saia, quer que eu faça aqui mesmo. Mas não tem nenhum curso que me interessa aqui. Eu queria área social mesmo. Acho que eu tenho mais a ver com a área social. A questão da minha mãe. Dela querer que eu faça, mas se ela não deixa eu escolher onde eu quero, num deixa eu saí, aí ela mesma contradiz, ela quer que eu faça alguma coisa, mas que ela não me deixa escolher. Aí, torna-se um impedimento pra mim, né?”</p>	<p>Só que ao mesmo tempo que ela quer que eu faça ela não quer que eu saia e aqui não tem nenhum curso que me interessa. A minha mãe quer que eu faça mas não me deixa escolher o que eu quero e nisso ela se contradiz. Aí torna-se um impedimento para mim. Eu queria era área social mesmo.</p>	<p>identifica em função de agradá-la. Enfrenta a contradição da mãe que incentiva a fazer um curso superior, mas não a apóia em sua escolha profissional.</p>
06	<p>“Só pedindo a Deus pra mudar o pensamento dela, deixando que ela deixe, essas coisas assim. Porque, na verdade, não sei o quê que passa na cabeça dela. Se é porque ela tem medo, sei lá. Mas que agora eu preciso é, eu preciso seguir a minha vida, né? E isso, a faculdade, vai ser a forma que eu vou seguir. Se ela não me deixar ir, não adianta eu querer fazer outra coisa. Eu posso até tentar mas eu sei que não vai adiantar eu escolher outra profissão, que eu goste, e ser uma péssima profissional. Não é o que eu quero pra mim.”</p>	<p>Não sei o que se passa na cabeça da minha mãe, se ela tem medo, mas eu preciso seguir a minha vida e a faculdade vai ser a forma que eu vou seguir. Se ela não me deixar ir não vai adiantar escolher outra profissão e ser uma péssima profissional. Só pedindo a Deus para mudar o pensamento dela .</p>	<p>Angustia-se por não ter o apoio de sua mãe e por isso acabar não se sentindo realizada profissionalmente. Experimenta uma impotência frente a situação e busca em Deus uma forma de apoio.</p>
	Referenciais de apoio		
07	<p>“Eu sempre, desde menor, eu sempre pensei em ser professora, mas nunca tinha pensado em alguma coisa assim, é, mais certo, acho que é por causa da minha criação .Entendeu, aí eu nunca tive assim uma orientação, nunca tive uma pessoa que me seguisse, que me orientasse sempre nisso, uma pessoa que eu visse como exemplo, entendeu? Meu tio formou em Letras, aqui, só que até depois de velho, na verdade. Ele estava na Bozel, trabalhando, agora ele até já aposentou, ele já tá de mais idade,</p>	<p>Desde menor eu sempre pensei em ser professora. Acho que por causa da criação que eu tive nunca pensei em alguma coisa. Não tinha nenhuma pessoa que me orientasse e que eu visse como exemplo, só o meu tio que se formou em Letras. Ele é uma pessoa que sempre falou comigo e só ele me apoiou porque os filhos</p>	<p>Atribui à maneira como foi criada um fator significativo de influência em sua escolha profissional. Se vê restrita nas suas possibilidades de escolha devido à falta de orientação e exemplos. Des-</p>

	<p>ele terminou o curso ano retrasado.. Depois de mais velho. Ele assim, ele é uma das pessoas que sempre falou comigo, apoiou porque os filhos dele só terminaram o segundo grau e não fizeram mais nada. E ele me apoiou. Falou que se eu precisar de alguma coisa e... porque eu tinha conversado com ele questão de redação. Que ele falou que me ajudaria, que dava todo apoio . Só ele.”</p>	<p>dele só terminaram o segundo grau e não fizeram mais nada.</p>	<p>taca a importância da influência e do apoio do tio que estudou Letras.</p>
08	<p>“É, não tem nenhuma outra pessoa. Acho que isso influenciou muito. É que de uma certa forma eu fiquei meio assim relaxada na escola, essas coisas assim, de num tá estudando muito. Porque a minha mãe nunca, assim, entendeu de tudo, né? Ela não tem nem o segundo grau completo. Ela tem só até a oitava. E o meu pai também não. Então, é, eles sempre disseram, sabe, que isso é o melhor pra mim, estudar, ter uma profissão , mas nunca entenderam. Aí, de certa forma, eu dei uma relaxada e eu sei que isso tem me atrapalhado. Eu tenho tido bastante dificuldade agora, no terceiro ano, por isso, mas eu pretendo vencer pra ser uma boa profissional.”</p>	<p>Minha mãe não tem o segundo grau e o meu pai também não. Eles sempre quiseram o melhor para mim, estudar, ter uma profissão mas nunca entenderam. Aí eu dei uma relaxada e isso tem me atrapalhado. Estou tendo dificuldades agora no terceiro ano por isso mas eu pretendo vencer pra ser uma boa profissional.</p>	<p>Ressalta sua falta de motivação para estudar relacionando-a ao baixo nível escolar dos pais. Conscientiza-se de que está com bastante dificuldades por ter relaxado e afirma a sua intenção de se uma boa profissional. Assume, nesse momento a responsabilidade e de enfrentar e superar suas limitações para conquistar seu sucesso profissional..</p>
	Conflitos		
09	<p>“É, ah! Porque assim, é, de uma certa forma é isso mesmo, assim, ficar meio relaxada, de às vezes pelas dificuldades passar na cabeça, ah, vou fazer igual a todo mundo também, ficar só por aqui. (choro) É, uai, a gente fica, sente mesmo, né ? (silêncio longo, choro)... Mas apesar das dificuldades eu sei que...</p>	<p>Às vezes fico meio relaxada. Por causa das dificuldades passa pela minha cabeça fazer igual a todo mundo e só ficar por aqui mas eu sei que Deus vai me ajudar e eu vou conseguir escolher uma profissão e ser uma</p>	<p>Vive a ambigüidade de seguir em frente ou ser igual às pessoas de sua convivência. O projeto de ser uma profissional de su-</p>

	(silêncio, choro) Deus vai me ajudar e eu vou ser (breve silêncio), eu vou conseguir escolher uma profissão e ser uma excelente profissional, se Deus quiser. E não parar, porque isso é o mais importante, né ? Não adianta nada parar no meio do caminho, largar tudo pro alto por causa das dificuldades, tem que vencer. Senão a gente nunca tem nada na vida.”	excelente profissional. Não adianta nada jogar tudo para o alto por causa das dificuldades senão a gente nunca tem nada na vida.	cesso é permeado pela consciência de seus limites, levando-a a vivenciar sua angústia.
10	“Ah, não sei explicar, assim. (silêncio, suspiro) Eu nunca tive, igual eu falei, eu falo muito, entendeu? Mas eu nunca tive um diálogo. Na verdade eu falo. Mas no diálogo precisa de, é de correspondência, e eu nunca tive um ótimo relacionamento com meus pais. Sempre tive muito problema com isso e eu acho que, eu acho, não, eu tenho certeza que isso influenciou muito, principalmente na minha formação. Porque hoje em dia com 18 anos eu tô com o caráter formado e tal. E eu sei que influenciou muito e por isso eu tenho bastante dificuldade. Influenciou em muita coisa...É, eu sempre falar, mas nunca ter tanta, como que fala, correspondência mesmo, né. Não às vezes por vontade deles, até mesmo porque eles não têm alguma coisa pra passar.. É, algo que eu, eu ouvi, eu tive algumas informações na escola, de outras pessoas, de outras profissionais que eu admirasse, mas não na minha família, alguém que eu pudesse Seguir exemplo, entendeu?”	Eu nunca tive um ótimo diálogo com meus pais e, não tenho muita certeza mas, acho que isso influenciou muito na minha formação e por isso eu tenho bastante dificuldade agora que estou com 18 anos e to com o caráter formado. Eu sempre falei mas nunca tive tanta correspondência, não por vontade deles mas porque eles não tinham nada para passar. As informações que eu tive foram da escola e de outros profissionais que eu admirasse não da minha família.	Vê o seu ambiente familiar , a falta de um bom diálogo com seus pais, como principal fonte de dificuldades para a concretização de sua escolha profissional. Destaca a influência da escola e de outros profissionais. Seu discurso caracteriza-se por uma lamentação frente às limitações que percebe em seus pais.
	Influências		
11	“ Porque eu não quero Seguir o mesmo caminho que eles seguiram. Quero seguir um caminho diferente porque pra eles foram outras	Eu não quero seguir o mesmo caminho que meus pais seguiram. A minha mãe também não	Busca um caminho diferente de seus familiares que

	<p>dificuldades. Até mesmo, igualzinho pra minha mãe, foi até a dificuldade financeira, porque na época, meu vô pagava o colégio... a empresa que meu vô trabalhava é que pagava pra eles e tal. Aí ela não pôde continuar, teve que começar a trabalhar, aquela coisa toda. E foi praticamente todos, isso. Só a irmã mais nova da minha mãe é que teve, é, assim, pôde fazer alguma coisa, mas desprezou também, não quis. E eu não quero fazer o mesmo que eles.”</p>	<p>pôde continuar a estudar por dificuldade financeira. Meu vô não pôde pagar e ela teve que trabalhar. Com praticamente todos foi assim. Eu não quero fazer o mesmo que eles.</p>	<p>não puderam ou não quiseram estudar. O aspecto financeiro é apontado como um obstáculo sempre presente em sua família inviabilizando os estudos.</p>
	Busca de referência		
12	<p>Ah, na verdade são pessoas do ambiente que eu mais convivo, né, ou dentro de casa ou, é, na igreja. São os profissionais na igreja. Igualzinho eu sempre, a, são pessoas que, assim, eu tô mais próxima, que eu vejo que são referências pra mim, é, pessoas que eu vejo que são bem sucedidas na vida profissional e que eu posso ter como exemplo a seguir.</p>	<p>Pessoas que eu vejo que são bem sucedidas na vida profissional e que eu posso ter como exemplo é que eu busco como referências para mim.</p>	<p>Procura referências em profissionais bem sucedidos para motivar-se a seguir em busca de sua profissionalização.</p>
	Responsabilidade Pessoal / Enfrentamento da realidade		
13	<p>“Mas, é depois, na verdade, eu deixei de lado, num levei muito em consideração mais. E fui assim empurrando com a barriga e quando eu cheguei no segundo grau, quando eu estudava no Estadual, que eu tive problema com algumas matérias, que eu não consegui vencer, que eu tive que fazer dependência, aí eu fiquei muito baqueada, bastante dificuldade, aí eu fui, fiquei um ano fazendo só essas matérias, aí que eu acordei, assim, eu tenho que estudar mais porque senão eu não vou conseguir o que eu quero pra mim, aí que eu voltei a pensar e foi aí que eu tive o acesso ao, é, assim, é, acabei, tive mais informação de</p>	<p>Eu fui empurrando com a barriga até que ,no segundo grau, eu fiquei em dependência um ano Fiquei muito baqueada. Aí eu acordei. Aí eu voltei a pensar que eu tinha que estudar senão não vou conseguir o que eu quero para mim. Foi quando eu tive mais informação sobre algumas profissões e deu no teste o que eu achei que tinha mais a ver.</p>	<p>Percebe-se negligente com os estudos, até o momento que enfrenta a possibilidade de fracassar. A fim de conseguir vencer, o cuidado consigo mesma a leva para uma nova posição frente aos estudos.</p>

	algumas profissões e que deu no teste também, que eu achei que tinha mais a ver.”		
14	<p>Eu sempre pensei em terminar os estudos e fazer uma faculdade. Mas não tinha uma profissão certa que eu queria, nunca, não tinha decidido uma profissão certa. Mas sempre tive em mente, mesmo com essa dificuldade de ter que parar um ano, ficar um ano atrasada, não deixei de pensar que eu ia desistir não. Até, às vezes eu ficava meio nervosa, assim, com a minha mãe, pela pressão, sabe, que ela fazia, assim, por causa disso, pensando..., com medo de eu desistir. Só que eu sempre falei pra ela, não por isso, eu fiquei triste, sim, porque eu fiquei um ano atrasada, na verdade, mas jamais desisti. Ela ficava cobrando o tempo inteiro, aquela coisa assim, sabe, aquela pressão mesmo de ficar aquela cobrança: você não pode desistir e não sei o que... Não desisti de estudar não. De jeito nenhum! (silêncio) às vezes é...assim, pensei em jogar tudo pro alto, mas assim em momentos mesmo de dificuldade que a gente passa, mas quando volta mesmo, eu sei o que eu quero pra mim, é, não vou abrir mão com relação à profissão.”</p>	<p>Fiquei um ano atrasada. Fiquei triste mas não deixei de pensar que eu ia desistir. Minha mãe ficava cobrando o tempo inteiro, aquela pressão com medo de eu desistir e eu ficava nervosa com ela. Mas jamais desisti. Às vezes ,em momentos de dificuldade ,pensei em jogar tudo para alto, mas eu sei o que eu quero para mim e não vou abrir mão com relação à profissão. Sempre pensei em terminar os estudos e fazer uma faculdade mesmo não tendo decidido uma profissão certa.</p>	<p>Seu projeto de fazer uma faculdade sempre esteve presente em sua vida mas apresenta uma disposição ambígua entre continuar ou desistir. A pressão de sua mãe gera-lhe um sentimento de mal estar mas revela-se com um forte motivo para que ela não desista de estudar.</p>
	Objetivos de vida		
15	<p>“Ah, eu penso assim, é, que eu vou tá bem realizada profissionalmente, mas também pelo fato de, é, eu sempre pensei, assim, em ser bem sucedida, ser uma boa profissional pra poder tá prestando de certa forma uma assistência para a sociedade, alguma coisa nesse sentido, sempre pensei em relacionar com a igreja também, isso eu sempre pensei e também de tá mesmo ajudando os</p>	<p>Eu sempre pensei que vou estar realizada e bem sucedida profissionalmente, podendo prestar assistência para a sociedade, em relacionar com a igreja e também estar ajudando a minha família financeiramente</p>	<p>Tenta através de sua profissão resolver todos os problemas à sua volta. A sua profissionalização ganha o significado maior de ser um caminho</p>

	meus pais financeiramente.”		para resolver todos os seus problemas.
16	<p>“Apesar das dificuldades que eu tenho, eu sinto uma certa facilidade de estar, assim, ajudando, prestando, de certa forma, alguma assistência, assim, para as pessoas. Até por isso a minha mãe tá falando comigo que eu tenho que fazer Psicologia. Aí eu pensei, eu já pensei mesmo em fazer Psicologia. Só que eu sei que tá errado pensar assim, mas eu pensei: - Ah, não, é muito difícil, é muita concorrência, eu não vou tentar, não!”</p>	<p>Tenho certa facilidade de estar ajudando as pessoas, por isso a minha mãe tá falando que eu tenho que fazer Psicologia. Eu já pensei mesmo em fazer mas eu também pensei que é muita concorrência e eu não vou tentar. Sei que é errado pensar assim.</p>	<p>Vê no curso de Psicologia uma possibilidade de conciliar o seu interesse com a vontade de sua mãe mas, embora reconheça que está errada, teme a concorrência e não quer nem tentar o vestibular. A concorrência do vestibular torna-se, também, um forte obstáculo para a concretização de sua escolha profissional.</p>
17	<p>“É, eu tenho assim medo de certa forma porque eu não tive, é, uma boa, é, eu não tenho uma boa bagagem de estudo pra tá competindo. Aí eu penso, assim, que eu tenho que ter dois, que eu tenho que ter mais cursos que eu possa fazer pra eu não ficar tanto tempo agarrada num curso, tentando uma coisa só. Mas não que seja algo, que eu não vá ser uma boa profissional. Algo que eu não queira mesmo, porque aí não adianta também. Eu tenho que tentar o que eu quero, né? Não só, não só na Psicologia mas em qualquer outro curso eu pensei que tenho que enfrentar a concorrência.”</p>	<p>Eu tenho medo de estar competindo porque eu não tive boa bagagem de estudo. E eu não quero ficar agarrada tentando uma coisa só. Mas não quero tentar algo que eu não vá ser uma boa profissional, porque aí não adianta. Eu tenho é que enfrentar a concorrência.</p>	<p>Afirma não se sentir preparada para enfrentar a concorrência do vestibular, por ter pouca bagagem de estudo, mas não pretende inscrever-se num curso o qual não se identifica.</p>

	Dificuldades / Sentimento de responsabilidade		
18	<p>Porque na concorrência eu vou ter pessoas assim, que têm boas estruturas da escola até, mas eu sempre estudei em escola pública, não tive muita, não tem uma boa estrutura a escola pública, né ? E, infelizmente cada dia que passa tem piorado porque em questão de conteúdo, né ? Tá muito raso o conteúdo. Mas é, e também assim da minha parte também, de ter relaxado nos estudos. Não ter estudado como eu deveria. Isso eu acho que são os principais medos meus. Mas eu ainda tenho tempo, vou correr atrás e tal, né ? Não posso desistir, jogar os meus sonhos para o alto por causa dos impedimentos, que eu sei que eu posso vencer.”</p>	<p>Eu sempre estudei em escola pública e ela não tem uma boa estrutura e cada dia tem piorado porque o conteúdo tá muito raso. Na concorrência vou ter pessoas que estudaram em escolas de boa estrutura. Mas eu também relaxei e não estudei como deveria. Isso eu acho que são meus principais medos mas eu tenho tempo e vou correr atrás dos meus sonhos pois sei que posso vencer.</p>	<p>Considera que por ter estudado em escola pública, está menos preparada que outros e também, sente-se em dívida consigo mesma por ter relaxado nos estudos. Afirma serem esses dois fatores que lhe causam medo. Acredita ser capaz de superar esses fatores e atingir seu sonho. Revela acreditar no seu potencial.</p>
	Conflitos		
19	<p>“Tem cursinho também, que eu tô tentando, né , vê se eu consigo. O até está tentando ver se consegue pra mim, porque é mais uma coisa paralela com a escola, que dá pra eu estudar sozinha em casa. Porque eu sempre tive essa dificuldade de estudar sozinha em casa. Aí eu não dou conta de estudar sozinha em casa não. Sempre tem alguma coisa que me distrai, não dou conta não, parar assim e estudar. Igualzinho quando eu parei, que eu fui fazer essas outras matérias, eu cheguei a entrar no CESU, aí tinha dias que eu deitava em cima dos livros, chorava, chorava, mas não estudava. (Breve silêncio. Choro). Eu acho assim isso tem a ver também com relação, quando eu te</p>	<p>Eu estou tentando ver se consigo fazer um cursinho, porque eu não consigo estudar sozinha em casa. Qualquer coisa me distrai. Quando fui estudar no CESU, tinha dia que eu deitava em cima dos livros e chorava mas não estudava. Eu acho que isso tem a ver com o que eu te falei sobre a minha família que não me apoia e nem me ajuda.</p>	<p>O sentimento de falta de apoio e ajuda de sua família é vivenciado sob forma de desânimo. Vê-se dependente do apoio de outras pessoas para conseguir estudar.</p>

	falei, à minha família, entendeu? Porque não tinha ninguém que me apoiasse, que me ajudasse, que eu pudesse recorrer. Tipo assim, se vira!”		
20	“Eu falei algumas coisas. Não, acho que não, que eu falava no momento de raiva, mas sabia que não ia adiantar nada, que eu não ia adiantar nada, que eu não ia se, que eles não iam ter algo pra me retribuir. Fiquei com medo de não conseguir, de poder voltar para o segundo grau, de ficar muito atrasada, com os meus estudos, de atrasar a minha vida pra tá tentando uma profissão, tentando vestibular.”	Eu falei algumas coisas no momento de raiva mas sei que eles não têm nada para me retribuir. Fiquei com medo de não conseguir, de ficar atrasada com meus estudos, de atrasar a minha vida para estar tentando um vestibular.	Experimenta insegurança quanto às possibilidades de efetivar sua escolha profissional e não vê nos pais nenhuma possibilidade de apoio ou compreensão.
21	“De vez em quando assim, sei lá bate uma tristeza, uma falta mesmo da..., da... do apoio mesmo de um pai realmente, porque a gente sente, a gente sabe quando é filha de verdade. Eu tenho dificuldade de tá falando essas coisas, entendeu?”	De vez em quando bate uma tristeza pela falta de apoio de um pai. A gente sente quando é filha de verdade mas tenho dificuldade de falar dessas coisas.	Vivencia conflitos na relação com o pai. Isso afeta seu humor. Tem dificuldades de lidar com esses sentimentos. Sua queixa em relação à dificuldade para estudar parece relacionar-se a esses conflitos também.
22	“Acho que influenciou sim. Ah ,eu penso que por tá me atrapalhando assim, de vez em quando isso vem na minha mente, e isso fica, é parece que me domina e aí vem um monte de questão na minha cabeça, das coisas que eu fico pensando, aí eu acho que isso é, eu mesma crio um bloqueio, né? Que eu não tinha vontade de criar, mas que eu não consigo resistir, não sei o que fazer, entendeu? Mas eu não quero abrir mão dos meus sonhos. Ah! Eu penso mesmo, em primeiro lugar, Terminar	Acho que isso me influenciou e eu fico pensando num monte de questões que me atrapalham. Aí eu crio um bloqueio que eu não tinha vontade mas não consigo resistir. Mas eu não quero abrir mão do meu sonho de em primeiro lugar, terminar meus estudos, tentar vestibular, fazer a faculdade e ter uma profissão,	Vê-se à mercê de pensamentos que não controla e produzem bloqueio para estudar, mas está determinada a superá-los e atingir seu objetivo de ser uma boa profissional e também cons-

	os meus estudos, tentar o vestibular e até conseguir uma profissão, fazer uma faculdade, é... ter uma profissão, tá tudo direitinho, constituir uma família e tal. Mas eu sinto assim bastante dificuldade, mas eu sei que Deus vai me ajudar a vencer.”	constituir uma família. Sinto bastante dificuldade mas Deus vai me ajudar a vencer.	tituir uma família. Recorre à fé em Deus como referencial de apoio.
	Referenciais de apoio		
23	“ Sabe, eu não lembro muito bem, mas , no pré eu sempre fui uma boa aluna, aquela coisa toda, e tal. Até de primeira à quarta eu me lembro, que eu fui uma boa aluna e eu acho que isso me motivava por, pelo fato de mesmo não tendo apoio em casa, é boas notas, a professora falava, ajudava, aquela coisa toda, é..., me apoiava, né. Então, aí eu queria ser igual a professora. Acho que é por isso que eu queria ser professora. Não porque eu tivesse algo definido, já. Porque preferências geralmente quando vêm lá desde muito antes, é porque você tem alguma referência, às vezes quer ser igual o pai, quer ser igual a mãe, alguma coisa assim e depois acaba crescendo nisso, aí você vê se é mesmo isso que você quer. Mas eu pensei nisso acho que é pelo fato do professor mesmo, assim. O que ela representava para mim.”	Até a quarta eu me lembro que fui boa aluna pois mesmo não tendo o apoio em casa eu tinha boas notas e a professora falava, apoiava e isso me motivava. Acho que é por isso que eu queria ser igual a professora. Preferências vêm desde criança porque você tem alguma referência. Às vezes quer ser igual ao pai ou a mãe. Pensei em ser professora pelo fato do que ela representava pra mim.	A carência de referências torna-se uma constante na definição de sua escolha profissional. O apoio da professora possibilita sua primeira identificação profissional fundamentada na identificação com alguém que a reconhece como boa aluna.
	Objetivos de vida		
24	“Agora é por causa que tem as profissões que eu desejo, é porque tem a ver assim com ajuda mesmo, sei lá, alguma coisa que tivesse a ver com que eu pudesse prestar ajuda pra alguém. Eu não, é que eu não vou tá só me beneficiando, eu vou tá podendo fazer alguma coisa por alguém. Acho que isso me satisfaz, eu me sinto realizada, quando isso acontece, quando eu posso ajudar alguém.”	Agora eu desejo as profissões que tem a ver com prestar ajuda pra alguém. Acho que me sinto realizada quando posso estar fazendo alguma coisa por alguém.	Atualmente, o foco de sua decisão profissional está no fato de se sentir realizada quando ajuda alguém. Projeta-se numa profissão fundamentada na experiência atual de se sentir satisfeita

			quando ajuda as pessoas.
25	Daqui há alguns anos espero já ter conseguido atingir as minhas metas, terminado uma faculdade, estabilizada profissionalmente podendo ajudar as pessoas e também minha família.	Daqui há alguns anos espero ter conseguido terminar a faculdade, estar estabilizada profissionalmente e podendo ajudar as pessoas e também minha família.	Sua atitude é de expectativa de concretização de seus objetivos.

7.1.4 Sujeito 4

1- A Escolha Profissional

- 1.1- Interesses : 01
- 1.2- Motivações : 02, 03
- 1.3- Dificuldades : 13

2- O projeto de vida

- 2.1- Os Objetivos de vida : 06, 07, 18, 25, 26
- 2.2- Os conflitos : 05
- 2.3- A influência do ambiente familiar : 19, 20, 21, 22 ,23

3- As identificações

- 3.1- A responsabilidade pessoal : 14, 15, 16, 17
- 3.2- O enfrentamento da realidade : 08, 09, 10, 11, 12
- 3.3- Referenciais de apoio : 04, 21,22, 23

Sujeito 4

No. do trecho	Trecho da entrevista	O significado expresso como vivido	Síntese do Significado
	O interesse		
01	<p>Eu sempre gostei de tudo do exterior, não sei porque. Acho que comecei a desenvolver o gosto por isso pela primeira vez, em lembro que eu bem criancinha, meu pai comprou aquelas fitas de rolo é tinha uma das fitas na Inglaterra e eu fiquei encantada com a troca de guarda, então, eu me lembro que eu fiquei realmente encantada com aquilo. Aqueles desfiles, tudo milimetricamente medido, tudo certinho , aquilo me encantava. Acho que foi o primeiro gosto que eu tomei. Também teve uma época que ele comprou uma coleção simplesinha de inglês, uma enciclopediazinha de três livros com diálogos, era uma coisa atrativa, que chamava atenção, com grammas muito desenhadas. A mim como criança, me chamava a atenção. E eu gostava de ouvir, não entendia nada, mas eu ouvia. Aquilo me desenvolveu um gosto, uma vontade de ver, de olhar aquilo sempre.</p>	<p>Quando criança, meu pai comprou fitas de rolo e tinha uma da Inglaterra. Eu fiquei encantada com aqueles desfiles, milimetricamente medidos, tudo certinho .Acho que foi o primeiro gosto que eu tomei pelo exterior. Ele também comprou uma coleção simples de três livros em inglês, com diálogos e gravuras. A mim como crianças me chamava muito a atenção .Eu não entendia nada mas gostava de ouvir .Aquilo me desenvolveu um gosto, uma vontade de olhar aquilo sempre.</p>	<p>O primeiro contato com outra cultura através de um filme e de uma coleção de livros em inglês, comprados pelo seu pai, despertou o interesse.</p>
	A motivação		
02	<p>Logo depois a minha prima me chamou para estudar inglês. Ela dava aulas num curso de inglês. Ela ia pagar para mim e eu aceitei. E eu adorava a aula de inglês. A minha mãe também sempre valorizou isso, de eu estudar inglês. Eu tinha prazer em ir para a aula, eu gostava do ambiente; gostava de sentir aquele mundo diferente. Para mim era um mundo diferente. E eu acho que o mundo que eu gostava no filme de rolo e no livrinho com gravura bonitinha passou a ser real.</p>	<p>Logo depois , minha prima que dava aulas de inglês me chamou para estudar .Ela ia pagar o curso de inglês para mim e eu aceitei .Eu acho que o mundo que eu gostava no filme e no livrinho passou a ser real para mim. Minha mãe valorizava o fato de eu estudar inglês e eu gostava de sentir aquele mundo diferente.</p>	<p>As aulas de inglês possibilitaram o contato com o mundo diferente que a atraía. O apoio da prima e a aprovação da mãe tornam-se fatores que viabilizam seu primeiro contato com o que seria sua principal área de</p>

			interesse profissional .
03	Eu notava a diferença de cultura de um país para o outro e admirava muito isso e acho que a minha professora na época me envolveu demais para eu continuar admirando, gostando disso. Ela fazia uma coisa que eu acho que envolvia muito a gente, de dar nome para gente em inglês e eu adorava isso e daí foi. Eu comecei a estudar inglês com nove anos.	Eu notava diferença de cultura de um país para outro e admirava muito isso . Minha professora envolvia muito a gente nos dando nomes em inglês . Eu admirava e adorava tudo isso.	A importância da influência da professora aumentando o seu interesse pela língua e cultura inglesas. A diferença de cultura sendo destacada como fator atrativo
	Referenciais de apoio		
04	Tinha também aquela coisa, que na época que eu comecei a estudar inglês, isso era uma coisa inacessível às pessoas. Até eu me lembro que além de minha prima que pagava para mim meu pai e minha mãe me deram muito apoio. Aquela coisa de valorizar, de dizer que estudo inglês. Eu passei a gostar tanto, a ter tanta facilidade que com o tempo eu comecei a pensar que poderia ser minha profissão.	Estudar inglês , na minha época, era uma coisa inacessível para as pessoas . Minha prima é que pagava. Meu pai e minha mãe me davam muito apoio valorizando meu estudo de inglês. Eu passei a gostar tanto, ter tanta facilidade que comecei a pensar que poderia ser minha profissão .	A valorização dada pelos pais ao seu estudo de inglês e sua facilidade em aprender línguas , levaram-na a pensar em escolher essa área como profissão .
	Conflitos		
05	Depois, junto com o colégio eu vi que tinha facilidade pra português também. Quando então, cheguei no segundo grau, eu já tinha certeza que a minha área profissional era línguas. Eu tinha vontade de fazer Comunicação ou Letras. Alguma coisa ligada a línguas ou turismo. No começo do segundo grau eu já tinha certeza disso. E quando eu formei, eu acho que foi um pouco de falta de coragem de sair daqui da cidade, eu também não acreditava no meu potencial, que eu poderia ter ido pra fora, trabalhar. Mas logo que eu terminei o segundo grau eu tentei o	No começo do segundo grau já tinha certeza que queria fazer Comunicação ou Letras ou alguma coisa ligada a línguas ou turismo. Mas quando formei eu não acreditava no meu potencial e não tive coragem de sair daqui da cidade. Tentei vestibular para Letras e comecei a estudar sem ter bem certeza se era aquilo que eu queria, mas eu continuei preferi terminar. Depois	Revela um conflito entre a profissão que deseja seguir e suas possibilidades de poder concretizá-la. O que era certeza virou dúvida, mas envolvida com o curso de inglês, decide terminar seu Curso de Letras.

	<p>vestibular para Letras e passei da primeira e comecei a estudar. Até um ano depois que eu estava fazendo o curso eu não tinha bem certeza se era aquilo mesmo que eu queria mas eu continuei pois essa coisa de começar e largar pela metade eu poderia acabar largando outra coisa também. Eu preferi terminar. Passar um ano... uns seis meses... eu fui chamada para trabalhar na Cultura. Nisso eu já tinha feito as provas internacionais. Eu acho que eu era muito ligada nessa coisa cultural.</p>	<p>de um ano e seis meses fui trabalhar na Cultura Inglesa e já tinha feito provas internacionais . Eu era muito ligada a essa coisa cultural.</p>	
	Projeto de vida		
06	<p>Que eu me lembro, antes de entrar na faculdade, eu estava no segundo grau, eu nem pensava em trabalhar, eu dava aula particular de inglês em casa nós promovemos uma noite britânica. Promovemos a festa com faixas, cartazes na cidade, ornamentamos com bolas azuis e vermelhas, só música inglesa a noite toda, só música americana, Beatles também. E meu sonho era ir na Inglaterra, sempre, desde criança, eu era muito ligada a essas coisas, eu achava aquele mundo tão encantado que eu tinha vontade de ir lá e isso me marcou também muito. E me encantavam esses dois mundos. E eu conversava muito sobre isso, Estados Unidos e Inglaterra. Me encantava a limpeza, a organização, o respeito, tudo assim. Naquele país parece que tudo funcionava direitinho, que caminhava certo.</p>	<p>Quando eu estava no segundo grau, e eu dava aulas particulares de inglês, promovemos uma “noite britânica”, com faixas, cartazes, só música inglesa ou americana a noite toda. O meu sonho desde criança era ir àquele mundo encantado. Inglaterra e Estados Unidos me encantavam por sua limpeza, organização e respeito . tudo naqueles países parecia que funcionava direitinho.</p>	<p>Sentimento de forte atração pelas culturas inglesa e americana. O sonho de conhecer outros países relacionava-se ao desejo de conhecer o mundo perfeito. A escolha profissional associa-se ao desejo intenso de relacionar-se com essas culturas.</p>
07	<p>Desde criança eu tinha noção que o Brasil era um país diferente desses dois países. Eu nunca fui de pensar igual a todo mundo pensa, de falar que o Brasil ainda tem esperança. E não acho que possa ter em pouco de organização, apesar de que eu acho que eu faço a minha parte e sei que</p>	<p>Desde criança eu já pensava que o Brasil não tinha esperança... E não acho que ele possa ter um pouco de organização apesar de que eu faço a minha parte. Aí eu admirava mais ainda es-</p>	<p>A idealização de um mundo melhor onde as coisas funcionam, permanece como forte fator de influência em seus</p>

	<p>muita gente faz, graças a Deus, mas desde criança eu já tinha consciência disso e aí eu acho que admirava mais ainda esses outros países. Apesar de depois de adulta e passar a saber que lá também corrupção, problemas graves como tem no Brasil mas se aqui funcionava pouco lá funcionava muito mais. Não vou dizer que é 100% mas quando eu digo funcionava eu falo do sistema, justiça, parte profissional.... Foi assim um encantamento quando eu era pequena depois uma admiração. Aquele encantamento passou a ser uma coisa real. E pensei, pô? Lá funciona mesmo! Pra frente! E eu tinha esse sonho de ir lá, sempre tive esse sonho em primeiro lugar e quando eu fui chamada para trabalhar eu sentia já que era o caminho certo.</p>	<p>ses outros países. Apesar de depois de adulta saber que lá tem corrupção e problemas graves, o sistema , a justiça e a parte profissional funcionam muito mais do que no Brasil .</p>	<p>interesses pessoais e profissionais. Sentimento de descontentamento por seu país, reforçando sua decisão profissional por lecionar a língua inglesa.</p>
	Enfrentamento da realidade		
08	<p>Eu estava estudando Letras e eu gostava de estudar Letras. Eu pensava que se eu fizesse Letras eu poderia dar aulas e o lugar que eu ia dar aulas era mesmo a Cultura. Eu nem pensava em dar aulas em escola, acabei sendo chamada mesmo pra trabalhar na Cultura e enquanto isso eu continuava estudando, me sentia bem, gostava, aquela coisa diferente do novo.</p>	<p>Eu gostava de estudar Letras . Eu pensava que poderia dar aulas na Cultura Inglesa. Nem pensava em dar aulas em escola. Acabei sendo chamada para trabalhar na Cultura Inglesa e enquanto isso eu continuava estudando e me sentindo bem com aquela coisa diferente, do novo.</p>	<p>Define sua escolha por Letras, para possibilitar o seu acesso a uma nova cultura, manifestada principalmente pelo desejo de trabalhar na instituição por nome “Cultura” Inglesa. Não queria apenas ensinar inglês em qualquer lugar, mas “fazer parte” da “cultura” inglesa.</p>
09	<p>Eu fui caminhando e o que me ajudou muito foi essa coisa de</p>	<p>Me ajudou muito essa coisa de trabalhar</p>	<p>O envolvimento com o</p>

	<p>trabalhar enquanto estuda. Tudo o que eu aprendi em teoria eu já tinha na prática. Então, foi muito bom, muito fácil, prazeroso e tranquilo estudar Letras pra mim. Eu já tinha toda a prática atrás de mim. Quando acabei Letras comecei a fazer cursos de aperfeiçoamento oferecidos por meu próprio trabalho, ligados a Universidade Cambridge. Passaram alguns anos e eu fiz o curso de professor de inglês, também da Universidade Cambridge. Até foi uma coisa que eu tive prazer em fazer. Todos reclamavam muito, falavam que era muito difícil, muito desgastante. Realmente, eu tinha que ir para Belo Horizonte toda semana, mas eu adorei. Adorava ter, desenvolver os assuntos, passou a ser minha vida praticamente. Eu tinha consciência que o inglês que eu fiz...tenho mas parte... tenho mais parte de minha vida estudando inglês, dando workshop.</p>	<p>enquanto estudava. Foi fácil, tranquilo e prazeroso para mim estudar Letras . Porque tudo que eu aprendi na teoria eu já tinha na prática . quando eu formei em Letras, comecei a fazer curso de aperfeiçoamento e também, o curso de professor de inglês, oferecidos pela Universidade de Cambridge. Todos reclamavam muito porque era desgastante ir a Belo Horizonte toda semana, mas eu adorava , passou a ser minha vida praticamente.</p>	<p>curso e com o trabalho foram cristalizando sua escolha profissional. Identificava-se com as atividades profissionais desenvolvidas, que lhe traziam muito prazer.</p>
10	<p>Eu tenho uma prova que eu ainda quero fazer que é a última de línguas. Eu não quero parar no tempo, e eu continuo estudando assim por minha conta, revistas que eu acho que é uma maneira que eu tenho de ficar atualizada com a língua. Revistas, filmes é o que eu uso. Adoro ler, ver filmes. É o que eu faço por prazer mesmo, um hobby . Ao mesmo tempo eu uno o prazer com útil meu que o de trabalhar. Aquele prazer me dê também conhecimento tanto cultural. Eu assisto o filme e leio até pra ter também a parte cultural de tanto que eu gosto.</p>	<p>Eu não quero parar no tempo e continuo estudando por minha conta para ficar atualizada com a língua inglesa. Adoro ler , ver filmes e faço por prazer mesmo .Uno ao mesmo tempo o prazer com o útil . Aquele prazer que me dê conhecimento tanto cultural quanto profissional .</p>	<p>Sua vida e sua profissão entrelaçam-se expressando um sentido maior de sua necessidade de contato permanente com a cultura inglesa. Prazer e trabalho unem-se, levando-a a experimentar um sentimento de realização pessoal .</p>
11	<p>E assim, eu fui para a Inglaterra. A Cultura me mandou, eu achei ótimo, tive a oportunidade de ver aquilo</p>	<p>Eu fui para a Inglaterra e fiquei meio desapontada. Quando cheguei lá</p>	<p>A familiaridade com a cultura inglesa</p>

	<p>tudo. Fiquei até meio desapontada que quando eu cheguei lá já conhecia os lugares que via, eu conhecia tudo de foto de tanto que eu já tinha visto antes. Eu fiquei desapontada que a minha expectativa era muito maior do que eu senti na hora mesmo. Fiquei surpresa de não ter a reação que eu esperava tanto a minha vida toda...Assim, desde criancinha eu já tinha vontade de ir, desde que eu comecei a estudar Inglês. E depois de alguns anos fui para os Estados Unidos. Aí foi excelente comparar as duas culturas. Dá uma diferença enorme tanto em língua, pronúncia, vocabulário, quanto culturalmente falando também....Muito interessante. Adorei.</p>	<p>já conhecia tudo de foto que eu via antes. A minha expectativa era maior do que senti na hora mesmo. Não tive a reação que esperava a vida toda.</p>	<p>impediu que se surpreendesse com a Inglaterra ao visitá-la.</p>
12	<p>Ah! Uma coisa que eu descobri também é que eu pensava até em morar lá. Acho até que eu devia ter ido antes. Eu posso até ir, mas eu descobri que o Brasil é o meu país. Eu gosto daqui, aqui é o país que me acolheu, que eu tenho uma profissão, que eu consegui me fazer socialmente, profissionalmente, é onde eu tenho a minha família. Descobri que eu gosto agora, há pouco tempo, dou valor a isso. E pretendo continuar aqui, eu tenho qualidade de vida aqui... Eu sempre pensei em ir um dia mas acho que foi porque eu casei, daí eu fiquei um pouco mais...</p>	<p>Descobri que eu pensava em morar lá, que eu devia ter ido antes. Mas também descobri que o Brasil é o meu país, que eu gosto daqui pois é o país que me acolheu. Aqui eu consegui me fazer profissionalmente e socialmente e onde eu tenho minha família. Acho que porque casei passei a dar valor a isso e pretendo continuar aqui onde tenho qualidade de vida.</p>	<p>O sentimento atual de realização profissional e afetiva modifica sua forma de perspectivar o Brasil.</p>
	Dificuldades		
13	<p>Acho que eu comecei a criar coragem para ir quando eu comecei a adquirir condições financeiras. Que aquele sonho que eu tinha Quando era criança eu sabia que nunca ia realizar. Achava que não. Porque se dependesse da minha família para eu viajar eu não ia poder ir. Meus pais</p>	<p>Meus pais não tinham condições financeiras de me mandarem para outro país. Se eu dependesse deles nunca poderia realizar aquele sonho de criança.</p>	<p>Percebe que não poderia contar com a ajuda financeira de sua família para alcançar seus objetivos .</p>

	não tinham condições de me mandar..		
	Responsabilidade pessoal		
14	Depois que eu comecei a trabalhar eu comecei a ver que eu podia ir. Que eu teria condições financeiras de ir. Até que eu fui e sem gastar, pois a Cultura pagou tudo, para os Estados Unidos já foi por minha conta. Então, eu vi que eu podia fazer isso. Sem contar outras coisas também que eu consegui trabalhando. Consegui comprar meu primeiro carro. Essa coisa também de dar liberdade.	Quando comecei a trabalhar, vi que poderia ir e também fazer outras coisas, ter mais liberdade. Consegui comprar meu primeiro carro.	O trabalho torna-se um meio de concretizar seus objetivos.
15	Eu comecei a ver que tudo que eu queria eu que tinha que fazer. Se eu quisesse qualquer coisa eu é que tinha que estudar. O que eu pus na minha cabeça é que eu tenho que estudar. E até minha mãe sempre falou que a única coisa que a gente pode fazer por vocês é dar estudo. A minha prima pagou o curso de Inglês até eu fazer minha primeira prova internacional. Quando eu fiz esta prova eu já estava trabalhando...É, eu sabia que tudo o que eu quisesse fazer eu teria que trabalhar para conseguir. Eu não sei, sabe, se era inconsciente, mas eu era capaz de notar isso. Se eu quisesse ir para a Inglaterra. Primeiro eu achei que não tinha jeito, mas quando eu comecei a trabalhar eu falei assim: “Não, eu posso juntar. Eu tenho condições de ir, eu tô trabalhando. E fui mesmo. Eu é que tinha que me virar, as circunstâncias me faziam ver isto. A falta de dinheiro, a falta de acesso. De financeiramente não poder comprar as coisas.	Eu pus na minha cabeça que se eu quisesse qualquer coisa teria que estudar. Sabia que tudo que eu quisesse fazer teria que trabalhar para conseguir. Minha mãe sempre falou que a única coisa que eles poderiam me dar era estudo. Primeiro eu achei que não tinha jeito mas depois eu percebi que se eu trabalhasse teria condições. E eu fui mesmo. As circunstâncias me faziam ver que eu tinha que me virar.	A conscientização de suas dificuldades levando-a a uma atitude de enfrentamento dos obstáculos. Assume-se como responsável por sua própria vida e decide trabalhar para concretizar seus planos pessoais e profissionais. Expressa sentimento de desamparo e preocupação com o cuidado de si.
16	Eu não via uma abertura, uma coisa, uma maneira de... o que eu pensei: se eu quiser alguma coisa na minha vida eu vou ter que lutar por isso. E	Eu não gosto de ficar sonhando com uma coisa que não pode acontecer. Eu tinha esse sonho e a	Estudo e trabalho se confundem, mas ambos se tornam

	eu gosto de coisas reais, eu não gosto de ficar imaginando, sonhando com uma coisa que não pode acontecer. Eu tinha esse sonho e a maneira que achei de fazer esse sonho realidade foi através do estudo.	maneira que eu achei para torná-lo realidade foi através do estudo.	um meio de concretizar o sonho de infância de ir para a Inglaterra.
17	Eu nunca gostei de jogar, por exemplo, porque eu acho que isso é uma coisa que não depende de mim, depende da sorte, de uma coisa exterior, não tem nenhum fundamento. Eu nunca nem pensei em jogar qualquer coisa. Eu sempre achei que essas coisas dependem de mim. Então, eu que fui atrás, eu que estudei, eu que tentava estar sempre acompanhando a escola.	Eu nunca gostei de contar com uma coisa que não depende de mim. Como o jogo, por exemplo. Então, eu é que fui atrás e estudei.	Assume a responsabilidade sobre o curso da própria vida. Busca de autonomia e independência.
	O Projeto de vida		
18	Queria estudar para pra eu conseguir ser independente financeiramente, me manter futuramente. Eu nunca pensei que eu ia querer depender de alguém porque eu já não podia depender mesmo. Se bem que eu dependia quando eu era adolescente, mas depois que eu comecei a trabalhar eu comecei a me manter, pra comprar roupas, as coisas que eu queria, né? Então deu certo, né? Eu me apeguei a isso tudo porque eu queria ser uma adulta que trabalha, que se mantém financeiramente, que não passa por dificuldade porque eu sempre vi isso acontecer lá em casa. Não aquela mulher que depende do marido pra comprar isso ou aquilo, até um pão. Então eu pensava nisso também.	Quero estudar para me manter financeiramente e me manter futuramente. Eu não podia depender mesmo e então comecei a trabalhar e me manter. Eu queria ser a adulta que trabalha para não passar pelas dificuldades que via lá em casa. Não ser aquela mulher que depende do marido.	A busca de superação da condição familiar também se torna um fator motivador de sua escolha profissional. Revela como horizonte de sua decisão profissional o desejo de autonomia.
	A influência do ambiente familiar		
19	Eu via uma dependência da minha mãe com meu pai que eu não gostava e também eu me lembro, eu era mocinha, eu ia estudar, eu via, estava na casa da minha... tinha na casa minha casa mesmo era muita	Eu não gostava da dependência que a minha mãe tinha do meu pai. E também na minha casa era muita gente, muita confusão. Morávamos	O ambiente familiar com muitas pessoas e confuso, e a dependência financeira de

	gente, muita confusão, que a gente morava era com a minha avó e casa de avó ia todo mundo. Então pra eu estudar com calma... eu era meio sistemática, eu gostava de silêncio, de ninguém incomodando,	com minha avó onde ia todo mundo. Eu me incomodava com isso.	sua mãe, são aspectos que incomodam. Esses dois fatores podem relacionar-se ao desejo de autonomia e a Atração por outra cultura onde as coisas funcionam melhor, influenciando de forma significativa a escolha profissional .
20	e eu me lembro muito bem no caminho... agora que eu lembrei disso... No caminho que eu fazia da minha avó a minha tia que era perto, eu via as pessoas logo depois do almoço, passando, andando, eu falava assim: "deve ser bom trabalhar!" Eu tinha essa vontade. Ai que preguiça ter que estudar! Eu não queria estudar, eu tinha preguiça também, tinha sono, pensava que devia ser bom trabalhar. Não trabalhar qualquer coisa sua algo de carreira, que eu tivesse de encontrar um emprego aqui como em qualquer outro lugar. Eu me lembro que eu pensei isso, quando adolescente. Aí que eu vi mais ainda que eu tinha que trabalhar se eu quisesse um bom emprego, estabilidade.	Quando adolescente, eu via na rua as pessoas passando e andando, e pensava que deveria ser bom trabalhar. Não queria estudar porque tinha preguiça e sono. Mas achava que devia ser bom trabalhar, não em qualquer coisa mas em algo de carreira. Aí foi que eu vi que tinha que trabalhar num emprego que me desse estabilidade.	Na adolescência não se via motivada ao estudo, mas a busca de um trabalho que lhe desse estabilidade financeira.
	Referenciais de apoio / Influência do ambiente familiar		
21	Sabe, agora eu sei que se não fosse a minha prima me incentivar no Inglês eu sei que talvez seria tudo diferente. Meus pais jamais me colocariam num curso, não tinham condições.	Se não fosse minha prima me incentivar no Inglês, talvez seria tudo diferente, pois meus pais jamais teriam condições de me colocar num curso de Inglês .	A importância dada ao incentivo da prima se contrapõe à certeza de que seus pais não teriam condi-

			ções financeiras para viabilizar seu sonho
22	Por outro lado, quando ela me perguntou se eu queria estudar inglês, eu me apeguei àquilo como a um sonho porque eu já bem pequena me sentia atraída por aquela cultura	Por outro lado, me apeguei aquilo como se fosse um sonho, porque já me sentia atraída desde pequena por aquela cultura .	O incentivo de sua prima foi fundamental, porém, conscientiza-se que foi a sua atitude de agarrar com determinação a oportunidade dada que possibilitou tornar seu sonho realidade.
23	Eu via obstáculo, mas ao mesmo tempo eu via a minha prima, que já dava aula, se saía bem e eu achava que podia ser que nem ela. Ela tinha faculdade em línguas, via a minha prima e achava que podia conseguir também. Agora lá em casa faltou um empurrãozinho lá de casa, meu irmão não estudou, minha irmã formou e nunca trabalhou no que estudou, num lugar apropriado para o que ela fez. Eu acho que isso tudo me fez olhar mais ainda. Aqui é uma cidade pequena, difícil. Se você não se especializar em alguma coisa você não tem campo pra trabalhar e eu vi que a minha irmã não foi audaciosa, não quis procurar. Ela é a minha irmã mais velha, quando eu entrei para a faculdade ela tinha saído um ano antes. Eu não via ela tentando nada. Ela hoje trabalha numa loja. Quer dizer, ela não aproveitou o curso dela. Eu não queria fazer isso também e por isso mais ainda eu tive certeza que o que eu tava fazendo era um diferencial, procurar trabalhar com Inglês, uma coisa que tá em alta, e eu achei que o caminho era	Eu vi obstáculos mas vi a minha prima que fez Faculdade de Línguas e achava que eu também poderia me sair bem igual a ela. Faltou um empurrãozinho lá em casa. Meu irmão não se formou e minha irmã nunca trabalhou no que estudou. Aqui é uma cidade pequena e se não se especializar, não consegue trabalhar, e minha irmã não foi audaciosa. Eu não a vi tentando nada. Isso tudo me fez olhar e ter mais certeza de que trabalhar com Inglês era um diferencial , uma coisa que estava em alta . Achei que o caminho era esse mesmo .	Dois situações de contraste a motivavam para se profissionalizar em Inglês: O sucesso profissional de sua prima e as dificuldades de seus irmãos por não terem estudado mais. Tinha a certeza de que ser professora de inglês seria um diferencial .

	esse mesmo e eu gosto, né?		
	Concretização do projeto		
24	Enquanto eu dava aula e ia fazendo faculdade é que eu ia descobrindo que eu gostava mesmo. Eu pude confirmar isso. Hoje eu tenho certeza total disso que é o que eu gosto, o que eu sei fazer e acredito que eu tenho capacidade de dar aula. Não tô sendo assim, né?, querendo exhibir não, tô falando numa boa, que eu tenho capacidade de dar aula aqui e até na Inglaterra pra estrangeiros, entendeu?... Eu acho que eu tenho que aprender muito ainda, eu sou humilde. Me sinto realizada profissionalmente mas sei que ainda tenho muito que aprender. Que busco qualificação pra fazer o que faço e fazer o máximo, não busco fazer outra coisa a não ser que esteja ligado a isso.	Dando aulas e estudando ao mesmo tempo, descobri que era o que eu gostava mesmo Me sinto realizada profissionalmente e acredito que tenho capacidade para dar aulas aqui e até mesmo na Inglaterra. Busco qualificação para fazer o que faço. Não busco fazer outra coisa se não estiver ligada a isso. Acho que tenho muito para aprender.	Sentindo-se realizada e segura profissionalmente, pretende continuar qualificando-se apenas no que for ligado à sua profissão. Sua profissão manifesta como sentido da sua vida .
	O projeto de vida		
25	A princípio o Inglês vinha mais como uma realização pessoal, mas de repente eu percebi que podia me realizar profissionalmente, comecei a perceber que eu tinha jeito pra ensinar, pô... eu vi que era isso mesmo. No segundo grau eu pensei: “vou fazer magistério que pelo menos eu já saio com uma profissão”. Eu era preocupada com isso porque eu sabia que tinha que me manter, que me bancar. Assim... não necessariamente porque se eu quisesse eu estava até hoje na casa dos meus pais. Então eu acho que era uma coisa minha mesmo, porque nunca viraram minha mãe e meu pai pra mim e disseram que eu tinha que me bancar. Se eu quisesse eu tava lá até hoje. Eu que queria, eu que sempre quis. Eu que sempre vendo	A princípio pensei no Inglês como realização pessoal. Depois eu vi que poderia me realizar profissionalmente. Meus pais nunca me disseram que eu tinha que me bancar e que se eu quisesse, estava lá até hoje. Mas vendo a situação financeira e como é difícil manter uma família, eu mesma quis caminhar eu me preocupava em ter uma profissão porque sabia que tinha que me manter e vi também que no mundo moderno que a gente vive, a mulher trabalha .	Sempre preocupou em Ter uma profissão, conscientizando-se desde cedo das dificuldades financeiras de sua família, mesmo que seus pais não lhe cobrassem trabalhar Estava decidida a manter-se com seus próprios recursos. Dessa forma, o estudo do inglês, que inicialmente rela-

	<p>como é difícil mesmo, manter uma família, a situação financeira, eu mesma quis caminhar, ir atrás do negócio. Acho que também esse mundo moderno que a gente vive, em que todo mundo trabalha, não é mais aquela coisa que mulher trabalha. Eu comecei a ver isso tudo. Hoje eu me sinto realizada profissionalmente, me sinto bem, mas sempre vou tá correndo atrás.</p>		<p>cionava-se ao desejo de uma realização pessoal, transforma-se em opção profissional.</p>
26	<p>Mas o que me faz mover para frente é a aula que eu vou dar .Eu não quero uma aula 50% de conhecimento, quero dar uma aula 100%, perfeita. Perfeição é só Deus mas eu tento fazer o melhor que eu posso para poder dar o devido valor ao que os meus alunos pagam pelo curso que eles querem ter, e corresponder à confiança que eles têm comigo... Enfrentei obstáculos financeiros, a falta de incentivo do meu pai e de uma pessoa dizendo: “vai que você consegue”, e isso não me impediu de ir.</p>	<p>Me sinto realizada profissionalmente mas vou estar sempre correndo atrás. Quero dar uma aula cem por cento, fazer o melhor que eu posso para corresponder à confiança que meus alunos têm comigo .A aula que eu vou dar me faz mover para frente. Enfrentei a falta de incentivo do meu pai, de alguém dizendo que eu ía conseguir. Mas isso não me impediu de ir.</p>	<p>Move-se impulsionada pelo desejo contínuo de ser uma profissional competente. Sente que superou suas condições referentes à falta de incentivo de outras pessoas e de dificuldades financeiras.</p>

7.2 Apresentação descritiva da vivências por unidade temática

Este momento constitui-se num passo fundamental da pesquisa fenomenológica, pois nos possibilita compreender a estrutura do fenômeno em estudo. Aqui, a síntese das unidades de significados será integrada e transformada numa descrição consistente, que caracterizará a estrutura geral das vivências.

A descrição das vivências foi feita tomando-se o cuidado de assinalar, entre parênteses, os trechos das entrevistas que ilustram cada aspecto analisado. Utilizou-se o seguinte padrão: o sujeito está mencionado pelos respectivos números dos depoimentos – S1, S2, S3, S4; após o número, assinala-se com dois pontos (:) a passagem para o número do trecho de sua entrevista que expressa o tema em articulação. Assim, a indicação (S1: 19,23) significou os trechos 19 e 23 do sujeito 1 (um).

Como já referido anteriormente, foi possível apreender, após leitura detalhada das entrevistas, o conjunto de temas representativos, que foram organizados tendo como referência central a escolha profissional e os fatores que a influenciaram. A descrição das vivências teve esses temas como fio condutor sem, no entanto, prender-se a eles.

A escolha profissional: interesse, motivações e dificuldades

Neste primeiro momento da descrição sobre a escolha profissional, suas motivações e dificuldades fizemos referência estritamente aos aspectos que direcionaram os entrevistados às profissões que lhes despertaram interesse. Para, num segundo momento, ampliarmos essa descrição aos aspectos que se relacionam ao projeto de vida.

“... É mais a área social que eu me interesso mesmo...” (S3: 01)

Todos os entrevistados relataram seu interesse em realizar um curso superior atribuindo grande importância a esse aspecto em suas vidas. (S1: 01, 02, 17, 20, 21, 22; S2: 01, 03, 04, 09, 15, 19, 20, 21; S3: 01, 07, 14, 24; S4: 04, 05, 15). Eles se mostraram decididos a buscar a profissionalização através de uma formação ao nível de terceiro grau: *“...Nunca achei que não poderia ser um médico e comecei a estudar”*(S2:03). Entre todos, S1 e S3 foram bastante enfáticos sobre o propósito de ajudar pessoas através da profissão que queriam seguir (S1: 03,24; S3: 02,24): *“...Eu desejo as profissões que têm a ver com prestar ajuda pra alguém. Acho que me*

sinto realizada quando posso ajudar alguém.”(S3:24). Os outros dois entrevistados deram ênfase à busca de uma profissão que fosse um diferencial; que se sobressaísse do comum (S2: 20; S4: 23): “Eu achava que tinha boa capacidade para resolver situações, entender coisas mais complicadas e sensibilidade maior e que por isso eu poderia ter uma função mais sofisticada.”(S2:20).

Observou-se que todos os entrevistados, embora afirmassem uma certeza sobre a profissão que desejariam seguir, experimentaram momentos de ambigüidade decorrentes da insegurança sobre as possibilidades de concretização da sua escolha. Esse aspecto ficou evidenciado em S1 que ora expressou seu interesse por Medicina e por Aeronáutica, e ora declarou sua certeza em fazer Enfermagem, devido ao temor da concorrência no vestibular (S1: 01, 05, 08 e 17). S2 manifestou essa ambigüidade quando afirmou sua convicção em ser médico, mas inscreveu-se no vestibular para Engenharia Florestal. Já em S3, sua certeza foi dissipada em momentos que, diante das dificuldades, pensou em “jogar tudo pro alto” (S3: 09,11, 14). Encontramos em S4 essa ambigüidade em momentos que ora afirmou ver o estudo como o melhor caminho para atingir sua independência financeira, ora o trabalho como solução para atingir seus objetivos (S4: 05,13, 15, 18,20). Pode-se considerar, então, que por mais certos que estivessem sobre o curso que desejavam realizar, a vivência de conflitos e ansiedades se fizeram presentes frente à conscientização dos limites que teriam que transpor para concretizá-lo. Essa conscientização sobre os obstáculos que teriam que transpor levou todos os entrevistados a tentar realizar uma síntese entre seus limites e suas possibilidades: “*Eu não gosto de ficar sonhando com uma coisa que não pode acontecer...Eu tinha esse sonho e a maneira que eu achei para torná-lo realidade foi através do estudo.*” (S4:16)

Destacaram-se, entre as dificuldades mencionadas pelos entrevistados, a falta de apoio e incentivo da família, as limitações do ensino escolar recebido e a falta de recursos financeiros. No entanto, apenas S3 ressaltou o aspecto financeiro como um possível impedimento para a concretização da sua escolha profissional (S3: 03). Para todos os entrevistados, tais dificuldades acarretaram na busca de saídas para superação desse limite, levando-os a experimentar, simultaneamente, um sentimento de responsabilidade pessoal e de desamparo (no sentido de se perceberem como os únicos responsáveis pela concretização de suas escolhas): “*...Aí, eu acordei e voltei a pensar que tinha que estudar senão não vou conseguir o que eu quero pra mim*”.(S3: 13). Embora S1, S2, e S4 destacassem as dificuldades financeiras como um fator vivenciado, não

as tomaram como barreira para a concretização de sua escolha, mas se posicionaram de maneira otimista, tendo encontrado soluções para lidar com essa questão. (S1: 28, 29; S2: 08; S4: 15, 18). “...*Eu não podia depender mesmo e então comecei a trabalhar para me manter...*(S4:18). “...*Mas, eu não sentia isso como problema pois vivia num ambiente que outras pessoas também não tinham boa condição financeira. Não achava que para ser médico tinha que ser rico.*”(S2: 08)

A vivência de insatisfação frente à qualidade do ensino escolar recebido(S1: 15,16; S2:13; S3:18) levou os entrevistados à consciência de que seria necessário estudar mais “*por fora*” (S1: 15,16) e ao temor frente à concorrência no vestibular. Observou-se que S1 e S3 vivenciaram um conflito entre a consciência dessa necessidade de terem que se dedicar mais aos estudos e o desejo de empreenderem esforços em tal tarefa : “...*Ai, eu tenho que buscar...tirar essas falhas minhas. Tem também uma falha minha, eu não querer. Como eu sei que é algo concorrido, eu também tenho que buscar aprender mais não só na escola...*”(S1: 16). Percebeu-se que S1 é o único que declarou sentir-se apoiado pela família nos aspectos emocional e financeiro. Em S3 foram ressaltadas as limitações financeiras e escolares e a falta de apoio familiar, levando-o a experimentar uma forte angústia frente a tais limitações. (S3: 03, 09, 10, 18).

Observamos que S2, embora relatasse em seu depoimento as limitações do ensino recebido, a desestrutura do ambiente familiar e as dificuldades financeiras, considerou-as superáveis e como fatores de motivação para se empenhar na busca da concretização dos seus objetivos. (S2: 03, 08, 10,13, 16, 25). Da mesma maneira, S4 considerou a dificuldade financeira de sua família como fator motivador para a busca de uma melhor qualificação nos estudos e na profissão,(S1:13,14,16).

A importância do apoio familiar tornou-se um fator de destaque nas declarações de todos os entrevistados. S1 destaca a importância dos diálogos com seus pais para que ele pudesse avaliar os pontos positivos e negativos de sua escolha profissional (S1: 05,06,19) e, assim, poder definir-se. Ressaltou, também, o apoio incondicional dos pais a qualquer escolha profissional que ele viesse a fazer.

No entanto, em S2, S3 e S4 foram destacados os sentimentos de falta de apoio e incentivo dos pais ora gerando insegurança quanto às possibilidades de atingirem seus objetivos, ora impulsionando-os : “...*Minha mãe sempre falou que a única coisa que eles poderiam me dar era*

o estudo. Primeiro eu achei que não tinha jeito...mas as circunstâncias me faziam ver que eu tinha que me virar...”(S4: 15)

Torna-se importante destacar nos trechos (S2: 16, 19, 25, 26,27) e (S4:23,25) a forte influência do ambiente familiar sobre a decisão profissional, sendo que, como já se afirmou anteriormente, ao contrário dos sentimentos de paralisação e desânimo, relatados por S3, esses entrevistados se sentiram movidos a superar o ambiente de dificuldades: “...*Eu vi obstáculos ... lá em casa faltou um empurrãozinho ,meu irmão não estudou ,minha irmã formou e nunca trabalhou no que estudou .Eu acho que isso tudo me fez olhar mais ainda...não queria fazer isso também ...”(S4: 23).*

Vemos, então, nas vivências acima descritas, que a relação estabelecida com o ambiente familiar constitui-se num importante aspecto de influência na escolha profissional dos entrevistados, quer no sentido de servir-lhes de fator motivador para a concretização dessa escolha, quer no sentido de proporcionar-lhes insegurança e temor relativos às possibilidades de atingirem seus objetivos de profissionalização. A demanda de apoio familiar emerge como um invariante nos depoimentos, possibilitando perceber a importância que uma prática em orientação profissional deverá dar a esse aspecto, procurando proporcionar aos orientandos um espaço para refletirem suas relações familiares e as influências das mesmas sobre suas decisões profissionais. Revelou-se, também, como invariante nos depoimentos, a vivência de ambigüidade diante da escolha profissional, decorrente principalmente desse sentimento de falta de apoio emocional da família e temor da concorrência no vestibular. Outro aspecto que constitui-se como invariante nos depoimentos é a vivência das dificuldades financeiras como um obstáculo transponível na decisão profissional. A conscientização dessas dificuldades despertou nos entrevistados um sentimento de responsabilidade pessoal que os impulsionou na busca de soluções (trabalhar, procurar bolsa de estudos, buscar ajuda dos parentes) para lidar com essa questão. As dificuldades financeiras, portanto, não foram significadas como um fator de impedimento para a concretização da escolha profissional .

O projeto de vida: os objetivos de vida ;os conflitos, a influência do ambiente familiar

Para um melhor entendimento, considerou-se, nesse momento da descrição, os termos projeto de vida e projeto existencial de vida como correlatos. Os objetivos de vida foram considerados como uma manifestação desse projeto.

“...Eu acho que eu ia muito com a minha mãe aos médicos. Ela vivia indo ao médico e eu acompanhava muitas vezes e via muito problema. Assim, provavelmente eu sentia que podia ser uma solução para resolver as coisas lá em casa.” (S2:02)

Percebeu-se em todos os entrevistados uma compreensão das circunstâncias que os envolviam, levando-os a afirmarem seus objetivos de vida como força motriz para superar condições.

Em S2, a constante preocupação com sua família manifesta-se na busca de uma profissão que pudesse solucionar os problemas de sua casa. O cuidado com sua família revelou-se como um projeto maior, que tem na profissão uma forma de viabilizá-lo. S2 também relatou vivenciar sentimentos de depressão e de inferioridade devidos à violência e alcoolismo do pai: *“...é, talvez ser uma pessoa assim. Não sei exatamente, era um esforço para ser uma coisa que eu não sabia de fato. Eu não era nada nesse sentido... filho de alcoólatra... geralmente ele se sente muito zero, não sente que é pessoa, auto estima muito baixa...” (S2:16)*. Esses sentimentos foram associados aos sentimentos de culpa e responsabilidade pela situação familiar, também influenciando, de forma significativa, em sua escolha profissional. A manifestação do desejo de S2 em não ser “um funcionário qualquer” (S2:23) revela o seu projeto existencial de sentir-se reconhecido como pessoa, e de busca de superação do seu sentimento de inferioridade por ter sido um filho de alcoólatra. Observou-se que sentimentos similares são vivenciados por S3: *“...tinha dia que eu deitava em cima dos livros e chorava...de vez em quando bate uma tristeza pela falta de apoio de um pai, a gente sente quando não é filha de verdade...”(S3:19,21)*. A vivência de sentimentos depressivos na relação com o pai adotivo acarretou conflitos em S3 que interferiram na forma como se relaciona com os estudos. Ficou evidenciado, na entrevista (S3:21), que o sentimento de ausência do pai legítimo acarretou em uma dificuldade de investimento no seu projeto profissional, que ficou subjugado à necessidade do apoio paterno... *“Eu penso que por tá me atrapalhando assim, de vez em quando isso vem à minha mente, e isso fica, parece que me domina, e aí vem um monte de questão na minha cabeça...eu mesma crio um bloqueio...”(S3:22)*. No entanto, a cobrança da mãe (S3:14) tornou-se uma forte razão para que S3 continue em busca da concretização de sua escolha profissional. S3 revela no trecho 24 seu objetivo em terminar uma faculdade, estabilizar-se profissionalmente e poder ajudar as pessoas e sua família. Porém, observou-se (S3: 23) sua busca constante de referências e seu sentimento de carência quanto a um modelo a ser seguido. Tendo se apropriado do projeto de sua mãe para ela, ou seja, o de vê-la

com um diploma de faculdade, vive uma ambigüidade entre esses dois projetos: o de encontrar um pai que a apóie e o de agradar sua mãe:...*“preferências vêm desde criança, porque você tem alguma referência. Às vezes quer ser igual ao pai ou a mãe. Pensei em ser professora pelo fato do que ela representava pra mim.”*(S:3,23).

Percebeu-se, em S4, que sua experiência infantil de ter tido contato com a cultura inglesa, através de um filme e de livros, despertou-lhe um intenso desejo de conhecer aquele país (S4:01,02). Esse desejo transformou-se numa atração obsessiva por tudo o que se refere àquela cultura. Tendo a oportunidade de estudar inglês, ainda criança, dedicou-se com entusiasmo a essa atividade. Seu sonho de criança, de conhecer a Inglaterra, passou a ser o objetivo maior de sua vida, refletindo-se em sua decisão profissional de ser professora de inglês, não em qualquer lugar, mas na Cultura Inglesa. Observou-se que S4 destacou que os principais aspectos que chamaram sua atenção na Inglaterra foram a organização, limpeza e respeito daquele país em contraste com a cultura brasileira (S4:06,07). A identificação com uma cultura onde as *“coisas funcionavam direito”* emerge em contrapartida ao trecho (S4:19) em que o entrevistado declara sua insatisfação quanto à confusão do seu ambiente familiar:.. *“Eu não gostava da dependência que a minha mãe tinha do meu pai. E também na minha casa era muita gente, muita confusão. Morávamos com minha avó, onde ia todo mundo. Eu me incomodava com isso.”*

Na busca de uma compreensão sobre a relação entre o projeto de vida e a escolha profissional, arrisco afirmar que o projeto maior de S4 caracterizou-se pela busca de um espaço vivencial que lhe proporcionasse maior privacidade, organização e autonomia. Os trechos S4: 13,14,17,18,20,21,25 também contribuíram para a compreensão desse significado, por ressaltarem a busca de superação do ambiente familiar e a necessidade de independência financeira.

Em S1, ficou evidenciada a busca de conciliação entre o desejo de adquirir estabilidade financeira, constituir família e fazer o que considerou ser a vontade de Deus para sua vida: *“...Meu projeto é terminar o curso, fazer minha vida financeira, construir minha vida, aí há algum tempo eu caso, formo uma família... Só que eu tenho que pensar um pouquinho, como é que eu vou fazer isso tudo encaixando com o lado missionário...tem que conciliar tudo.”* (S1:25). Percebeu-se que, embora acredite que possa conciliar todos esses aspectos de sua vida, ressalta a sua relação com Deus e com a religião como fatores preponderantes em sua decisão profissional (S1:24). Pode-se destacar a presença de um conflito que resulta do contraste entre desejo de ser

missionário e do desejo de constituir família e ter estabilidade financeira: “...*O que eu quero mesmo é ter minha família e poder sustentá-la .*” (S1: 23). Percebeu-se, ainda, em S1, uma freqüente menção da vontade de entrar para a Aeronáutica (S1:03,05,19,20,21,24) associada ao desejo de tornar-se uma pessoa importante. O entrevistado revelou sua intenção de não desistir dessa possibilidade, mas apenas de adiá-la para o futuro. Ao referir-se como o único neto que irá realizar um curso superior, afirma sua intenção de “levantar o nome da família...”(S1:29). Observou-se, portanto, que o projeto existencial de S1 divide-se entre o anseio de ter uma família e poder sustentá-la, de prestar ajuda às pessoas, (destacando essa função como um chamado missionário vindo de Deus) e ser uma pessoa importante e de destaque. Essa diversidade de propósitos refletiu-se na variedade de profissões escolhidas (Medicina, Aeronáutica, missionário, Enfermagem) levando-o, inclusive, a enfrentar dificuldades para descartar alguma delas .

Pode-se, então, assinalar como um invariante, em todos os depoimentos, a manifestação de um projeto existencial que se evidencia na escolha profissional dos entrevistados. A experiência da escolha profissional teve, para todos, um significado que transcendia o sentido da tarefa a ser exercida na profissão, apontando, principalmente, para a direção da busca de um sentido maior. Destacam-se como invariantes nos depoimentos os projetos de busca de superação das condições familiares e a necessidade de alcançar reconhecimento pessoal. Destacou-se, a título de exemplo, os seguintes trechos relativos ao projeto de busca de reconhecimento pessoal.

“...*Eu tinha em mente fazer um negócio assim, algo importante.*” (S1:23)

“...*Ser bancário já seria um grande início de sucesso...só que eu achava que podia ser mais.*” (S2: 20)

“...*Ah, eu penso assim, e que tá bem, realizada profissionalmente, também pelo fato de é, eu sempre pensei, assim, em ser bem sucedida...*”

“...*Mas, eu tento fazer o melhor... e corresponder à confiança que eles têm comigo...*”(S4:26)

O projeto de busca de superação das condições familiares evidenciou-se nos seguintes trechos:

“...*E eu acho que sou o único que vai fazer vestibular, então eles vão me dar esse apoio: vamos levantar o nome da família.*” (S1:29)

“...*Mas eu penso que eu sofri e tentei elaborar isso da melhor maneira... E a maneira que eu tive foi sair daquele tipo de ambiente, daquele tipo de situação na qual eu vivia... profissionalizando.*” (S2: 26)

“...A minha mãe não pôde continuar a estudar por dificuldade financeira... Ela teve que trabalhar... Eu não quero fazer o mesmo.” (S3: 11)

“...Eu queria ser a adulta que trabalha para não passar pelas dificuldades que via lá em casa.” (S4:18)

As identificações: a responsabilidade pessoal, enfrentamento da realidade, referenciais de apoio.

“...Mas ainda eu tenho tempo, vou correr atrás ...não posso desistir, jogar os meus sonhos pro alto por causa dos impedimentos ...eu sei que eu posso vencer.”(S3:18)

“...Só eu sabia que se me esforçasse eu conseguiria. Pra mim era isso...”(S2: 11)

Como já foi dito anteriormente, todos os entrevistados descreveram sentimentos de insegurança e ambigüidade frente à conscientização dos limites que teriam que transpor para a concretização da escolha profissional. Essa insegurança instalou-se, primordialmente, a partir da constatação de que as restritas condições financeiras ,a falta de apoio emocional da família e a falta de boa formação escolar seriam fortes obstáculos a serem vencidos. No entanto, observou-se que em todos os depoimentos ficou evidenciado o sentimento de responsabilidade pessoal e a certeza de que a superação desses obstáculos dependeria da atitude que eles teriam que tomar . Percebeu-se em S2 e S4 a atitude determinada que tomaram para alcançarem seus objetivos. (S2:14,17;S4:15,18). S2, sentindo que a situação que o envolvia não lhe era muito favorável e que isso lhe exigiria um maior empenho pessoal, começou a estudar desde a sétima série para atingir o alvo de passar no vestibular : “...Tanto que eu estudava desde a sétima série para o vestibular, porque eu queria aprender. Porque era mais difícil pra mim...”(S2:17). Em S4, a consciência de sua responsabilidade pessoal acarreta na decisão de trabalhar e se empenhar mais nos estudos, pois seria o meio pelo qual atingiria sua independência financeira : “...Eu pus na minha cabeça que se eu quisesse qualquer coisa teria que estudar. Sabia que tudo que eu quisesse fazer teria que trabalhar...”(S4:15) . Sentimentos similares são vivenciados por S1 e S3 que, embora em contextos e situações diferentes de S2 e S4, decidiram se empenhar mais para atingirem seus objetivos de vida (S1:27;S3:19) .

Outro aspecto importante, revelado nos depoimentos, foi a referência às pessoas que se tornaram significativas por incentivá-los na busca de seus objetivos ,quer por ajudá-los

financeiramente ou por servir-lhes de modelo de identificação profissional. S1 destaca a identificação com seus tios que fizeram odontologia ,com seus primos que são da Aeronáutica (S1:17,S1:21) e com a missionária que o sensibilizou a pensar na necessidade de outros povos (S1:24). No entanto ,ressalta de forma mais significativa , seu tio e sua avó e o apoio que estes lhe darão por ser o único neto que vai realizar um curso superior. Percebeu-se em S2 o quanto foi significativo, para ele, ouvir uma de suas professoras dizer-lhe que conseguiria ser um médico (S2:06). Porém, declarou que sua maior fonte de referência e apoio foi sua religião : “...Acho que, se eu não fosse uma pessoa crente ,eu talvez tivesse tido outros tipos de comportamentos e talvez eu não estaria assim hoje...a fé foi um fator determinante porque através da Bíblia aprendi a prosseguir para o alvo, ir em frente” (S2:26,27). Observou-se em S3 a importância atribuída ao tio que se formou em Letras, por ter sido o único que lhe apoiou(S3: 07) Em seu depoimento, S3 destacou, também, a relevância dada a uma professora que a motivava através de elogios e incentivos, levando-a à identificar-se com ela: “...a professora falava, ajudava...me apoiava. Então eu queira ser igual à professora.”(S3:25). Em S4, destacou-se a importância atribuída a uma prima formada em Letras que era professora de inglês e não só a incentivou, como também custeou seu curso de inglês até o momento em que o entrevistado pôde pagá-lo com recursos próprios: “... Agora sei que ,se não fosse a minha prima me incentivar no inglês, talvez seria tudo diferente...” (S4:21) No entanto, convém destacar que o interesse de S4 por inglês é relatado como algo anterior à esse incentivo.

Como se pôde ver, todos os depoimentos revelaram a importância atribuída às pessoas que quer com palavras, ou atitudes, se fizeram presentes incentivando os entrevistados no seu processo de escolha profissional.

7.3 Estrutura geral das vivências

A partir do que se trabalhou, foi possível identificar a seguinte estrutura geral, comum a todas as vivências:

- A experiência de angústia revelada na ambigüidade vivenciada frente aos obstáculos relacionados à concretização da escolha profissional.
- A falta de apoio da família ,as restrições financeiras e as limitações do ensino escolar recebido vivenciadas como principais dificuldades no processo de decisão profissional.

- A vivência das dificuldades sendo significada, paradoxalmente, como fator motivador para a escolha profissional e como fator gerador de insegurança e desânimo.
- A demanda de apoio familiar frente ao processo de decisão.
- A vivência das dificuldades financeiras como um fator transponível na busca de concretização da escolha profissional.
- A insatisfação com o ensino público escolar acarretando temor do vestibular.
- O desejo de superar as condições familiares e a necessidade de reconhecimento pessoal como principais motivadores na escolha profissional.
- A importância atribuída às pessoas que com atitudes ou palavras incentivaram e apoiaram a decisão profissional.
- O sentimento de responsabilidade pessoal como gerador de tomada de atitudes que possam viabilizar a profissionalização.
- A busca de uma profissão como tentativa de resolução de conflitos e ansiedades relativos ao ambiente familiar.
- A experiência da escolha profissional revelando um significado que transcende o sentido da tarefa a ser exercida na profissão para um sentido mais amplo dado à existência.

Capítulo 8 - Articulando um Diálogo Final

“Nada e ninguém existe neste mundo cujo próprio ser não pressuponha um espectador. Em outras palavras, nada do que é, à medida em que aparece, existe no singular. Tudo o que é é próprio para ser percebido por alguém. Não o homem mas os homens é que habitam este planeta. A pluralidade é a lei da terra.” (Heidegger, 1988 apud Critelli, 1996, p.39)

A partir do trabalho de síntese realizado no capítulo anterior, percebeu-se a emergência de uma estrutura que articulou a vivência da escolha profissional com a expressão de vários fatores que repercutem sobre essa escolha. Foi possível visualizar o conjunto de aspectos que se interligam e revelar a profunda ressonância que o ambiente familiar e os objetivos de vida (considerados aqui, como manifestações do projeto existencial) tiveram na escolha profissional.

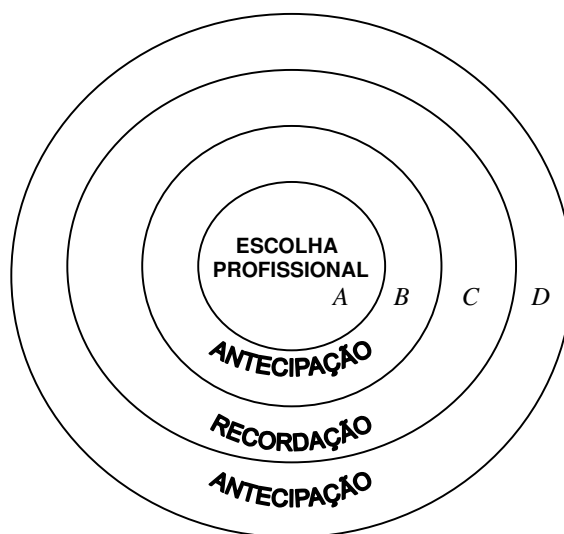
Segundo mencionamos no capítulo inicial deste trabalho, Bohoslavsky (1987) destaca que em toda escolha profissional está implícito um projeto de vida que direcionará a decisão da carreira que o jovem pretende seguir. Esse autor também ressalta que o mundo ocupacional é dinâmico e ninguém pode prever o sucesso, a não ser que seja entendido como uma possibilidade de superar obstáculos com maturidade. Observou-se, nas descrições de S2 e S4, expressões relativas ao grau de realização que experimentam diante dos objetivos de vida que já conseguiram alcançar. Como esses depoimentos nos forneceram um foco retrospectivo, pôde-se perceber a maneira como cada um dos entrevistados se posicionou frente às dificuldades vivenciadas e a forma como suas atitudes possibilitaram a concretização de suas escolhas profissionais. Se pensarmos no conceito de maturidade relacionado ao de responsabilidade, ambos, de acordo com o dicionário Aurélio (1975), nos remetem ao conceito de firmeza e determinação. Temos, então, evidenciados que S2 e S4 por sua firmeza e determinação em superarem os obstáculos que se impuseram, acabaram por atingir significativo grau de satisfação e sentimento de realização frente ao que projetaram para suas vidas. Observou-se, no entanto, que S3, vivenciando conflitos e ansiedades frente às possibilidades de concretização de sua escolha profissional elabora, ainda, de forma incipiente, maneiras de lidar com esta questão. Porém, já experiencia uma conscientização sobre sua responsabilidade pessoal de posicionar-se diante das circunstâncias difíceis que a envolvem. Não se pretende, nesta análise, afirmar que toda decisão independe da situação em que a pessoa se encontra. Objetiva-se, neste momento, evidenciar que

toda a situação quer social, quer familiar, quer educacional ,exigirá uma resposta de cada um de nós. Resposta, inclusive, que afetará o rumo de nossa vida. No entanto, não são as condições que nos cercam que determinarão a nossa vida, mas a maneira como nos posicionamos diante dessas condições. Observou-se que as dificuldades vivenciadas, principalmente por S3, relativas ao aspecto financeiro e ao ambiente familiar, foram também destacadas por S2 e S4. No entanto, o que se apresentou como fator desanimador para S3 foi motivador para os outros dois entrevistados. Neste momento da análise, podemos retornar às reflexões de Sartre (1997) sobre as significações dadas aos obstáculos e sua relação com o projeto existencial. Relembrando ao leitor, esse autor enfatiza que um obstáculo só será definido como obstáculo à luz do que o homem projetou ser. E mais, que esse obstáculo se revela em função do valor dos fins posicionados pela liberdade. Mencionamos anteriormente, ao descrevermos a vivência da escolha profissional de S3, que o seu projeto fundamental revelava-se como necessidade de apoio paterno. A falta dessa referência acarretou-lhe angústia e insegurança, como também, dificuldades em investir emocionalmente nos estudos. Para ilustrar esse aspecto, lembremo-nos da dificuldade que S3 relatou sobre o fato de estudar sozinha, declarando sentir-se motivada apenas quando encontra outros para lhe acompanharem nos estudos. Seu relato enfatiza a falta de referências como um forte obstáculo a ser transposto. No entanto, S2 destaca a convivência com seu pai alcoólatra e violento, sua mãe sempre doente e os nove irmãos para ajudar a sustentar, sem tomar esses fatores como obstáculos à concretização de sua escolha profissional: *“nunca pensei que não fosse conseguir”*. Não queremos realizar nenhum juízo de valor, mas com certeza, se formos considerar a opinião do senso comum, esses seriam sérios obstáculos à concretização de um desejo de fazer Medicina numa Universidade Federal e provavelmente, se S2 os tivesse significado como tal, mudaria para outro curso. Porém, seu projeto existencial de busca de superação das condições familiares e de seu sentimento de inferioridade levou-o a significar esse obstáculo como fator motivador. Não queremos também dar a entender que este projeto está subordinado às circunstâncias externas, pois, dessa forma, estaríamos realizando o contra-senso de considerar o projeto existencial determinado pelo ambiente. Mas ressaltamos, aqui, o princípio fenomenológico da intencionalidade da consciência, ou seja, essas dificuldades não foram significadas como obstáculos intransponíveis, porque S2 projetou para si superar o ambiente e diferenciar-se dele sendo um médico, profissão que considerava ser mais sofisticada. Considerando essa questão, voltamos a afirmar aquilo que anteriormente já foi dito, ao nos referirmos à concepção sartreana

sobre liberdade e projeto: encontramos obstáculos e resistências que não criamos, por toda parte, porém, eles só terão sentido na e pela escolha que fizemos. S2 poderia ter escolhido ser bancário pois era o que seu pai queria para ele, poderia ter como projeto agradar seu pai ou ficar em casa protegendo a família. Todas essas possibilidades estavam disponíveis a S2, no entanto, sua escolha só se explica à luz do projeto que ele criou. Da mesma forma, pode-se pensar na relação entre o projeto de S1 e sua escolha profissional. Seus pais lhe davam total apoio no que fizesse, seus familiares o ajudariam financeiramente, no entanto, decidiu, embora a princípio desejando fazer Medicina, prestar vestibular para um curso menos concorrido. Optou por fazer Enfermagem. Seu projeto de ajudar pessoas, ser também um missionário, levou-o a “contentar-se” com outra profissão que lhe possibilitasse atingir esse fim. Porém, em conflito sobre que sentido pretende dar à sua vida, S1 destaca sua ambigüidade entre o desejo de ser uma pessoa importante (revelado na dificuldade de abrir mão do desejo de entrar para a Aeronáutica), de constituir família e adquirir estabilidade financeira e também ser missionário conforme “a vontade de Deus”. Seu projeto existencial, multifacetado, expressa-se na diversidade de opções de trabalho que anseia poder conciliar. Torna-se importante ressaltar nessa análise que o trabalho não é a única dimensão da existência humana que encarna o projeto existencial, mas que a escolha profissional também é reveladora desse projeto. Evidenciando essa perspectiva, podemos constatar que S4 vivencia sua dificuldade financeira relacionando-a a um forte sentimento de desamparo, a um sentimento descrito como uma sensação de ter que cuidar de si mesma, senão, nada do que almeja para si será alcançado. No relato da vivência de S4, evidencia-se o momento do cuidado descrito por Heidegger (1988), que é experienciado a partir da sensação de abandono e da consciência de que se tem uma dívida para consigo mesmo. Para Heidegger (1988), essa dívida consiste em assumirmos a nossa própria existência. E esse momento do cuidado refere-se ao estar em situação numa posição de decisão, numa atitude de ter que lidar com a falta. Embora esse momento de ter que lidar com a falta, de assumir que somos responsáveis (no sentido de respondermos ao apelo da existência assumindo nossa precariedade) ficasse mais ressaltado em S4, podemos afirmar que todos os entrevistados revelaram a angústia descrita por Heidegger como vivência da ambivalência entre o ser e o não ser e também do chamamento de terem que cuidar de si mesmos e sustentarem o ser que são. Esse sentimento de angústia evidenciou-se em declarações que destacavam a resoluta convicção de cada um em assumir-se como responsável por sua vida.

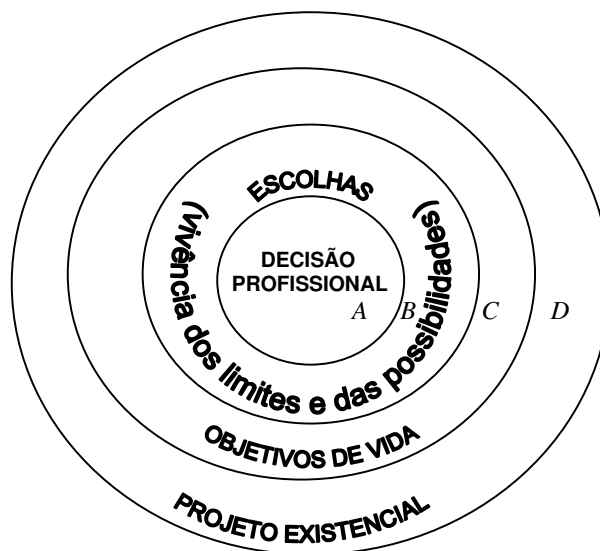
Em consonância com a estrutura geral das vivências, pôde-se perceber que a vivência da temporalidade enquanto antecipação do futuro torna-se um fator de fundamental importância na compreensão do processo de escolha profissional. Essa importância, ressaltada também, por Bohoslavsky (1987), remete-nos a relevantes considerações sobre essa escolha evidenciadas neste estudo. Para esse autor, como já mencionamos anteriormente, e em acordo com este estudo, ficou revelado que o adolescente preocupa-se muito mais com o que ele pode chegar a ser do que com o que ele é. Ao contrário dos orientadores profissionais que perspectivam muito mais o que o adolescente é. E essa dimensão prospectiva tem importância atual-ativa enquanto projeto para o adolescente, levando-o, inclusive, a experimentar conflitos e ansiedades com relação a esse futuro. A decisão profissional em relação à vivência da temporalidade e da liberdade pode ser ilustrada de acordo com as seguintes figuras :

A vivência da temporalidade no processo da escolha profissional



Em relação à vivência da temporalidade, a escolha profissional (A) adquire parte de sua significação porque ocorre sobre o pano de fundo da antecipação (B) de realizações que são significativas em virtude da recordação (C) de vivências que foram frustrantes ou satisfatórias. Tal recordação, no entanto, salienta-se apenas em virtude do pano de fundo adicional da antecipação (D) quanto à possibilidade de ser um adulto feliz.

Vivência da liberdade no processo da escolha profissional



Em relação à vivência da liberdade a figura ilustra que a decisão profissional (A) ocorre sobre o pano de fundo da vivência dos limites e das possibilidades (B), que por sua vez, se define a partir dos objetivos de vida (C) estabelecidos por sobre o pano de fundo do projeto existencial.

Tendo-se constatado, neste estudo, a importância atribuída ao apoio quer da família, ou de outras pessoas, os sujeitos entrevistados corroboraram com a perspectiva de Bohoslavsky (1987), que enfatiza a necessidade de se analisar os vínculos com o outro para se compreender o processo de escolha profissional. Observou-se que esses vínculos são referenciais significativos tanto no sentido de promoverem identificações como no caso de S4 na relação com sua prima que também é professora de inglês, como no sentido de promover sentimentos de inferioridade e insegurança, como no caso de S2 na relação com seu pai alcoólatra. Podemos destacar, também, S1 que, sentindo-se apoiado pelos pais, revela maior grau de segurança relativo à possibilidade de alcançar seus objetivos de vida e S3 que ressalta a importância do apoio de seu tio para a sua decisão profissional. De acordo com Bohoslavsky (1987), uma carreira, faculdade ou trabalho, cristalizará relações interpessoais passadas, recentes e futuras e ao examinar as relações com os outros com os quais se estabelecem relações primárias (membros da família) e aqueles com os quais se mantém uma relação de natureza secundária (pessoas que se conhece desse mundo em que se quer ingressar), será possível compreender importantes aspectos referentes ao processo de escolha profissional.

Como produto global de todas as particularidades da vivência da escolha profissional, pôde-se perceber o surgimento de um sentido final dessa vivência relacionado ao desejo de reconhecimento. Para iluminar a compreensão desse sentido, torna-se relevante destacar algumas considerações existenciais sobre tempo e angústia e relacioná-las à experiência descrita como desejo de reconhecimento. De acordo com Heidegger (1988), não podemos pensar o Dasein (esse ser aí), sem vê-lo enquanto ser no mundo, que se relaciona com os objetos intramundanos e que está mergulhado no cotidiano. Esse ser está envolvido pelo mundo das coisas, da profissão, do dinheiro, da moradia, da paixão, da política, da busca de um lugar ao sol e deve ser compreendido como sendo, essencialmente, esse ser com o outro. Por sua vez, Sartre (1997) enfatiza que um dos pilares da angústia gerada pela vivência temporal tem sua base em nossas relações com o outro, pois é nessa relação que me constituo como um eu; é o outro que me legitima. Daí, a busca do reconhecimento. Segundo a perspectiva existencial, na luta contra o tempo que nos leva para o desconhecido, para o anonimato definitivo da morte, o homem quer se fazer reconhecer por outro e ser eternizado por ele, quer através de uma grande obra, quer através da permanência na memória de seus familiares queridos ou de quais formas isso lhe for possível..

Esse desejo de reconhecimento evidenciado neste estudo encontra, portanto, ressonância nas reflexões existenciais, transformando essa teoria numa rica fonte de referências para a compreensão do processo de escolha profissional.

Para finalizar este diálogo com os autores, torna-se imprescindível destacar a vivência de ambigüidade dos entrevistados frente aos obstáculos relacionados à escolha profissional. Esse sentimento de incerteza, insegurança e angústia ora descrito pelos entrevistados, ora manifestado em momentos de choro e silêncio dos mesmos, esboça-se no horizonte da pós modernidade descrito por Giovanetti (2000) como o contexto em que a dimensão social irá tornar-se um elemento provocador da angústia, tendo muito mais impacto sobre o homem de hoje do que no início do século. Como já afirmamos anteriormente, segundo esse autor, tanto as relações interpessoais quanto as macrossociais apresentam elementos responsáveis pela vivência da angústia decorrente das transformações da sociedade e da maneira como o homem as tem experienciado. Percebeu-se na estrutura geral das vivências que a busca de estabilidade financeira, de superação das condições familiares e de reconhecimento vão ao encontro do que Giovanetti (2000) destaca, também, como a principal fonte de angústia do homem pós-moderno: o surgimento de um impedimento à busca de autonomia e do sentimento de insegurança

decorrente da desconfiança vivenciada nos tempos atuais. Isso confirma a dificuldade que é, para o homem, definir sua própria identidade, já que ele está inserido num mundo no qual “coisas” e gente se mesclam.

Considerações Finais

A partir da prática do trabalho em orientação profissional, desenvolvido mais especificamente na docência do ensino superior e nos projetos de pesquisa e extensão universitária direcionados aos alunos da rede pública do ensino médio, deparamo-nos com inúmeras situações, que ao fazerem parte desse universo, por seu impacto, foram trazendo à tona questões específicas sobre a escolha profissional e sua relação com o projeto existencial.

Atendendo e supervisionando cotidianamente adolescentes em busca de uma opção profissional e jovens estudantes de Psicologia ainda em processo de vivência de sua decisão profissional, fomos intensamente questionados e interpelados sobre os fatores que interferem nessa decisão, bem como, em que medida o sujeito pode se afirmar como agente dessa escolha. Assim sendo, a partir de uma série de situações inerentes ao trabalho desenvolvido em orientação profissional, foi-se configurando, de maneira insidiosa, o desejo de aprofundar o olhar sobre a questão da decisão profissional. A partir de então, este projeto de investigação foi sendo elaborado, até que sua proposta final erigiu-se, tendo por principal objetivo compreender a vivência da escolha profissional de sujeitos que são ou foram estudantes de escola pública e sua relação com o projeto de vida pessoal. Surgiu, a partir de então, a necessidade de elaborarmos um dispositivo reflexivo que nos permitisse pensar sobre o nosso fenômeno em estudo, sistematizando-o de alguma forma. Para isso decidiu-se utilizar quatro eixos centrais, a saber, uma explicitação sobre as teorias da escolha profissional, uma conceituação sobre a fenomenologia de Husserl, sobre projeto e liberdade em Sartre e sobre os temas temporalidade e angústia na perspectiva de Heidegger. Com isso objetivamos criar as condições de pensar sobre a vivência da decisão profissional e sua relação com o projeto de vida pessoal.

Inicialmente abordou-se o tema da escolha profissional na perspectiva dos principais teóricos sobre esse assunto para, a partir de então desenvolver-se uma proposta de compreensão sobre esse fenômeno numa perspectiva fenomenológico-existencial. Evidentemente que, num primeiro momento, não podíamos antecipar quais seriam as aproximações possíveis entre a decisão profissional, o projeto de vida pessoal e as contribuições que até no momento os estudiosos elaboraram a esse respeito. Foi por percebermos, através de nossa prática, a insuficiência das teorias da escolha profissional para alcançar questões referentes ao modo como

cada adolescente se posicionava frente a esse momento de decisão, que resolvemos configurar nosso campo de pesquisa como propriamente fenomenológico.

Evidentemente, ao assim colocarmos as coisas, não podíamos nos furtar de perguntar sobre como o homem vivencia a sua liberdade de escolha diante dos obstáculos que enfrenta para poder concretizar seu projeto profissional. Para isso lançamos mão do conceito de liberdade buscando compreendê-lo a partir das principais reflexões de Sartre (1997) sobre esse tema e as análises e correlações, por ele elaboradas, acerca do enfrentamento dos obstáculos. E dando continuidade a essa reflexão, julgou-se necessário recorrer a outros dois pilares da filosofia existencial denominados temporalidade e angústia para, dessa forma, ampliarmos as possibilidades de compreensão sobre o fenômeno em questão. Embora acreditando que esse seria um bom percurso, enfrentamos o desafio de praticar a epoché para “irmos às coisas mesmas e ali fundarmos a nossa compreensão”. Uma vez configuradas as vivências dos entrevistados, fomos surpreendidos com a forma como a vivência da escolha profissional e sua relação com o projeto de vida pessoal se configurou. Encontramos nessas correlações algumas respostas que nos fizeram experienciar o prazer de percebermos que havíamos, de fato, optado por um bom percurso.

Ao evidenciarmos a trama existencial na qual a escolha profissional se desenvolve, podemos perceber que, jamais uma prática em orientação profissional poderá pautar-se apenas na aplicação de testes ou em questionários a serem respondidos. Muito menos deverá conduzir-se através de processos “relâmpagos” em que quatro ou cinco sessões de grupo indicarão ao jovem o melhor caminho a seguir. Angústias, incertezas, desejos e convicções permeiam as vivências analisadas neste estudo, ampliando as possibilidades de compreensão sobre os fatores que se incidem sobre a decisão profissional e, levando-nos à questionamentos cada vez mais intrigantes sobre a forma como nós, psicólogos e educadores, poderemos, efetivamente, auxiliar o jovem em sua escolha profissional.

Um aspecto destacado na estrutura geral das vivências e deixado propositadamente para ser analisado nas considerações finais foi o sentimento de insatisfação dos entrevistados sobre o ensino escolar recebido, acarretando ambigüidade frente à escolha profissional e temor do vestibular. Pode-se observar que o anseio pela concretização de um projeto profissional esboça-se sobre a tela do projeto existencial, levando o adolescente a conferir significados ao vestibular e à faculdade que repercutiram em sentimentos e atitudes reveladores de um sentido maior dado à

existência. Sendo assim, a escola entendida como espaço de vivência e discussão deverá pautar-se num currículo que acolha o jovem em suas inseguranças e temores frente à escolha profissional, que promova um espaço de escuta, discussão e troca de experiências acerca dessa questão. Não uma discussão pessimista, mas que possa gerar a conscientização sobre os limites e as possibilidades que cada um significa em busca de sua concretização profissional e ofereça oportunidades de se pensar em saídas.

Vimos, nos depoimentos, a importância dada aos referenciais de apoio, o significado especial atribuído às pessoas que com gestos ou palavras incentivaram os entrevistados em sua trajetória escolar. Acredito que seja de fundamental importância que os educadores voltem, de maneira especial, os seus olhares para o aluno que está prestes a finalizar o ensino médio, não necessariamente porque ele tenha que decidir-se profissionalmente mas porque aquele que chegou até aí pode sentir-se como quem chegou “no fim dos trilhos da vida estudantil e pensa em continuar a jornada a pé”. Ou pode, também, cheio de esperança, mas carente de incentivo, estar esperando um gesto ou uma palavra que lhe reconheça como pessoa de valor e significado.

Quando destacamos a escola como espaço de vivência e discussão, penso também nesse espaço como lugar de **encontro**. Do encontro definido existencialmente como relação entre mim e o outro. Relação porque ambos (aqui, especificamente, educador e educando, orientador e orientando) somos responsáveis por um quociente que depende das modificações que se processam em cada um de nós e que, por sua vez, vai modificar um e outro, dando a indicação da grandeza dentro da qual um passou a conter o outro não somente lhe conferindo um rótulo, uma etiqueta, uma classificação, mas, acima de tudo, um sentido e um significado. A orientação profissional, também entendida nesse sentido, deverá, antes de tudo, promover um espaço reflexivo. Abandonando a forma de sessões, onde se aplicam testes, preenchem-se questionários, analisam-se rapidamente questões relativas a interesses, habilidades e influências familiares e externas, deverá formatar-se num modelo de psicoterapia breve visando, dessa forma, fornecer ao adolescente ou qualquer pessoa que intenciona decidir ou redecidir sua escolha profissional a possibilidade de refletir sobre o sentido de suas vidas e sua repercussão nessa escolha. Refletir também sobre os fatores que incidem sobre essa escolha e os critérios que utiliza para definir-se. Promovendo um espaço de escuta sobre os conflitos e ansiedades, antecipações e temores relativos ao término do ensino médio e às possibilidades e limites que vivenciam nesse momento.

Como fenomenóloga que sou, não posso deixar de compartilhar com o leitor, o impacto desta pesquisa sobre mim. Ao final deste estudo, senti-me privilegiada, primeiro porque vim de uma família pobre e como eles, vou em busca dos meus sonhos. Segundo, porque só ao concluir esta pesquisa é que tematizei essa vivência, não me lembrando durante as análises, que passei por dificuldades semelhantes às dos entrevistados. Dessa forma, vivo, neste momento, o encontro com meus pares e esse encontro sempre transforma. Terceiro, porque participei do espetáculo emocionante de ouvir os sonhos, as dificuldades e os conflitos de quatro pessoas que, tentando superar suas condições, acreditando ser possível, assumiram a responsabilidade por si mesmas e assumiram, também, a liberdade de tomar um novo posicionamento frente às determinações. Vi pessoas acreditando que seria possível e, contra todas as condições externas, conseguiram alcançar o seu projeto maior de se sentirem pessoas dignas. Isso trouxe-me perplexidade, fez reafirmar em mim a convicção de que o homem jamais pode ser pensado como um mero produto de condicionamentos. Por isso podemos pensar numa educação que aposta no ser humano e em sua capacidade de lidar com a quase esmagadora força da ditadura do mundo pós-moderno. Pensar, também, uma educação que é relação e que muito mais do que ensinar torna-se necessário enfatizar o “com-viver”, a troca de experiências, a reflexão. Ações transformadoras que na condição de ser-no-mundo que somos possibilitará que o dinamismo da vida traga sempre a esperança de que o projeto do humano que é ser pessoa, tenha sucesso.

Para finalizar, acredito ser importante assinalar ter esta pesquisa reiterado o meu desejo de continuar explorando, investigando e questionando o tema da escolha profissional pois percebo ainda ter muito a aprender. No momento, o aspecto que mais me instigaria a uma possível continuação seria a realização deste estudo em pessoas de outras camadas sociais.

Inegavelmente, através deste percurso, encontrei respostas. Muitas respostas que parecem ser importantes não tanto por sua quantidade, mas por sua significação, por sua grandeza, por sua beleza, pela profunda dimensão humana que apontam. Com certeza, a partir das vivências dos entrevistados, percebi que saí ressignificada. Pude aprender com eles que o sonho pode se tornar realidade, mesmo que aos olhos de outros possa ser julgado como um delírio.

Referências Bibliográficas

AMATUZZI, M. N. *Apontamento acerca da pesquisa fenomenológica*. Estudos de Psicologia, 13 (1), 05-10, 1996.

AUGRAS, Monique. *O ser da compreensão*. Petrópolis: Vozes, 1981.

AZEVEDO, M. C. *Não moderno, moderno e pós-moderno*. Revista de Educação – AEC, 22, 19-35, 1993.

BATISTA, João Bosco. *A caminho de uma nova ética: uma interpretação do pensamento de Heidegger*. Londrina: UEL, 2001.

BESSA, Maria Letícia da Castro. *Morte e Subjetividade – Estudo da Vivência de morte na parada cardio-respiratória*. Belo Horizonte: UFMG, 2004 (Dissertação de Mestrado).

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. *Fenomenologia: Confrontos e Avanços*. São Paulo: Cortez, 2000.

BICUDO, M. A. V. e MARTINS, J. A. p *Pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: Educ: Moraes, 1984.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani & ESPÓSITO, Vitória Helena Cunha. *Pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Artmed, 1994.

BOCK, S. D. *Orientação Profissional: A abordagem sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2002.

BOHOSLAVSKY, Rodolfo. *Orientação vocacional a estratégia clínica*. São Paulo : Martins Fontes, 1987.

CAPALBO, Creusa. *Fenomenologia e ciências humanas*. Londrina: UEL, 1996.

_____. *Fenomenologia e Hermenêutica*. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural, 1983.

CRITELLI, Dulce Maria. *Analítica do Sentido: Uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo: EDUC: Brasiliense, 1996.

DARTIGUES, André. *O que é fenomenologia*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

FEIJOO, Ana Maria Lopes Calvo de. *A escuta e a Fala em Psicoterapia: Uma proposta Fenomenológico-Existencial*. São Paulo: Vetor, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*: Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FERRETTI, Celso João. *Uma nova proposta de orientação profissional*. São Paulo: Cortes , 1974.

_____. *Opção: Trabalho*. São Paulo: Cortez, 1988.

FONSECA, A. M. *Personalidade, projetos vocacionais e formação pessoal e social*. Porto, 1994.

FORGHIERI, I. C. *Psicologia fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisas*. São Paulo: Pioneira, 1997.

FRANÇA, V. *Psicologia fenomenológica: uma das maneiras de se fazer*. Campinas: Ed. Unicamp, 1989.

FREITAS, MF. Barreiras e condições facilitadoras do desenvolvimento de carreiras percebidas por estudantes do ensino médio. Campinas (SP):Unicamp (Dissertação mestrado 2002).

GARRIDO, Sílvia Pimenta. *Orientação Vocacional e decisão: estudo crítico da situação no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1979.

GIOVANETTI, José Paulo. *Angústia e Psicoterapia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

GIDDENS, A. *Modernidade e Identidade Pessoal*. Tradução M. V. Almeida Oeiras: Celta, 1997.

HEIDEGGER, M. *O ser e o tempo*. Petrópolis: Vozes, 1988.

_____ *De camino al habla*. Barcelona: Serbal, 1990.

HOLLAND, John L. *Técnica de la Elección Vocacional – Tipos de Personalidade, Modelos Ambientais*. México: Editorial Tullas, 1975.

HUSSERL, E. *A idéia de Fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 1958.

LEVENFUS, R. S. *Psicodinâmica da escolha profissional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LIPOVETSKY, G. *A Era do Vazio*. Lisboa: Mandarin, s/d.

LUIJPEN, W. *Introdução à Fenomenologia Existencial*. São Paulo: EPV e USP, 1973.

MACHADO, Nilson José. *Cidadania e Educação*. São Paulo: Escrituras, 1997.

MARTINS, Joel & BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. *Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação*. São Paulo: Moraes, 1983.

MCDANIELS, Carl e GYSBERS, Normam, C. *Counseling for carrier development: theories, resoucer and practice*. Ed. Jossy-Bass, 1992.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Freitas Bastos, 1971

_____ *Ciências do Homem e Fenomenologia*. São Paulo: Saraiva, 1973.

MULLER, Marina. *Orientação vocacional: contribuições clínicas e educacionais*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

NOGUEIRA, Daniel Augusto. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thompson, 2002.

OLIVEIRA, M. A. M. T. *Dificuldades de decisão no processo de escolha profissional*. Campinas (SP): Unicamp (Dissertação mestrado 2001).

OLIVEIRA, LR. *Estudo do projeto de vida profissional de alunos universitários do curso de pedagogia*. Campinas (SP):Unicamp (Dissertação mestrado 2002).

PCN's: *Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental – Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental – MEC/SEF, 1998.

PELLETIER, D. BUJOLD, C. E NOISEAUX, G. *Desenvolvimento pessoal e crescimento pessoal*. Pretópolis: Vozes, 1979.

RIVAS, Francisco Martinez. *Psicologia Vocacional: Enfoques del Asesoramiento*. Madrid: Morata, 1988.

ROE, Anne. *Psicologia de las profesiones*. Madrid: Marova, 1972.

SARTRE, J. P. *O ser e o nada-Ensaio de ontologia fenomenológica*. Petropolis: Vozes, 1997.

SUPER, D. E. *Psicologia Ocupacional*. São Paulo: Atlas, 1980.

TAVARES, Hugo. *A Fenomenologia de Husserl*. Belo Horizonte: UFMG, 1984

WAHL, Jean. *As Filosofias da Existência*. Lisboa: Publicações Européias – América, 1962.